

CASARAM-SE E FORAM... ÚTEIS

Arnoldo Canclini

Edições Cristãs

© **Edições Cristãs – Editora Ltda.**

CASARAM-SE E FORAM... ÚTEIS

Arnoldo Canclini

1ª edição brasileira: fevereiro de 1987

2ª edição brasileira: junho de 2014

Tradução: R. J. A.

Capa: Daniel de Almeida Jané

ISBN: 978-85-7558-062-2

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da Editora.

EDIÇÕES CRISTÃS – EDITORA LTDA.

Caixa Postal 250

19900-970 – OURINHOS – SP – BRASIL

Endereço eletrônico: edicoescristas@uol.com.br

Site: www.edicoescristas.com.br

ÍNDICE

Dedicatória
Prefácio
Tristeza transformada em gozo
Unânimes no amor pelas almas
Resistência vitoriosa
Três histórias em uma vida
Deus antes que os homens
Um leão providencial
Sob as chuvas tropicais
Casamento sem namoro
Ajuda em tempo oportuno
Reunidos no além
“Sem barba e sem esposa”
“Unidos para lutar por Cristo”
Os “Três Mosqueteiros” missionários do século XX

.oOo.

DEDICATÓRIA

Enquanto escrevia estas páginas, o Senhor respondeu uma oração implícita na ação de atirar-me à tarefa.

Este livro apareceu ao cumprir-se o primeiro aniversário do dia em que o Autor recebeu o dom de alguém começar com ele um caminho de amor. Hoje, perante a mãe de meus filhos, torno a escrever a simples e profunda dedicatória da primeira edição na língua espanhola:

A ELA

.oOo.

PREFÁCIO

O título deste livro, “**CASARAM-SE E FORAM... ÚTEIS**”, pode parecer a alguns um erro e a outros, uma transgressão um tanto pedante do tradicional final dos contos que líamos quando éramos crianças: “Casaram-se e foram felizes”.

Mas tal mudança na conhecida frase não é apenas intencional, mas também forçosa. É lógico que, quando crianças, pensemos que duas vidas que se unem cumpram todo o seu propósito em ser felizes.

Mas, quando jovens, começamos a perceber que, na vida, há coisas maiores e mais importantes do que a própria felicidade. Isto se faz muito mais claro naqueles que compreendem que toda a sua vida deve estar orientada não para a sua própria vontade, mas para a vontade divina e muito mais ainda naqueles que têm resolvido entregar completamente sua vida a Deus para serem missionários, pastores, etc.

Entendemos, pois, que, ao dizer, “foram úteis” dizemos também que “foram felizes” porque, para aqueles que entregam sua vida a Deus, sem

utilidade não há felicidade e vice-versa. Assim, nunca se é mais feliz do que quando se é útil ao próximo e ao Reino dos céus.

Não vamos estender-nos em nosso prefácio, mas limitamo-nos a pedir aos jovens que leiam este livro que o façam com o mesmo espírito dos homens e das mulheres que figuram nestas páginas. Ponhamos de nossa parte não somente a consagração de um Hudson Taylor, o esforço de um Nelson ou a espiritualidade de um Brainerd, mas também – em sábia combinação com aquilo – esse algo doce e indefinível que faz com que todos os homens e mulheres, ao enamorar-se, sejam iguais e diferentes ao mesmo tempo, produzindo o amor apaixonado de um Martyn ou de um tímido Livingstone ou de um constante Moffat.

É difícil para muitos perceber como podem combinar-se num só coração aqueles dois amores. Que este livro os ajude a compreendê-lo. Com este desejo, amigo leitor, colocamos este livro em suas mãos.

O AUTOR

.oOo.

1

TRISTEZA

TRANSFORMADA

EM

GOZO

Tiago Hudson Taylor e Maria Dyer

Tiago Hudson Taylor pode ser considerado como um dos grandes missionários que partiram para o Oriente. Chegou à China em 1854, com vinte e dois anos de idade, como obreiro da Sociedade para a Evangelização da China. Anos mais tarde fundou a Missão para o Interior da China que atualmente é uma das missões mais ativas do mundo. Seu propósito foi evangelizar as regiões localizadas além das cinco cidades da costa, únicos locais onde se permitia que os estrangeiros se estabelecessem, inclusive os missionários.

Aquele grande homem, de quem podemos dizer que ensinou ao mundo cristão a maneira de adaptar-se às necessidades da China, encontrou a companheira de sua vida aos vinte e cinco anos de idade, dois anos após a sua chegada ao seu campo de trabalho, a cidade de Ning-Po.

Encontrou-a na pessoa de uma jovem missionária de dezenove anos que se chamava Maria Dyer. Ela tinha nascido em Penang, na Malaca, e era órfã fazia alguns anos. Seu pai, Samuel Dyer, missionário na China, tinha morrido quando ela era bem pequena e sua mãe quando ela tinha dez anos. Um carinhoso tio a tinha recolhido, juntamente com uma irmã e um irmão maiores, a educou na Inglaterra e administrava seu dinheiro que, apesar de não ser uma grande fortuna, permitia que os três pequenos Dyer se sustentassem com seus próprios recursos.

Miss Aldersey, uma fervorosa senhora de seu relacionamento, possuidora também de certos recursos, ofereceu a Maria e à sua irmã Burella uma colaboração no colégio que mantinha em Ning-Po. Maria ainda não se tinha entregado ao Senhor, mas, com o sentimento que aquele teria sido o mais fervoroso desejo de seu amado pai, aceitou ir à China. Durante a viagem encontrou o caminho de salvação e seu coração encheu-se de santo amor e de consagração, após converter-se das coisas do mundo para Deus. Ainda era bem jovem e a perspectiva de uma longa vida pela frente a levou a entregar-se de corpo e de alma ao Senhor que a tinha salvado.

Na época em que Tiago Hudson Taylor se mudou para Ning-Po, Maria tinha começado a colaborar com o casal Jones, missionários recém chegados, que tinham conseguido entrar em contato com pessoas de grande influência na sociedade chinesa. O profundo conhecimento que a

jovem possuía da língua, que dominava desde a sua infância, fazia dela uma decisiva ajuda. Embora sua ocupação fosse puramente educativa, não perdia de vista em nenhum momento que a sua missão fundamental devia ser a de ganhar almas e, por isso, trabalhar no ensino era, na realidade, evangelizar constantemente.

Algum tempo depois, Hudson Taylor dizia: “Isto foi o que atraiu meu interesse a ela. Tinha uma mentalidade muito espiritual, como seu trabalho demonstrava. Nessa época ela já era uma verdadeira missionária”.

Já que ambos formavam parte do reduzido grupo de missionários em Ning-Po, encontravam-se de vez em quando. Contribuía para isto o fato de ele viver sozinho e, portanto, eram mui frequentes as visitas que fazia aos seus colegas. Logo se sentiu atraído pela franqueza e pela naturalidade da jovem, que demonstrou ter ideias bem parecidas com as suas, embora estas se afastassem geralmente das ideias dos outros, especialmente nos aspectos práticos. Sem que ela percebesse, Maria começou a ocupar um lugar em seu coração, que até então estava vazio.

Taylor tratou desesperadamente de afastar de sua mente a amada imagem. O interior do país sem evangelizar chamava-o tão claramente que não podia duvidar que aquela fosse a indicação de Deus, ainda mais que ele estava convencido que, para tal tipo de serviço, uma esposa e um lar poderiam ser um impedimento.

Além disso, a sua situação econômica era outro obstáculo que a sua consciência opunha à ideia de casamento. Sabendo que a sociedade missionária que o tinha enviado à China estava com dívidas, voluntariamente tinha decidido não receber seu ordenado, em parte para ajudar a entidade e em parte porque cria que não era uma atitude própria de cristão contrair dívidas.

Esta convicção fez com que logo ele se desligasse da referida missão. Tinha-se sustentado até então com a ajuda de alguns amigos ingleses, mas não podia pensar em submeter outra pessoa a tal regime de vida.

Naquele tempo, as lutas internas sacudiam grandes regiões da China e, como consequência, Tiago precisou voltar para Xangai, lamentando ter que deixar numa perigosa situação a mulher a quem amava em silêncio. Mas aquela dor não era somente dele, pois também o coração de Maria estava começando a arder por Taylor. Embora rodeada de pessoas que a apreciavam e que a admiravam, ela nunca tinha sentido um verdadeiro amor e sua consciência e coração lhe diziam que essa necessidade se veria cumprida no jovem e solitário missionário.

Custou-lhe entender seus sentimentos e só os compreendeu perfeitamente quando, para sua grande alegria, Hudson Taylor voltou para Ning-Po pouco tempo depois. A ninguém ela contou seu segredo senão somente a Deus, que era o único que podia compreendê-la. A conduta de Hudson Taylor só provocava críticas.

Uns o criticavam por usar roupas chinesas, outros por tentar acomodar-se aos costumes do povo e outros ainda por suas ideias quanto aos problemas administrativos, que o deixavam quase na pobreza, apesar de ajudar constantemente os indigentes que encontrava pelo caminho. E era precisamente tudo isto, tão estranho e original, o que resultou ser o caminho para que ele se convertesse em um dos grandes missionários de todos os tempos. Por isso, ela orava constantemente pelo seu amigo, embora na sua presença tratasse de esconder seus sentimentos.

Assim se passavam os meses, nos quais ela não deixou de trabalhar um único dia, ao mesmo tempo em que orava por aquele jovem que tinha invadido o seu coração, pedindo a Deus que a ajudasse a compreendê-lo, a imitar a sua devoção, a ser digna do seu amor, se é que podia aspirar algum dia tal felicidade.

E, de repente, veio a grande e inesperada alegria. Uma carta dele. *Era a carta.* Ela não se tinha equivocado. Deus os tinha criado um para o outro e ali estava a prova.

Com tal importante notícia em seu coração, ela não pôde mais continuar calada a respeito e correu a contá-la a sua irmã, que acabava de comprometer-se com um missionário. Ambas logo foram levar a notícia a Miss Aldersey, que praticamente era sua mãe espiritual.

Terrível foi a sua surpresa, ao ver que a proposta era recebida por esta senhora de maneira muito diferente à que elas esperavam. Miss Aldersey tinha visto com agrado o compromisso de Burella, mas no caso de Maria ficou muito indignada.

“Taylor! Esse jovem pobre; esse Seu Ninguém! Como ele se atreve a pretender este namoro? É evidente que esta proposição deve ser recusada imediata e definitivamente”.

Maria fez tudo o que pôde para explicar-lhe as coisas boas que via nele, mas tudo foi inútil. Nada pôde convencer a inexorável Miss Aldersey e, como resultado, a jovem escreveu, ditada pela referida senhora, uma carta na qual dava por encerrado o assunto e declarava firmemente seu desejo de que não se falasse mais a respeito.

Para ambos os jovens, aquele foi um golpe duro, que tiveram que suportar longe um do outro. Talvez tenha sido mais doloroso para ela,

sendo mais jovem e mais inexperiente e mais privada de alguém que a consolasse.

Hudson escreveu a sua irmã:

“Necessitamos de paciência e nosso fiel Deus nos conduz a experiências nas quais, sustentados por Sua bênção, podemos cultivar em nós aquela grande virtude. Embora, às vezes, pareça que somos provados além das nossas forças, nunca encontramos que Deus seja incapaz de ajudar-nos e de sustentar-nos e, se nossos corações estiverem inteiramente submissos à Sua vontade, desejando que apenas ela se cumpra, quão poucas e leves nos parecerão as nossas aflições!”.

Diariamente. Taylor tinha que passar duas vezes perto do colégio onde ela morava, agora dirigido pela Senhora Bausum, e não podia deixar de dirigir-lhe longos olhares na esperança de vê-la. Aquela possibilidade se fez real um dia graças a um espírito amável que conhecia a ambos e que os apreciava: a senhora Jones.

Tendo compreendido o afeto que unia os dois jovens, procurou dar-lhes uma oportunidade para se encontrarem. Convidou Maria para colaborar novamente com ela e, como Taylor já o fazia, era lógico que se encontrassem mais uma vez.

Mas Miss Aldersey ficou sabendo do assunto e, no fim de uma reunião de oração das missionárias, pediu explicações à senhora Jones por aquela atitude que a indignava. Chegou a pedir a sua colega que lhe promettesse que Taylor e Maria não tornariam a encontrar-se em sua casa. Certamente, a senhora Jones não o fez, mas limitou-se a assegurar à sua enfadada amiga que nada faria para influenciar nas relações entre os dois jovens e que evitaria que eles aproveitassem seus encontros ali para estarem a sós.

Ela mesma informou a Taylor de sua promessa, o qual se sentiu obrigado moralmente a não escrever para Maria e nem avistar-se com ela. Entretanto, por estes dias, Taylor ficou sabendo que Miss Aldersey não era parente de sua amada e que não tinha nenhuma autoridade sobre ela, o que foi uma grande revelação para ele. Por isso, resolveu encontrar-se com as duas irmãs e perguntar-lhes se podia escrever a seu tio em Londres, pedindo a mão de Maria.

Imediatamente foi à escola para encontrar-se com as duas jovens e, deixando de lado todo o formalismo, solicitou-lhes alguns momentos para conversarem. Burella tomou a palavra, pedindo-lhe que entrasse, enquanto ela pedia autorização para a Senhora Bausum. Quando esta apareceu, Taylor descobriu que ambas as jovens tinham ido embora, saindo rapidamente por outra porta.

Burella tinha adivinhado o propósito do visitante e pressionou a irmã a tomar tal atitude, aceita por Maria de mau grado.

Ele fez uma única coisa. Voltou para sua casa e se pôs de joelhos perante o Senhor, implorando Sua direção e Sua ajuda, tanto para ele como para ela.

Aquela situação difícil durou pouco. Em um cálido dia de verão, as mulheres missionárias se reuniram novamente para uma de suas periódicas reuniões de oração. Aquela reunião deveria ser no local de trabalho dos Jones e de Taylor. Antes de terminar, desabou uma grande tormenta que inundou todas as ruas vizinhas e cobriu a ponte que unia este bairro com a cidade.

As missionárias tiveram que esperar um longo tempo antes de poder retirar-se e o mesmo aconteceu para o Senhor Jones e para Taylor, que estavam do outro lado da ponte.

Quando estes puderam chegar, quase que todas as visitantes tinham ido embora, mas um criado lhes informou que a senhora Bausum e Maria ainda estavam ali.

O Senhor Jones tomou uma resolução: “Vá ao meu escritório”, disse ele ao companheiro, “que tratarei de arrumar uma entrevista”.

Os minutos de espera foram poucos, mas ao impaciente enamorado pareceram ser uma eternidade. Seu amigo regressou dizendo que a senhora Bausum e Maria estavam sós com sua esposa e que teriam muito prazer em conversar um momento com ele.

Sem pensar sequer no que diria ou faria, Taylor subiu rapidamente para o primeiro andar, onde estavam as visitantes e ali se encontrou frente a frente com sua amada. É verdade que havia outras pessoas, mas ele só tinha olhos para ela. Por isso não é de estranhar que, naquele momento, lhe dissesse tudo o que era possível dizer... em público e, talvez, algo mais. Seu plano era escrever ao tio de Maria pedindo licença para o namoro, mas, sem perceber, deixou extravasar todo o sentimento que tinha em seu coração para com ela.

E ela? A ela aconteceu o mesmo, porque deixou que suas palavras saíssem sem dominá-las, pensando que aqueles que os rodeavam eram seus sinceros amigos, que desejavam o bem para ambos. Os demais escutavam em silêncio. Hudson Taylor pôs o ponto final ao encontro de uma maneira digna dele e de seus companheiros: “Agora, ponhamos tudo perante o Senhor em oração”.

E a carta foi escrita. A resposta demorou alguns meses em chegar devido às grandes distâncias e, durante este tempo, eles não se sentiram livres para encontrar-se novamente ou para escrever-se. Além disso, não

era prudente que o fizessem para não deixar Miss Aldersey ainda mais enfurecida.

A mesma Maria tinha informado Miss Aldersey a respeito da carta e o sentimento daquela senhora era de profunda mágoa.

Ela estava convencida sinceramente que Taylor não era o candidato que correspondia à sua jovem amiga e, pelo fato de Taylor, por questão de consciência, ter-se desligado da missão, resolveu fazer tudo quanto estivesse ao seu alcance para evitar aquele casamento.

A primeira coisa que fez foi escrever ao tio de Maria, acrescentando más informações sobre o pretendente. Quase todas as informações, claro está, estavam relacionadas com questões práticas e não sobre questões morais ou espirituais. Também não hesitou em fazer conhecidas suas opiniões a respeito a todos os que a rodeavam.

A roupa chinesa usada por Hudson Taylor era motivo das mais severas críticas, como também a sua posição de inteira dependência de Deus em relação ao dinheiro, convertendo-o em um “fanático em quem não é possível confiar, enfermo de corpo e de alma”, em poucas palavras, “completamente indigno”.

Enquanto os meses corriam, aquelas notícias circulavam entre os europeus de Ning-Po e Taylor se encontrava cada vez mais só. Em seu isolamento, meditava muitas vezes em seu futuro, que lhe prometia viver isolado de todos, unido tão somente a Deus e à esperança de uma resposta favorável da parte do tio de Maria. Mas e se esta resposta fosse negativa? Era muito difícil saber que rumo tomar, neste caso.

Era bem provável que aquele senhor vivendo em terras tão longínquas se deixasse influenciar por Miss Aldersey a quem conhecia e que não considerasse aquele desconhecido, pobre e solitário, como era ele. Mas, por outro lado, estava certo que era a vontade de Deus que se casasse com aquela jovem e esperava tranquilo e confiado.

O mesmo acontecia com ela. Certa vez, por exemplo, ela encontrava-se em visita à casa dos missionários Gough, que tinham uma grande simpatia por Hudson Taylor. O senhor Gough falou do jovem, demonstrando grande apreço e o coração de Maria se encheu de saudades.

Foi diretamente para o seu quarto, onde permaneceu de joelhos durante longo tempo em silenciosa dor. Ao alcance de sua mão tinha uma Bíblia e, tomando-a, encontrou estas palavras do Salmo 62.8: “Confiai nEle, ó povo, em todo tempo; derramai perante Ele o vosso coração; Deus é o nosso refúgio”.

Nestas palavras encontrou consolo e, mesmo muitos anos depois, afugentou a dor de sua alma lendo esta passagem e observando as sublinhadas linhas que tinha marcado naquela noite.

À medida que o tempo passava, aproximava-se a data que era provável que a resposta chegasse. Para tornar a situação ainda mais aflitiva, ele caiu doente e, em seu leito, a lembrança de Maria se lhe apresentava sem cessar.

Em sua carta a uma irmã relata assim pensamentos noturnos: “De repente, senti a presença de minha querida Maria. Chegou silenciosamente e senti tal arrebatadora tranquilidade que concluí ela devia estar ali. Por algum tempo me senti fascinado e então, sem abrir os olhos, estendi minha mão e ela a tomou tão suavemente que não pude evitar um olhar de gratidão.

“Proibiu-me que falasse e me pôs sua outra mão na testa; então senti que minha dor de cabeça, que até então tinha estado atormentando-me, e a febre desapareciam sob o contato de sua mão. Disse-me que não ficasse intranquilo..., que ela era minha e que eu era seu e que devia permanecer quieto e tratar de dormir. Assim o fiz, acordando algumas horas mais tarde, muito fraco, mas livre da febre.

“Eu o chamaria um doce sonho. Só que estava tão acordado como agora e senti seu contato tão claramente como agora sinto o do lápis e do papel. Todo meu medo durante a febre era que nosso amor fosse reduzido a nada, assim você já pode imaginar como aquilo me tranquilizou”.

Quatro meses depois chegou a resposta; era favorável. O tio de Maria, um homem prudente e sensato, não tinha deixado influenciar-se nem pela carta de Hudson Taylor e nem pela Miss Aldersey. Tinha procurado a todos quantos poderiam dar-lhe informações a respeito do pretendente e absolutamente todos deram informações favoráveis a ele.

As pessoas encarregadas da Sociedade para a Evangelização da China falaram muito favoravelmente de seu fervor, de sua consagração e de sua firmeza. Portanto, deixando de lado todos os rumores, consentia no casamento de sua sobrinha com a única condição de que ela esperasse para tal atingir sua maioridade. E, para isto, só faltavam três meses. O gozo o fazia pular de entusiasmo, mas logo lhe surgiram dúvidas sobre seu dever imediato. Era impossível ir buscar sua Maria e seria um absurdo pensar em chamá-la para a sua casa. Que devia fazer?

Novamente apareceu um coração carinhoso para ajudá-lo. Ninguém sabe como é que a senhora Knowton, uma missionária americana, ficou sabendo do que estava acontecendo.

Ela reunia duas virtudes: apoiava a união dos dois jovens e morava num lugar formoso e afastado. Então ela escreveu uma nota para Maria, convidando-a para ir vê-la. E se coincidentemente houvesse mais alguém naquele momento...?

Bem, estas coincidências ocorrem em todo lugar, inclusive na China.

Foi assim que, na sala da senhora Knowlton, ele esperou que o mensageiro chegasse à casa da jovem e voltasse com ela. Quando ela ainda estava longe a viu chegando; com impaciência a viu aproximar-se, a observou entrando na casa, acompanhou o ruído de seus pés subindo a escada, abriu-lhe a porta e... finalmente, sós! Naquele momento, ele deixou brotar de seus lábios todo o conteúdo daquela carta!

Mesmo muitos anos depois, a alegria daquele momento não o tinha abandonado. Quarenta anos se tinham passado quando ele escrevia: “Sentamo-nos um ao lado do outro no sofá, com sua mão na minha. Jamais se esfriou meu amor por ela. Não se esfriou até o momento presente”.

Comprometeram-se imediatamente e puseram-se a preparar seu casamento. Meses de gozo e de nervosismo foram aqueles, mas que, de maneira nenhuma, relaxaram seu serviço cristão.

Quinze dias antes do casamento, ele achou por bem recordar à sua futura esposa sua situação econômica, vivendo em absoluta dependência de Deus, por meio de Seus servos, aos quais nunca pedia dinheiro.

A doce voz de Maria interrompeu: “Você se esqueceu”, exclamou ela, “que quando eu era uma menina fui abandonada, órfã, numa terra estranha? Deus tem sido meu Pai durante todos estes anos e você acha que agora terei medo de confiar nEle?”

“Meu coração pulava de alegria”, dizia ele, ao contá-lo. “E com razão, pois o preço de uma mulher assim excede o de muitos rubis!”

O casamento realizou-se no dia 20 de janeiro de 1858. Ele estava vestido com suas roupas chinesas e ela com um simples vestido de seda cinza. Uma semana depois, no diário de Taylor lia-se:

“Somos tão felizes! O Senhor mesmo transformou nossa tristeza em alegria, dando-nos o ‘galardão de louvor para o espírito dos céus’...”

“Ele respondeu todas nossas orações, venceu toda a oposição daqueles que queriam separar-nos, justificando a confiança que Ele mesmo nos tinha levado a pôr nEle e, realmente, nos fez muito felizes”.

Seis semanas depois, já de regresso ao seu campo de trabalho, escrevia: “Ah, estar casado com quem verdadeiramente se ama, com a maior ternura e devoção, isto é uma bênção que vai além do poder que as palavras possuem para expressá-lo ou a imaginação para concebê-lo.

“E cada dia, à medida que mais conhecemos a mente do ser amado, nos sentimos mais satisfeitos, mais felizes, mais humildemente agradecidos ao Doador de todo o bem pelo maior dos Seus dons terrenos”.

.oOo.

2

UNÂNIMES NO AMOR PELAS ALMAS

**Jorge D. Boardman
e Sara Hall**

Certo tipo de leitura muito em voga em nossos dias tem feito que muita gente – jovens em sua maioria – tenha uma ideia prejudicial em relação ao amor, segundo a qual toda história de amor deve estar “enfeitada” por certo número de dificuldades, lágrimas e desavenças que sirvam para... ninguém sabe para o quê!

A história que relatamos agora, de duas almas que se amavam o mais profundamente possível e que lutaram unidas enquanto durou sua vida, mostra o ridículo desta ideia.

Realmente, nada pôde ser mais simples do que o namoro e o casamento de Jorge Bordman e Sara Hall. Ambos tinham idênticos alvos em sua vida; conheceram-se, compreenderam-se e, finalmente, casaram-se. Tudo isto aconteceu nos Estados Unidos da América a partir do ano de 1823.

Jorge era um jovem professor de vinte e dois anos, no Colégio de Waverly, no estado de Maine. Constantemente ele tomava conhecimento de notícias da obra missionária que seus irmãos realizavam na Birmânia.

Os nomes de Judson, Colman e Wheelok, pioneiros daquela formosa obra, lhe eram mui familiares e, por isso, a triste notícia da morte dos dois últimos o comoveu profundamente e o fez decidir-se a ocupar um daqueles lugares vagos.

Idênticos pensamentos acudiram, ao mesmo tempo, à mente de Sara Hall, jovem cristã de apenas vinte anos, e mui consagrada, que vivia em Salem, no estado vizinho de Massachussets. Desde a sua conversão, alguns anos antes, a possibilidade de trabalhar na obra missionária tinha sido considerada por ela com muita seriedade, embora estivesse mais orientada a trabalhar entre os índios do seu próprio país.

Deus quis que estas duas almas gêmeas se unissem para a maior glória do Seu Reino e, para isto, enviou Jorge a Salem.

Humanamente falando, o fato se deu por intermédio de um grupo de senhoras que resolveu trabalhar para a salvação dos negros e o enviaram para pregar em Massachussets.

Ali o jovem fez numerosas amizades, especialmente entre aqueles que estavam cheios de igual zelo e, logicamente, Sara não podia ficar de fora. Isto se tornou possível enquanto ele visitava Boston e suas redondezas, no mês de abril, oferecendo-se como missionário para a Birmânia.

Não foi necessário que os dois jovens se encontrassem muitas vezes para compreenderem que suas aspirações eram exatamente iguais em tudo e principalmente no serviço cristão, que era o que mais importava a ambos.

Para deixar isto ainda mais patente, os projetos de Sara tinham sofrido uma mudança recentemente: as notícias da morte de Colman e, principalmente, de Wheelok, fizeram inclinar seu coração para a Birmânia.

A visita da senhora Ana Judson, esposa do herói da obra cristã naquele país, e as palavras que ouviu de seus lábios confirmaram sua decisão.

À medida que se conheciam melhor, chegaram a amar-se e a compreender que os dois unidos serviriam a Deus com maior eficácia do que separados.

Anos mais tarde, conversando com um amigo, ele assegurou que não foram os encantos pessoais daquela jovem que o tinham atraído – embora fossem muitos, especialmente a habilidade literária – mas o que ele chamava “sua excelência intrínseca”, que se fazia mais agradável pelo seu

caráter modesto e reservado, quase que tímido, e que mais adiante mudaria diante das necessidades do trabalho na Birmânia.

Jorge confiava em ser enviado ainda aquele mesmo ano para o Oriente, junto com a senhora Judson, mas outros missionários, o casal Wade, estavam esperando fazia mais tempo e tomaram o seu lugar. Aquilo foi uma mostra da sabedoria dos planos divinos, pois que, se embarcasse imediatamente, o faria antes de conhecer a Sara e não teria conseguido a ajuda tão eficaz que encontrou nela.

O tempo que precisou esperar foi ocupado completamente em sua preparação e na Obra de Deus. Seu diário e suas cartas nos revelam que o amor às almas necessitadas era o sentimento que o dominava por completo e o que desta época nos ficou das mãos de Sara mostra que a sua mente correspondia plenamente à de seu amado.

Antes do seu casamento fizeram uma visita à família Boardman, em Nova Sharon, onde a jovem provocou uma excelente impressão.

Casaram-se no dia 4 de julho de 1825. Celebraram seu casamento com uma simples festa e não se esqueceram da família do noivo, que estava bem longe, à qual enviaram um bom pedaço do bolo de casamento dentro de um caixote de madeira, que ainda alguns anos depois, era conservado como uma relíquia.

Jorge tinha sido dedicado ao ministério no dia 16 de fevereiro e ficou ocupado durante aqueles últimos meses com uma viagem de despertamento missionário.

No dia 16 de julho, isto é, doze dias após seu enlace, embarcaram rumo à Birmânia e, apesar de estarem cheios de gozo porque sabiam que o Senhor os enviava, havia uma grande dor em seu coração por causa da vida de seus parentes que ainda não tinham entregue suas almas a Cristo. Por isso, em sua carta de despedida diziam:

“Digam-lhes que é nosso último e melhor desejo que não meçam esforços até que possam descansar na boa esperança de Jesus”.

Enquanto navegavam, Sara deixou correr sua hábil pena e dela brotaram os formosos versos que, a seguir, transcrevemos e que perdem muito do seu encanto ao serem traduzidos:

*Quando esteja longe daqueles cuja ternura
do mal da juventude me protegeram
e longe dos que recebiam, alegres,
o doce carinho de uma irmã,*

*Quando, numa ribanceira pagã e distante,
olhe o oceano profundo e azul
e saiba que as ondas que ali levaram
nosso barco me têm deixado só para você,*

Talvez uma lembrança dos juvenis dias

*de meus olhos as lágrimas façam brotar
e fragmentos de cantos esquecidos
o eco de um suspiro talvez despertarão.*

*Oh, você pode então minhas lágrimas perdoar?
A meu coração, ao estremecer, você perdoará?
E me ensinará as benditas regiões onde
se reúnem os amigos para não perder-se mais?*

*E quando o forte temporal sobreviver,
quando por algum profundo e inesperado pesar
meu rosto empalideça e minha forma se desgaste
você me mostrará o alívio doce e feliz?*

*E então, com voz calma,
as dores de Cristo pra mim contará
fazendo regozijar meu coração aflito
com aquela boa palavra: 'Tudo está bem?'*

*Quando a solidão e as forças faltem
e um dia a enfermidade me tomar,
oh, você velará vigilante
à cabeceira de sua amada moribunda?*

*E quando a mão fria da morte
me leve ao meu lar, lá no céu,
e à terra úmida e repulsiva,
em abraço frio, esta forma seja entregue,*

*Oh, necessito perguntar se então,
na noite doce e estrelada,
você irá ao vale solitário
para meditar ali sobre o meu túmulo?*

*E quando sua memória volte atrás,
buscando cenas e dias já passados,
oh, que o véu do amor oculte
a fragilidade da que já dorme!*

*Você poderá alegrar-se e regozijar-se
porque alegre é o gozo do prazer
e, quando através das lágrimas fitar o céu,
nosso Deus alívio lhe dará.*

*Em meu sepulcro se ajoelhará,
quando eu não mais puder orar,*

*e seu coração voltará a dar a Deus
que inúmeros pesares por você suportou?*

*E, enquanto sobre a terra seus pés estiverem,
e felizes cenas aqui observar,
com amor santo e completamente absorta
no céu para recebê-lo eu esperei.*

Sara nem imaginava que aqueles seus desejos não seriam cumpridos, pois seria ela quem veria seu cônjuge levado “pela mão fria da morte”. A saúde de Jorge sempre tinha sido muito delicada e apresentava sintomas de tuberculose desde a sua juventude.

A terrível enfermidade o consumiu rapidamente e deu-lhe apenas sete anos de trabalho e de casamento que foram, apesar de sua brevidade, extraordinariamente fecundos.

Mais tarde, ela chegou a ser a esposa do maior missionário naquele país, Adoniram Judson, ou seja sucessora da mulher que a ajudou a decidir-se em sua vocação. Mas isto será contado em outro lugar.

.oOo.

3

RESISTÊNCIA VITORIOSA

**Roberto Moffat
e Maria Smith**

Em 1811, um rapaz escocês de dezesseis anos se despedia de seus pais, partindo para uma cidade longínqua à busca de trabalho. Era jardineiro de profissão e em Cheshire, seu ponto de destino, tinham-lhe prometido um bom emprego. Como as necessidades econômicas de sua família eram grandes, precisou sair, apesar da dor de seus pais e irmãos.

Ao dar o último adeus a sua mãe, esta lhe pediu que fizesse uma promessa: que jamais deixaria passar um dia sem que lesse a sua Bíblia. Essa promessa foi o que manteve este jovem em contato com a fé de seus pais, apesar de viver num ambiente onde tudo eram blasfêmias e vícios.

Quatro anos mais tarde, um casal amigo o convenceu a acompanhá-los a uma reunião metodista e, superando os preconceitos, aceitou e foi. Neste local, ele recebeu o Senhor como seu Dono e Salvador de sua vida e, não muito tempo depois, resolveu ir como missionário à África, para onde foi em 1816.

Enquanto isso, porém, aconteceram alguns fatos em sua vida aos quais dedicaremos nossa atenção.

Antes diremos que aquele jovem que chegaria a ser um dos mais famosos missionários da África, chamava-se Roberto Moffat.

Ao converter-se, começou a sentir-se incomodado em seu serviço e tratou de arrumar outro. Teve a sorte que outro jardineiro da vizinhança, um crente fiel, chamado Smith, lhe ofereceu serviço e para lá foi Roberto, contando na época vinte anos de idade.

Um dia, não sabemos como, teve uma surpresa. Podemos imaginá-lo inclinado com uma enxada ou com uma pá na mão, trabalhando no jardim, quando, às suas costas, ouviu uma voz que o cumprimentava.

Virou-se, respondeu à saudação e encontrou-se frente a frente com uma formosa jovem, que tinha aproximadamente a sua idade. Era Maria, a filha de seu patrão. Roberto sentiu dentro de si aquela indescritível sensação que parece dizer: “É ela!”

Iniciou uma conversa com ela. Era muito piedosa, como seus pais, e cheia do mesmo espírito de amabilidade que ornava àqueles.

Encontros como este foram repetindo-se vez após outra. Os dois jovens foram sentindo-se cada vez mais unidos, tanto em si como no serviço cristão, pois ambos tinham idêntico alvo: ser o mais úteis que fosse possível na Obra de Deus.

Quando ele lhe disse, com temor, que estava pensando sair como missionário, ela replicou feliz que também este era o seu ideal. Tudo os

unia: o amor a Deus e o amor entre si e tudo parecia oferecer-lhes um futuro feliz.

Mas, chegando o momento decisivo, quando ele devia partir, aconteceu uma coisa que nenhum dos dois podia imaginar: o senhor Smith não consentia que sua filha, sua única filha, a companheira de sua esposa, fosse embora para tão longe. Não houve argumento capaz de convencê-lo e Roberto ficou diante de uma encruzilhada: casar-se com Maria e ficar ali ou ir à África e, talvez, perdê-la para sempre.

Não duvidou nem um momento quanto ao que devia fazer. Deus o chamava e foi. Não precisamos do relato de nenhuma testemunha, nem das palavras de nenhum dos jovens para compreender a dor daqueles amantes corações. Mas a certeza de que Deus assim o queria temperou sua dor.

Chegando ao Cabo da Boa esperança, foi rumo ao norte, à região onde haveria de trabalhar durante muitos anos. Apesar da taxativa resposta do senhor Smith, nunca perdeu de vista a possibilidade de trazer a sua amada ao Cabo para viver com ele. Por isso, durante dois anos e meio, escreveu-lhe carta após carta e sempre recebeu as respostas de Maria.

Na primeira destas, ela lhe dava certas esperanças, mas nas duas seguintes ocorreu exatamente o contrário: tão contundente tinha sido a resposta de seu pai que ela mesma já se tinha feito a ideia de que nunca poderia casar-se com Roberto, sabendo que este, por muito que a amasse, sempre poria em primeiro lugar a vontade de Deus.

Ao relatar estas tristes notícias a seu pai, Moffat comentava numa carta: “É claro que ultimamente tenho estado muito abatido, mas, ao mesmo tempo, tenho podido amar e confiar naquele que está mais junto a mim do que um irmão e tenho sido levado a ver a mutabilidade de todo bem terrenal”.

Ele nem podia imaginar, no meio da sua aflição, que poucos dias antes de escrever esta carta, a atitude dos pais de Maria tinha mudado. Comovidos com a persistência de sua filha, na qual havia tanto do amor a Roberto como do amor a Deus, tinham dado o seu consentimento, embora sem perder a sensação de uma dor diante do que eles consideravam uma perda definitiva.

Imediatamente, ela escreveu aos pais do seu noivo, contando-o com estas palavras:

“Meus estimados amigos:

“Sem dúvida, os senhores ficarão surpresos ao receber uma carta de alguém que lhes é completamente desconhecido, mas, ainda que desco-

nhecidos pessoalmente, os senhores me são mui queridos por causa de seu querido filho Roberto.

“Se os senhores têm recebido ultimamente carta dele, possivelmente saibam o que eu significo para ele, mas, como creio que seja bem provável que sua carta se tenha extraviado, só posso sentir-me profundamente ansiosa de que conheçam sua alegria. Recebi cartas dele faz dez dias, com data de abril e maio de 1818, na primeira das quais dizia que, ao mesmo tempo, estava enviando uma carta para os senhores e outra para meu pai, mas esta carta nunca chegou e temo que a dos senhores tenha sofrido idêntico fim.

“Mas não é somente a probabilidade de tal circunstância que me leva a escrever-lhes, mas também o desejo de comunicar-lhes que, após dois anos e meio de dolorosa expectativa, pela eterna misericórdia de Deus, tenho conseguido a autorização de meus queridos pais para sair na próxima primavera para unir-me com seu amado filho em seu árduo trabalho. Uma semana atrás eu não podia esperar que isto acontecesse, mas os pensamentos de Deus não são os nossos pensamentos. Quando Ele se levanta, todas as montanhas se inclinam diante da Sua presença; Ele tem o coração de todos os homens em Suas mãos e pode torná-los como as águas dos rios. Assim Ele tem feito com meus pais.

“Antes da chegada destas duas últimas cartas, meu pai persistia em dizer que eu nunca conseguiria o seu consentimento; minha querida mãe dizia que isto destroçaria o seu coração, uma vez que não tenho irmãs e ela já é de idade avançada. Apesar de tudo isto, ontem ambos me colocaram calmamente nas mãos do Senhor, declarando que já não intentariam deter-me.

“A ideia de separar-me para sempre de minha família me parece muito dura. Às vezes, penso que não chegarei a começar a travessia do oceano, pois a dor me abaterá, mas minhas convicções sobre o dever são tais que creio que, se eu tivesse só mais um ano de vida, então ela escaparia às minhas possibilidades porque me consumiria o peso de uma consciência acusadora, ao considerar a situação de Roberto, particularmente penosa, e o forte afeto que demonstrava ter por mim. A última vez que me escreveu estava muito bem, bem contente com o seu trabalho, mas completamente só, muitas vezes sem ver um único rosto branco. As pessoas dali, os *namaquas*, são muito amáveis e lhe querem muito bem”.

Quando seus pais tomaram tal resolução, ele estava momentaneamente longe de sua casa, em Manchester.

É notável a carta que escreveu a sua mãe nestas circunstâncias, consolando-a e demonstrando-lhe que tudo era pela vontade divina. Transcrevemos alguns parágrafos desta carta:

“Não posso sentir ansiedade nestes momentos. Espero que não esteja ansiosa para recuperar aquilo a que renunciou. Não, confio que cada momento que passa esteja mais convencida de ter agido corretamente. Não posso descrever-lhe o secreto prazer que tive ao vê-los, tanto a você como ao meu querido pai, renunciando assim a mim de uma maneira tão cristã.

“Sempre temi que, se os senhores renunciassem a mim, fosse por uma espécie de compaixão, mas quando vi que declaravam com toda a calma que percebiam que este era o seu dever e que não podiam deixar de fazer a sua parte na Obra de Deus, que tem o direito de exigir qualquer coisa, só pude exclamar: ‘Não está aqui a mão de Deus?’ O que, além do poder divino, teria podido levar os senhores a fazerem alguma coisa que lhes era tão oposta antes? Confio que os senhores viverão para ver abundantes motivos de regozijo pelo que têm sido levados a fazer. Atrevo-me a dizer-lhes que não sairão perdendo com isso. Deve lembrar-se, minha querida mãe, que o Senhor nunca nos tira o necessário, antes está disposto a suprir-nos com um grau ainda maior de Sua consolação, se buscamos isto em Suas mãos e anelamos preencher o espaço vazio com a Sua presença e, certamente, os senhores quererão desprender-se de algo terrenal para ter mais das consolações do Espírito de Deus.

“De minha parte, tenho encontrado que é o de maior valor, já que às vezes tenho pensado que poderia suportar estar separada de tudo quanto é terrenal que me fosse necessário se pudesse gozar da presença divina em um grau proporcional para cada coisa, como tenho experimentado em minhas últimas tribulações”.

Resolveu-se que Maria viajaria para o Cabo com o casal Beck, missionários holandeses. Longa foi a despedida de sua mãe, símbolo do que seria sua separação para o resto da vida.

Seu pai a acompanhou até Londres, mas não pôde ficar até a partida do navio, assim que a jovem ficou sozinha, com seus amigos. Diariamente escrevia para a sua aflita mãe.

Enquanto isto tinham surgido certas dificuldades na região onde Roberto estava trabalhando, e ele tinha precisado ir ao Cabo para tentar uma solução. Dessa maneira, Deus quis preparar a Maria a melhor recepção que podia imaginar: a presença de seu futuro marido, esperando-a.

A emoção daquele momento não conseguiu fazer-lhe esquecer a dor de seus pais, a quem escreveu imediatamente uma carta, na qual Roberto acrescentou alguns parágrafos.

“Meus queridos pais: Desde esta terra distante, sento-me esta manhã para escrever-lhes, pois me disseram que hoje mesmo, às duas horas da tarde, sai um barco para a Inglaterra. Antes de prosseguir, devo dizer-lhes que não esperem de mim uma carta interessante, pois a mudança de cenário e de circunstâncias deixaram em mim uma mente confusa e agitada.

“Começarei dando testemunho da bondade de Deus, que me tirou da casa de meus pais e me trouxe a esta terra de pagã escuridão, à qual meus olhos e meu coração estão dirigidos durante tanto tempo. O Senhor me tem concedido um tempo delicioso durante a viagem e por meio de Sua presença me tem concedido uma inefável calma e felicidade desde que embarquei.

“Tendo-me separado de todos os senhores, meu afeto se sente desarraigado deste mundo e, existindo ainda a incerteza de se, na minha chegada, encontraria vivo ao meu querido amigo, estava preparada para qualquer coisa.

“Mas o cálice de minha felicidade parece tão cheio! Aqui o encontrei, tal como eu o podia desejar em meu coração, a não ser que ele estava muito agitado pela ansiedade e, só por vê-lo, meu coração estava oprimido.

“Nosso bom amigo Melville foi buscar-me a bordo e me levou à sua casa, onde se desenrolou uma cena que acho que nunca mais tornarei a experimentar. Cada um de nós recebeu ao outro da parte de Deus e somos felizes...

“Moffat terminará esta carta e eu logo lhes escreverei novamente, dando-lhes mais detalhes. Agora, não consigo dizer-lhes mais nada. Mãe, seja feliz e louve a Deus por minha causa”.

Roberto Moffat ao senhor e senhora Smith, de Dukinfield:

“Queridos pai e mãe: Agora, ainda com mais razão do que na minha carta anterior, posso dar-lhes o formoso título de pais. Seria em vão tentar reproduzir as diferentes cenas pelas quais tenho passado, mas mais particularmente o que senti quando recebi a notícia de que a sua amada filha tinha chegado. Foi como o passar da morte para a vida.

“Minhas orações tinham sido respondidas; as promessas que, durante muito tempo, foram meu refúgio tinham-se cumprido. Minhas orações a este respeito se têm transformado em louvor e nunca em minha vida a mão de Deus se tem manifestado de maneira tão singular.

“Maria, minha querida Maria, agora está longe de sua terra querida, que é o lugar que a viu nascer e onde está o círculo de amigos que estão entrelaçados ao redor do seu coração, mas especialmente mais amada por ser o lugar de sua residência, amados que são acima de todas as coisas. Agora ela está separada de todas as cenas familiares e dos senhores, mas permitam-me lembrar-lhes para seu conforto que, embora em terra estrangeira, está sob o cuidado do onipotente Deus e unida a quem diz, como também sente, prometer que será pai, mãe e marido de Maria e que nunca se esquecerá do sacrifício que os senhores têm feito ao encomendar a meu cuidado a sua única filha”.

No dia 27 de dezembro de 1819 foram celebradas as bodas, que se realizaram no meio do carinho dos missionários que viviam na cidade.

Terminemos com um fragmento da carta que ela, poucos dias depois, enviou ao seu irmão João:

“Havia uma expressão na carta de meu pai que me deixou pensativa: que, num sentido, eu tinha morrido para eles. Eu acho que não devem considerar-me assim. Sem dúvida, deve servir-lhes de consolo o fato que agora eu esteja unida a um devotado servo de Deus, para quem a sua própria vida não é querida. Eles podem ter notícias de mim e tenho certeza que ficarão sabendo que sou de certa utilidade neste mundo.

“Não é melhor ser um ajudador dos que estão trabalhando do que jazer num túmulo sem ter feito nada pela construção do templo? Espero que você colabore para tirar de suas mentes esta idéia que eles têm. Anime seus corações e dissipe qualquer temor melancólico em relação a mim. Posso assegurar-lhe que têm sido tomadas todas as previsões possíveis para a minha comodidade e o Delegado do governo dá a Moffat toda a cobertura.

“Ao mesmo tempo, espero ser sempre razoável em minhas esperanças e pronta para levar a cruz... Antes de dizer adeus ao meu lar, previ para mim uma vida de preocupações, de trabalhos e de vergonhas e vitupérios e agora a minha alma pode dar-lhes as boas vindas por causa de Cristo”.

.oOo.

TRÊS HISTÓRIAS EM UMA VIDA

**Adoniram Judson
e Ana Hasseltine,
Sara Hall
e Emília Chubbuck**

I

As igrejas evangélicas do norte dos Estados Unidos tinham sido surpreendidas com a ideia lançada por quatro jovens, que poderiam ser qualificados de atrevidos, já que, impulsionados por um ardor irrefreável, propunham pela primeira vez naquele país, o começo da obra missionária no estrangeiro.

Desta ideia surgiu no mesmo ano de 1810 a Junta Americana de Missões Estrangeiras, como fruto das reuniões da Associação Geral das Igrejas Congregacionais, que se realizaram em Bradford, em julho de citado ano.

Certo dia, o hospitaleiro João Hasseltine, fervoroso crente do lugar, convidou os ministros que se encontravam na localidade a comerem em sua casa. Entre os visitantes estava um daqueles jovens que tinham

lançado aquele importante repto. Seu nome, então desconhecido, hoje célebre, era Adoniram Judson e tinha vinte e dois anos.

Ana, a filha menor do hospedeiro, servia a mesa e atendia os convidados. A incipiente fama do mais jovem dos convidados atraiu sua atenção e ela fixou-se nele com especialidade.

Ela mesma não chegou a reparar no que estava acontecendo em seu coração, já que não havia razão alguma para ficar incomodada pelo fato de Judson não lhe prestar a mínima atenção, antes, pelo contrário, demonstrava estar completamente absorto no conteúdo do seu prato de comida, para o qual olhava fixamente. Ana não conseguiu descobrir nem sequer uma vez que Judson olhasse para ela. O que ela não imaginava era que o jovem tinha reparado nela e tão profundamente a ponto de não levantar seu olhar por estar tão concentrado compondo um poema em homenagem à que tinha dado já o primeiro passo em seu coração.

Ele já tinha ouvido falar naquela jovem de vinte e um anos, filha de um lar piedoso e fiel na igreja e talvez também soubesse do seu desejo de consagrar-se à obra missionária. Era, pois, lógico que reparasse nela, pensando também que, além da beleza da moça, com seus cabelos negros e seus olhos brilhantes, sua admirável atividade a fazia singularmente atrativa.

Vários encontros (que não sabemos até que ponto foram casuais) fizeram com que se conhecessem mutuamente e logo compreenderam a identificação notável de suas vidas, de seus ideais e de suas convicções. Rapidamente, suas relações adquiriram um rumo bem determinado.

Ambos eram muito ativos, mas se diferenciavam em que ela avançava com tranquilidade e ele o fazia com impetuosidade. Por isso mesmo, antes mesmo de se cumprirem os três meses que se conheciam, Adoniram já tinha arrancado dos lábios de Ana a promessa formal de se casar com ele e de acompanhá-lo para o Oriente, onde ambos tinham posto os olhos da fé.

Tempo mais tarde, ela declarava numa carta a uma amiga que, ao aceitá-lo, não só tinha considerado o natural desejo de contrair matrimônio, mas também seu grande anelo de estar na melhor situação possível para servir a Deus no campo missionário.

“Tampouco”, dizia ela, “minhas determinações se formaram em consequência de meu afeto por um objeto terrenal, antes, pelo contrário, com uma perfeição das minhas obrigações para com Deus e com a plena convicção de que era um chamado da Providência e, portanto, meu dever”. As maiores dificuldades que foi necessário vencer estavam na oposição que se fazia a que Ana fosse como missionária para tão longe. Até então,

nenhuma mulher da América o tinha feito e aquilo parecia excessivamente superior às forças de uma moça como aquela.

Por isto é tão admirável a carta com que ele pediu ao pai a mão da amada. Não havia nem sequer uma palavra do belo que existe num casamento e do que particularmente podia seu o seu. Mas havia uma clara descrição de quanta tribulação e de quanta dor poderiam esperá-los no Oriente e de quanto haveria em particular de triste no seu caso. Sua sinceridade chegava ao extremo de parágrafos como este:

“Agora devo perguntar-lhe se o senhor pode consentir em separar-se de sua filha, no início da próxima primavera, para não voltar a vê-la mais neste mundo; se o senhor pode consentir em sua partida para uma terra pagã e onde estará sujeita às privações e aos padecimentos da obra missionária; se o senhor pode consentir em que se exponha aos perigos do mar, à fatal influência do clima causticante da Índia, a toda espécie de aflições e de necessidades, a insultos, a perseguições e talvez a uma morte violenta”.

No entanto, não podia deixar de falar de sua gratidão a Deus pela Sua salvação, por sua oportunidade de trabalhar para Ele e pela esperança de receber algum dia uma coroa de glória ao ouvir “as aclamações de louvor dos pagãos salvos, por meio dela, libertados de suas penas e desespero eterno”.

Outra carta, digna de ser lembrada, é a que ele escreveu a Ana no dia 1º de janeiro daquele ano (1811), uma “terça-feira, de manhã”, conforme ele mesmo assinala. Diz assim:

“Com a mais profunda sinceridade e com todo o meu coração, desejo-lhe, amor meu, um feliz ano novo. Que seja um ano em que você ande mui perto de Deus, em calma e tranquilidade e que o caminho que a guia ao Cordeiro seja iluminado com puríssima luz. Deus permita que seja um ano que possua com mais plenitude o espírito de Cristo, em que se eleve por sobre todas as coisas terreas e em que esteja disposta a que Deus faça com você tudo o que Ele quiser. Como cada momento do ano aproximará você mais do fim de sua peregrinação, Deus permita que você se aproxime mais de Deus e que esteja melhor preparada para receber o mensageiro da morte, como um libertador e um amigo.

“E agora, já que comecei a expressar desejos, prosseguirei: que este ano seja aquele em que mude seu nome, em que diga adeus para sempre a seus pais e à sua terra natal, em que atravesse o grande oceano e em que comece a viver do outro lado do mundo, entre um povo pagão.

“Que mudança tão grande este ano talvez reproduza em nossas vidas! Que diferentes serão nossa situação e nossas tarefas! Se nossas vidas forem preservadas e nossos propósitos se cumprirem, no próximo ano novo estaremos na Índia e talvez nos desejemos um ao outro um “feliz ano novo” no idioma estranho do Industão ou da Birmânia.

“Já não veremos ao nosso redor nossos bondosos amigos nem gozaremos das comodidades da vida civilizada, nem iremos à casa de Deus com os que guardam o dia do Senhor, mas, por todas partes, estarão perante nós rostos escuros, ferirá nosso ouvido um idioma estranho e veremos as reuniões dos pagãos para adorarem seus ídolos; estaremos fatigados deste mundo e desejaremos asas como de pomba para voar e descansar. Possivelmente, haverá ocasiões em que estaremos “mui tristes, até à morte”.

“Veremos muitas horas melancólicas e sentiremos uma depressão de espírito e uma angústia de alma das quais agora só podemos ter uma ligeira ideia. Talvez desejemos até a morte. E este tempo pode chegar logo. Talvez um de nós não possa suportar a mudança de clima e de costumes e o outro poderá dizer literalmente e verdadeiramente sobre o sepulcro:

‘Por mãos estranhas teus olhos foram fechados, mãos estranhas com cuidado teu corpo arrumaram e mãos estranhas teu humilde sepulcro enfeitaram’.

“Mas se seremos honrados e chorados por estranhos só Deus o sabe. No entanto, qualquer um de nós terá a certeza de ter, pelo menos, um que chore por ele. Perante tais circunstâncias, não pediremos com ardor em oração: Senhor, dá-me a fé que vence?”

Antes de pensar em casar-se, era necessário conseguir a sua nomeação como missionário, pois até então só tinham seu entusiasmo e a sua fé. Quanto Judson precisou trabalhar para consegui-la é assunto longo demais para relatá-lo.

Além de percorrer sua própria pátria, viajou para a Inglaterra e, no caminho, seu barco foi apressado por um corsário francês, que o levou cativo durante um certo tempo. Tudo quanto Ana sofreu por causa desta separação e da incerteza também será desnecessário falar.

Finalmente, em outubro de 1811, isto é, uns quinze meses após conhecer Ana, a resolução já tinha sido tomada e a primeira organização missionária dos Estados Unidos começou a funcionar, enviando Judson para o Oriente.

O casamento se realizou no dia 5 de fevereiro de 1812. Ambos tinham plena consciência que no coração dos que os cumprimentavam havia muita pena por aqueles dois jovens, principalmente por ela, já que, para a

mente do público, ainda não acostumado ao espírito missionário, os recém casados eram, na realidade, dois sacrificados.

No dia seguinte, Judson e quatro companheiros foram ordenados para o ministério cristão e treze dias depois partiram das costas da mãe pátria, rumo ao Oriente.

II

Aquele casamento havia de ser extremamente frutífero. Poucas vezes duas vidas se completaram de maneira tão notável e chegaram à fama tão unidas. Ana Judson, que se tornou célebre com o nome de “Ana de Ava”, ocupa um dos primeiros lugares nas hostes das esposas de missionários, junto com as de Moffat, Williams, Krapf, Studd e outras. Não foi, porém, nada fácil conseguir isto.

Os sofrimentos e as lágrimas foram derramados sobre eles, junto com o gozo dos primeiros frutos de seu trabalho. Perseguições, guerras, prisões, a morte do primogênito e outras dificuldades foram algumas das provas que tiveram de suportar.

A saúde dos dois foi sofrendo cada vez mais e ela não conseguiu restabelecer-se. No dia 24 de outubro de 1826, sua alma voou para o céu, desde Amherst, estando longe de seu marido, contando trinta e sete anos de idade.

Judson afogou sua dor pela morte da esposa e pela morte de sua segunda filhinha (seis meses depois) lançando-se com redobrado entusiasmo ao seu trabalho.

Enquanto isto, tinham chegado novos missionários e colaboravam com ele ou estendiam o Evangelho para outras regiões. Entre eles estava Jorge Dana Boardman e Sara Hall, sua prendada esposa, que se estabeleceram em Amherst e imediatamente começaram a trabalhar com zelo e notável eficácia.

Um filho, que levou o nome de seu pai, alegrou aquele lar, mas a morte do pai o encheu de luto no dia 11 de fevereiro de 1831, quatro anos após a sua chegada. Judson, experimentado naquelas dores, escreveu com simpatia à viúva, dizendo-lhe o seguinte:

“Minha querida irmã: A senhora agora está bebendo o amargo cálice com cuja bebida eu já estou bastante familiarizado e, embora a senhora percebia que estava aproximando-se, estou certo que concordará que é mais amargo do que esperava...

“Posso assegurar-lhe que, perante si, há meses e meses de angústia, queira ou não, e só posso aconselhá-la a que tome o cálice com ambas as mãos e sente-se tranquilamente para beber a amarga poção que Deus lhe apresenta para a sua santificação.

“Quanto ao seu amado, a senhora sabe que todas as suas lágrimas já têm sido enxugadas e que o brilho do diadema que enfeita sua cabeça é superior ao do sol... Portanto, enquanto escorrem suas lágrimas, faça com que uma devida proporção delas seja de lágrimas de gozo. No entanto, tome com ambas as mãos o cálice da amargura e sente-se para tomar sua poção.

“Logo descobrirá a senhora o segredo de que, no fundo, há doçura e que este cálice será o mais doce que já tomou em sua vida; a senhora encontrará que o céu se lhe aproxima e a familiaridade da voz do seu marido será um degrau a atraí-la quase que para dentro da esfera da música celestial...

“Quanto ao pequeno Jorge, que agora não tem pai terrenal que tome conta dele, certamente agora a senhora não pode separar-se dele. Mas se a senhora quisesse enviá-lo para a pátria, prometo usar a influência que eu possa ter para conseguir para ele as vantagens que para sua educação o terno desejo da senhora almeje.

“Se, por acaso, a senhora morresse prematuramente e concordasse em seu leito de morte deixá-lo aos meus cuidados, através de uma mensagem verbal ou da mais breve linha escrita, empenho aqui a minha felicidade para recebê-lo e tratá-lo como se fosse meu próprio filho, mandá-lo à pátria da melhor maneira e, em ocasião oportuna, prover sua educação e cuidar dele enquanto eu tenha vida. Só posso fazer isto e fazer menos seria indigno dos méritos de seus pais”.

Ela continuou com seu trabalho, com admirável dedicação, disposta não só a fazer a sua parte, mas também a do marido. Enquanto isto, Judson fazia a sua parte em Tovoy e em Moulmein, até o dia em que aconteceu o que, no dizer de Walter Wyeth, biógrafo de Sara, “é estranho que não tivesse acontecido antes”.

Ele meditou criteriosamente em sua situação e no prejuízo da obra por falta de uma companheira eficaz, como o tinha sido sua amada Ana. Era óbvio que o mesmo acontecia com Sara, que passava por grandes dificuldades. Por que não unir ambas as vidas, solucionar assim seus problemas e serem desse modo mais úteis à causa de Deus? Assim o fizeram. Judson escreveu a Sara, propondo-lhe casamento e esta aceitou. Não podia fazer outra coisa, conhecendo-o como o conhecia. Sabia de sua obra e de seu fervor missionário. Tinha ouvido muitas vezes a história de

sua notável primeira esposa e sabia que sua tempestuosa natureza impedia-o de demonstrar seus sentimentos só pela metade.

No dia 6 de abril de 1834, Sara chegou pelo rio Salween a Moulmein e quatro dias depois se casaram. O missionário Mason foi quem presidiu a cerimônia religiosa e implorou sobre suas vidas a bênção divina.

O Dr. W. C. Richards, que escreveu um poema sobre a missão em Birmânia, dedica estas linhas ao casamento:

*“Que se entoe agora um alegre canto nupcial,
pois dois solitários corações
deixaram sua viuvez
e nos santos vínculos do amor se unem
onde faz muito que as sombras
lançaram seus pesares.*

*“Com três anos de doces e santos trabalhos
a viúva do santo Boardman sua tumba coroou
e acendeu a luz do céu
no meio da escuridão pagã
a multidões no velho Tavoy.*

*“Seu santo heroísmo com a de Judson faz par;
um só alvo suas duas almas inspirava
e o coração dele, por grandes conflitos tomado
no forte encanto do amor,
descanso e vida a encontrar voltou”.*

Sabemos que este casamento também não durou muitos anos, mas demonstrou ser frutífero e provou que a senhora Sara Hall era mui digna sucessora de Ana Hasseltine.

Se nos temos referido à sua duração é porque Sara faleceu onze anos depois de casada, enquanto viajava para os Estados Unidos em busca da saúde perdida. Seu túmulo encontra-se na Ilha de Santa Helena, a poucos passos de outra tumba que durante certo tempo foi ocupada por um dos homens mais célebres da história: Napoleão Bonaparte.

III

Quando sua segunda esposa lhe foi afastada definitivamente do seu lado, Judson teria voltado para Birmânia, sem seguir para os Estados Unidos,

se não fossem seus filhos, a quem queria deixar na sua pátria para receberem a devida instrução. Assim, pois, chegou a Boston no dia 15 de outubro de 1845, um mês e meio após a morte de Sara.

Durante alguns meses se dedicou a visitar igrejas dos estados do norte, pregando e exortando para a obra missionária. Estando em Boston, foi convidado a chegar até Filadélfia pelo Dr. Gillette, que foi pessoalmente buscá-lo.

A viagem foi longa e fria, principalmente por causa de um acidente que os deteve durante algumas horas. Gillette viu em mãos de um amigo um livro intitulado “Tropeços”, de autoria de Fanny Forester. Pedindo-o emprestado, entregou-o a Judson, recomendando-lhe que o lesse, para entreter-se durante a espera.

Após o missionário passar algum tempo lendo o livro, declarou estar admirado pelo fato de estar tão bem escrito, mas lamentando que uma pessoa com tal dom se dedicasse a um tipo de literatura tão leviana. “Gostaria de conhecê-la”, disse ele. “A senhora que escreve assim deveria escrever sobre um assunto melhor. É uma pena que um talento tão notável seja empregado nestes assuntos”. Gillette lhe disse que logo teria oportunidade de conversar com ela porque casualmente a tinha convidado a sua casa.

Façamos um parêntese para explicar quem era Fanny Forester. Tratava-se de uma jovem de vinte e oito anos, cujo nome verdadeiro era Emília Chubbuck. Era filha de um lar humilde, mas de fiéis cristãos, tendo encontrado na literatura o caminho para sua vida e o sustento para a família; entrou por ele com tanto êxito que recebeu felicitações de grandes literatos como Longfellow e Prescott e de personalidades como Bancroft, um membro do gabinete.

Judson encontrou-se com ela no dia seguinte, 5 de janeiro de 1846, quando, bem cedo, foi à casa de seu amigo Gillette. Emília estava sendo vacinada, não tendo, pois, nada de romântica aquela situação. Tendo ficado livre, o missionário a convidou para sentar-se num sofá, dizendo-lhe que queria conversar com ela. A jovem respondeu, quase em brincadeira, que teria muito prazer em fazê-lo, o que seria uma honra para ela.

Impetuoso como sempre, Judson perguntou-lhe imediatamente como podia reconciliar sua consciência com o fato de usar seu nobre talento escrevendo obras tão pouco úteis e pouco espirituais como os “Tropeços”. Tanta sinceridade impressionou Emília, a qual lhe explicou com toda a franqueza que tinha chegado a isto após ver que todas as portas se lhe fechavam quando se tratava de obras de outro caráter, mas que, assim, conseguia o sustento indispensável para si e para os seus velhos pais.

Ele se viu obrigado a reconhecer fortes razões, pelo profundo amor filial que ela demonstrava e, mudando de assunto, confessou-lhe que estava à procura de alguém que quisesse escrever a biografia de sua grande segunda esposa.

Ela consentiu em ocupar-se com tal tarefa e, como consequência, viram-se obrigados a encontrar-se com muita frequência nos dias seguintes. Comentando-o, o Dr. Kendrick, autor da biografia de Emília, escrevia: “As consequências destas entrevistas entre duas pessoas tão agradáveis tinham que ser as mesmas que a miúdo têm ocorrido desde os dias de Adão e Eva. Chegaram a ter um mútuo interesse”.

Judson não repetiu desta vez a triste experiência que passou logo após a morte de Ana. Aqueles anos de viuvez e de solidão, quando até os tigres vinham observá-lo, tinham feito com que ele aprendesse uma lição e ele a considerou. Certamente que isto não quer dizer que foi aos Estados Unidos em busca de sua terceira esposa, que dificilmente poderia competir com as duas anteriores.

Só por amor aos filhos é que chegou até lá, só pela insistência de seus amigos é que prolongou suas férias em sua terra e só por acaso é que encontrou Emília em casa de Gillette.

A ideia de um possível casamento também surgiu rapidamente na mente dela. Algumas brincadeiras – destas que são tão comuns como inoportunas – que ela teve que suportar, mesmo antes de conhecer Judson, fizeram-lhe dar importância ao problema, a respeito do qual consultou um amigo seu, o senhor Willis, que lhe escreveu o seguinte:

“A senhora me pergunta se deve casar-se por conveniência. Não! Absolutamente não! Que comodidade haveria de recompensar ter que passar dezoito horas de cada vinte e quatro horas do dia, pelo resto de sua vida, dentro de quatro paredes, na companhia de uma pessoa de quem não gosta? Falo-lhe como se se tratasse de mim mesmo. Eu não passaria nem sequer um ano nestas condições nem por todos os tesouros da terra. As horas privadas de um único mês são mais do que preciosas para serem vendidas a qualquer preço, a não ser pelo amor. Pense nas horas que se passam fora da habitação.

“Mas, no momento em que se fecha a porta do seu quarto, desaparece toda a diferença entre a senhora e a mais rica das mulheres. Talvez muitas mulheres se casem pelo interesse nas comodidades da vida, mas a senhora encha-se completamente de romance, e de delicadeza, e de ternura; um casamento sem amor seria para a senhora como selar um vulcão com uma teia de aranha.

“A senhora terá de amar; amar apaixonadamente e irresistivelmente. Até agora só virou uma página no livro da vida de seu coração. Seu peito é um altar onde arde um fogo recentemente aceso, aceso por um despertar tardio e repentino de seu gênio. Sua particularidade é que seu gênio tem um altar no coração e não na inteligência, como é o caso de todos os escritores.

“Tome cuidado para não perder toda a música e a beleza da vida para conseguir um lar que chegue a ser-lhe odioso. Mas, que de outra maneira chegará a amar, disto estou certo e será tarde ou cedo”.

Por isso ela já tinha um critério formado quando, não muito depois de conhecer-se, Judson lhe propôs casamento, demonstrando sem rodeios sua característica impetuosidade. Foi absolutamente sincero e lhe descreveu com detalhes as glórias e os horrores do Oriente: um deserto moral no meio da mais exuberante beleza natural. Fez-lhe saber de todos os trabalhos e privações que implicava a vida missionária e, a isto, acrescentou o privilégio de ser um semeador na seara divina.

Ela que, intimamente, era sumamente modesta, mediu-se e calculou as possibilidades de ser eficaz em tal tarefa e só aceitou a proposta quando se sentiu segura de que Deus lhe daria força para ser de valor na Sua causa.

Que ele, apesar de já não ser jovem, estava verdadeiramente enamorado, o prova esta carta que saiu de sua mão, cujo estilo parece mais de um adolescente do que de um homem maduro e experiente.

“10 de janeiro de 1846.

“Dou-lhe, querida, um relógio encantado, pois ele sempre volta para mim, trazendo consigo a que o usa. Dei-o primeiramente a Ana quando estávamos separados por um hemisfério e a trouxe sã e salva aos meus braços. Dei-o a Sara, quando seu primeiro marido ainda vivia (sem que eu soubesse o que lhe aconteceria) e o encanto do relógio, embora com um processo lento, atuou até o fim.

“Se não fosse pela doce simpatia que tão bondosamente você me tem dispensado e pelo bendito entendimento que nos tem permitido descobrir o nosso amor, não me aventuraria a rogar-lhe que aceitasse meu presente com semelhante recado. Se o feitiço deixa de agir e se você recusa o presente dizendo: ‘Seu relógio perdeu seu encanto; volte para ele, mas não leve aquela a quem ele o deu para usar’, ah!, prefiro que antes disso o faça em mil pedaços para que seja um símbolo do que fica do coração de seu amoroso

A. Judson”

A notícia do compromisso circulou velozmente, mesmo antes de saber-se que estavam enamorados, e muitos estranharam e outros ficaram desgostosos. O meio literário a que ela pertencia lamentou que a jovem escritora sacrificasse sua carreira casando-se com “um velho missionário”.

Uma boa parte do elemento religioso com o qual ele atuava também não estava satisfeita, pois muitos temiam que aquela jovem estragasse os muitos anos da gloriosa obra de Judson. Mas eles sabiam que nas Alturas aprovava-se este casamento e levaram avante seus projetos.

Logo ele precisou viajar a fim de atender seus assuntos em Washington e em outros lugares, mas não deixou de ocupar-se dela, escrevendo-lhe muitas e lindas cartas, nas quais derramava a sua alma. Ela lhe respondia, por exemplo, dizendo assim:

“Você me livrou de uma cadeia brilhante, que estava tornando-se pesada para mim. Você será meu mestre espiritual”.

Eis aqui uma carta que, durante esta época, Emília escreveu a um dos seus amigos.

“Admiro muito a grandeza – grandeza real e genuína – e a bondade tem uma influência que não tenho forças para resistir-lhe. Creio que a razão pela qual eu não me tinha enamorado antes (porque acho que sou de natureza amorosa) é que nunca tinha visto as duas qualidades tão formosamente combinadas em uma única pessoa. O cabelo de meu bom ‘doutor’ é tão negro como as asas do corvo, mas, mesmo que não fosse assim, ainda que ele tivesse muitos anos mais do que eu, seria tudo igual para mim. Com ele iria a qualquer lugar do mundo.

“Ele possui um caráter nobre, no qual se combinam de maneira notável a delicadeza e a força que me proporcionarão proteção e abrigo neste mundo – um lugar onde possa descansar com toda a segurança a minha fraca natureza – coisa que nunca envelhecerá e que amarei na eternidade... Acha que me deixei levar por um entusiasmo tolo, por um zelo falso? Ou acha que tenho feito um cálculo sensato e que tenho chegado a uma sábia decisão?”

A resposta dizia:

“Sua lição é digna da senhora. Exige minha simpatia e a minha admiração mais elevadas... Talvez a senhora se lembre que já faz algum tempo, quando nem podia suspeitar que minhas palavras tivessem a intenção de lisonjear, lhe disse que o Dr. Judson era um dos meus heróis; que uma bondade tal como a dele era o tipo mais sublime de grandeza, grandeza que sobressai de muito sobre a ambição que se baseia em alvos

limitados deste mundo e vence a rivalidade daquele tipo de fama que tem certa mistura de vaidade.

“Não fico admirado, antes, pelo contrário, me dá uma alegria das mais elevadas o saber que o seu espírito é tão delicadamente sensível aos atrativos que pertencem a um caráter e a uma carreira tão desinteressados, tão sublimes. O que, em primeiro lugar, despertou meu respeito e minha curiosidade pela senhora foi a encantadora delicadeza de pensamento e sentimento que se descobria em seus escritos; o que me chamou a atenção para conhecê-la melhor e o que colocou o meu respeito sobre uma base mais alta e segura foi a superioridade manifestada sempre e insensivelmente dos interesses e excitações da reputação literária. Aquela ‘pequenez da fama’, que é a glória de tantos, parecia despertar a sua aversão; o que, em outros casos, é o desejado resultado dos escritores, parecia ser para a senhora a única parte que lhe era fastidiosa e penosa”.

Ela resolveu deixar de escrever e recolher tudo o que levava o nome de Fanny Forester a fim de vendê-lo como pudesse, mas Judson lhe escreveu retratando-se da “quase descortês exortação” que lhe fizera ao conhecê-la e incitando-a a continuar escrevendo. Esta carta a escreveu “depois de chorar muito” ao despedir-se de seus filhos. Tendo solucionado um problema à sua prometida:

“Meus acertos financeiros nos permitirão ter grande abundância para todos os nossos propósitos e o suficiente para dar a seus pais tudo de que tiverem necessidade; assim que você poderá escrever muito ou pouco, como você quiser, e se receber alguma remuneração poderá ter o prazer de ofertá-la como expressão de gratidão Àquele que deu a Sua vida por você e que agora está preparando seu lugar e sua coroa”.

Após algum tempo, Judson foi vê-la e juntos passaram por formosos lugares que ela tinha descrito em suas obras.

Entre as cartas de Emília, escritas quando ele tornou a ausentar-se, encontramos esta, referente a Abby, a filhinha do missionário, que ele tencionava deixar na América e a quem sua prometida queria levar para a Birmânia.

“É sua única filha; você a ama tanto que a pequena criatura sofrerá muito se a deixar aqui. Pode estar certo que não lhe faltará bem algum que eu não seja capaz de fazer-lhe. Compreendo onde eu estaria mais exposta ao fracasso, mas peço fervorosamente a Deus que me ajude a exercer uma influência sadia e espiritual. E quanto prazer eu encontraria em sua viva inteligência! Seguiria um plano de educação, dando-lhe lições diárias de livros, além de outras que poderia extrair das coisas ao nosso redor. Certamente, será algo difícil, mas será uma tarefa muito agradável que,

sem dúvida, contribuirá até mesmo para meu desenvolvimento... Não é verdade que você não tem confiança em me confiar Abby? Ah, você não sabe quão sábia e cuidadosa posso ser quando a ocasião o exige! Nenhuma das minhas alunas ficou surpresa pela notícia que estava pensando ser missionária”.

Casaram-se no dia 2 de junho, com uma cerimônia bem simples. Só assistiram a família e duas amigas íntimas da noiva. O Dr. Kendrick, que estava seriamente doente, levantou-se de seu leito e foi até a igreja para fazer o ato religioso, ao que pareceu unir-se a natureza, com um dia esplêndido.

Passaram depois alguns dias felizes na casa dela e, depois de inúmeras congratulações e despedidas, embarcaram a meados de julho, rumo à Birmânia, onde a prematura morte de Judson permitiu-lhes apenas quatro anos de união conjugal.

.oOo.

5

DEUS ANTES QUE OS HOMENS

**Henrique Martyn
e Lídia Grenfell**

Ao redor de 1800, um forte movimento espiritual sacudiu a Inglaterra, culminando na formação da Igreja Metodista e na conversão de muitas almas dentro e fora da nova denominação.

Entre elas estava Lídia Grenfell, uma formosa jovem de vinte e cinco anos que, desde aquela data, se transformou numa fiel crente, dada à meditação e à oração, que era quanto lhe permitia sua mãe, anglicana tradicional em extremo.

No mesmo ano, um outro fato importante teve lugar em sua vida: seu compromisso com Samuel John, um jovem do lugar, a quem, segundo dizia, “estava mais ligada que a qualquer outra coisa na terra”. Mas, antes de terminar o ano, descobriu que seu prometido era um velhaco que não merecia seu afeto, a ponto de interromper as relações com ele.

Mas o que não pôde interromper foi o seu amor pelo jovem; refugiou-se, então, no seu diário, onde sua dor se manifestou numa promessa: até que John não se casasse, ela se sentiria presa pelas suas anteriores promessas e não teria liberdade para casar com outro.

Uns três anos mais tarde, ficou sabendo que o seu ex-noivo tinha ficado noivo e, pensando que aquilo logo a livraria de sua resolução, sentiu bastante alívio. O que ela não imaginava era que o casamento de John só se realizaria em 1810, isto é, três anos depois.

Mas, voltemos atrás, a 1804, quando Lídia já tinha mais de trinta anos e recebeu a notícia do noivado de John. Uns seis meses depois disto, um jovem pastor anglicano, cheio das novas idéias dos metodistas, chegou de visita à sua casa. Chamava-se Henrique Martyn e tinha vinte e quatro anos. Era alto, magro e de saúde muito delicada, mas, apesar disto, estava a ponto de partir como missionário à Índia.

Tom Hitchins, um primo seu, tinha-se casado com Ema, irmã de Lídia, e tinha-se estabelecido em Marazion, pequena e pitoresca aldeia da região de Cornualhes.

Tom convidou a Henrique a passar em sua casa, formosamente localizada entre as colinas de sua terra natal, as últimas semanas de que ainda dispunha estando na Inglaterra.

O jovem pastor era considerado um primo por todos, embora não o fosse. Ema e Lídia o faziam lembrar de quando era pequeno e participava com elas de suas brincadeiras infantis, naqueles momentos que, ele julgava, tinham sido os mais felizes de sua vida.

Bem rapidamente a lembrança do passado e as impressões do presente se fundiram em Henrique para fazer-lhe compreender que tinha-

se enamorado de Lídia. A terrível luta que seu descobrimento lhe provocou foi indescritível. Sua vocação missionária e seu amor se apresentavam como rivais em luta feroz.

A vida que deveria levar na Índia seria uma vida de privações e não seria possível obrigar uma pessoa amada a compartilhá-la.

A dúvida o atormentava. E por que não permanecer na Inglaterra, à frente de uma igreja ou assumindo uma cátedra?... Uma posição folgada, uma casa cômoda com o amor da esposa e dos filhos... Era um quadro lindo demais.

Mas não, não era possível. Um dia tinha-se consagrado a Deus e sua promessa não devia ser quebrada. Passava longas horas diante dEle, implorando Sua ajuda, mas, a miúdo, quando conseguia acalmar seus sentimentos, o tentador tornava a apresentar-se e a atormentá-lo.

Aproximava-se o dia em que devia partir. No penúltimo dia de sua estadia ali saiu a passear com Lídia e seu pai e voltou para casa terrivelmente deprimido, ao comprovar que não podia deixar de amá-la e que o afastar-se dela lhe causava uma dor terrível.

Chegou o último dia, que ficou para sempre gravado em sua memória. A uns oito quilômetros de onde estavam, vivia um ancião crente a quem os dois jovens foram visitar a cavalo. Foram e voltaram juntos e sós.

Depois ficaram sós, também, na casa. Ela então lhe pediu que, para amenizar aqueles últimos momentos, lhe lesse alguma coisa. O coração de Henrique, que palpitava apressadamente, começou a saltar quando em sua leitura chegou a um ponto em que se transcrevia uma oração sobre a necessidade de colocar a Deus antes que a criatura. E, enquanto lia, aplicou a oração a sua própria experiência e, em segredo, a elevou a Deus.

Chegou o momento da despedida e Henrique disse adeus à mulher que amava com a “santa simplicidade” que era sua característica mais peculiar. Nada tinha saído de seus lábios com relação ao seu afeto: nem uma declaração, nem uma palavra de amor. Pensando nisto e nela, afastou-se lenta e dolorosamente.

Mas tinha sido impossível dissimular sua paixão, ainda que não o tivesse percebido. No princípio, a jovem Lídia tinha experimentado certa admiração pela preferência que seu primo tinha por ela, misturada com uma certa admiração pela grande eloquência de Henrique e pelas notícias que tinha de seus êxitos na Universidade. Mas logo compreendeu que dentro dela havia algo mais e neste algo mais reconheceu “os sinais da antiga chama”. Sua boa irmã Ema era sua confidente e a ela apresentou o problema. O que ela não imaginava era que Henrique tinha feito outro tanto e que veria a Ema, após separar-se de Lídia, ocasião em que ele

recebeu a preciosa notícia de que “o afeto para com a sua irmã não deixava de ser correspondido”.

Aquilo aumentou ainda mais, se fosse possível, a tempestade que se desenrolava no coração ardente do jovem. “Meus pensamentos estavam quase que totalmente ocupados com Lídia”, escrevia depois, “ainda que não em um espírito de afastamento de Deus, porque eu considerava meu ser como que tomado em Suas mãos”.

A viagem em carruagem a considerou excessivamente longa. Numa mudança de cavalos, foi com um companheiro também aflito a um jardim solitário onde juntos leram o Salmo 23. Entrou numa capela, atormentado por suas lutas e, ao ver um quadro de João Batista pregado, animou-se extraordinariamente.

Tudo contribuía para aumentar suas dúvidas. Ao chegar ao seu destino, ofereceram-lhe um ordenado como capelão na Índia, que cobriria os gastos pessoais, os de uma irmã que estava sob a sua responsabilidade financeira e possivelmente os de uma esposa.

Encontrou ali uma carta de Davi Brown, que seria seu companheiro, o qual desde o campo de trabalho lhe escrevia:

“Case-se e venha logo”. Ao seu redor, seus colegas davam-lhe conselhos inteiramente discordantes. Uns lhe diziam que um missionário deve permanecer solteiro; outros, que era-lhe imprescindível casar-se.

Chegou o momento de subir a bordo e ainda não tinha conseguido encontrar resposta para a sua dúvida. Comprou dois exemplares de uma formosa edição de “O Peregrino” e os enviou como lembrança sua para Lídia e para Ema. Depois embarcou e partiu.

Para sua surpresa e alegria, o navio se deteve em Falmouth, perto da casa de sua amada, e o comandante autorizou os passageiros a descerem à terra, pois ficariam ali vários dias. Após muitas deliberações consigo mesmo, Henrique tomou uma resolução: iria a Marazion, declararia seu amor a Lídia e lhe rogaria que fosse com ele à Índia.

Tomou a primeira diligência que saía para o amado lugar e uma prova de que o amor de Deus estava em primeiro lugar é o fato de ter-se ocupado fervorosamente em falar sobre a mensagem do Evangelho para o cocheiro.

Chegou a Marazion na hora do café da manhã. Uns momentos depois, saiu a passear com ela e ali, no meio da paz das colinas sombreadas, declarou-lhe seu amor. Insistiu em seu desejo de ir à Índia e perguntou-lhe se estava disposta a viajar para lá e compartilhar com ele uma vida dura. Ela se mostrou duvidosa.

Não quis prometer-lhe definitivamente nada, alegando que lhe era impossível tomar uma resolução tão importante em tão pouco tempo, além

de outras dificuldades que teria que solucionar. O fantasma de John apresentava-se ininterruptamente à sua presença. Toda a sua resposta foi um hino que copiou para o seu namorado.

Viram-se duas ou três vezes mais até que chegou um jovem, apressando-o a partir porque o barco já estava para zarpar. Aquilo foi um choque para Henrique, o qual pôde observar a dor que transparecia no rosto de Lídia, quando permaneceram sós no momento final. Então Henrique tornou a dizer-lhe que ela não deveria ficar zangada se recebesse uma carta dele da Índia.

No aperto daquele momento, ela descobriu em si mesma mais do que teria desejado descobrir. Confessou que não se preocupava ter que ir tão longe, “mas”, acrescentou, *“por enquanto é melhor que vá sozinho”*, como querendo lhe dizer que provavelmente aquela separação seria definitiva. Não havia tempo para fazer averiguações mais profundas, pois Henrique precisou ir embora a galope e por pouco não alcançou o barco, pois quando chegou ao porto o barco já estava partindo. Uma rajada de vento lançou ao mar o papel no qual Lídia tinha copiado o hino. Mas não era possível perdê-lo. Rapidamente ele fez descer um bote à água e um marinheiro conseguiu recuperá-lo.

O jovem começou a sua viagem à Índia sob a impressão daquele momento, sem saber ao certo o que pensar. As notícias que recebia por intermédio de Ema não esclareciam muito e seu estado de ânimo era mui triste.

No entanto havia alguma coisa que o sustentava: a segurança de que tudo era segundo a vontade divina. Assim o expressava em seu diário: “Sinto-me mui feliz em tudo o que Deus permite em minha vida... Tenho nascido só para Deus. Cristo está mais próximo de mim do que um pai, uma mãe ou uma irmã; Ele é o mais próximo parente, o mais íntimo amigo. Regozijo-me em segui-LO e em amá-LO”.

A Ema ele escrevia: “Não tenho sido autorizado a escrever-lhe [a Lídia], embora nisto eu encontraria o maior prazer e alívio, podendo transmitir-lhe através do papel a certeza do meu mais terno amor”. Mas, uma e outra vez, aparecem em seu diário as expressões de sua tranquilidade no amor e no serviço de Deus.

Chegou finalmente à Índia, após uma viagem de nove meses. Ali começou a trabalhar fervorosamente, pregando para ingleses e para indianos, até onde lhe permitiam os seus conhecimentos do idioma. Os missionários veteranos o receberam afetosamente, por causa de sua juventude e de sua consagração.

Uma sombra pesava sobre a alma de Henrique: a certeza de que viveria pouco. Seus pulmões o faziam sofrer cada vez mais e ele percebia que aquela enfermidade acabaria com ele muito antes de chegar à velhice. Esta era uma razão a mais para dedicar-se ao trabalho com muito afã, mas servia, ao mesmo tempo, para deixar mais triste e mais pesada a sua solidão.

Enquanto isto, o coração de Lídia também estava enfrentando terríveis lutas. John ainda não se tinha casado e ela não se sentia livre para aceitar o amor de Henrique. Por outro lado, faltava-lhe coragem para recusá-lo completamente e, por isso, poucos meses depois da partida do jovem, começou a escrever-lhe.

Uma após outra, meia dúzia de cartas chegaram às mãos do longínquo missionário, que as devorava com os olhos para guardá-las no coração, onde suas esperanças renasciam. Aquelas não eram cartas de uma namorada; eram as de uma prima ou, quando muito, de uma irmã distante, mas serviam para reanimar o atribulado espírito do jovem por saber que sua amada lembrava-se diariamente dele em oração.

Martyn necessitava compartilhar esta alegria com alguém e escolheu seu veterano colega Davi Brown, a quem levou aquela sexta carta, a mais animadora de todas. Depois de a ler, o missionário lhe recomendou ardorosamente que escrevesse a Lídia solicitando-lhe que fosse à Índia para casar com ele, o que era imprescindível para seu trabalho futuro.

Tão fortes foram os argumentos de Brown que Henrique imediatamente se prontificou a escrever à sua amada. Passou aquela manhã nesta atividade e à noite continuou. Era uma carta muito longa porque era enorme o número de coisas que tinha a dizer-lhe. Estava cheia do ardente coração do jovem, mas também estava cheia de aprazível tranquilidade do crente.

“Quero assegurar-lhe”, dizia, “que é só depois de muita consideração e oração que lhe peço que venha ao meu encontro na Índia... Sua carta deleitou profundamente Brown e o levou a assegurar-me que você seria a melhor ajuda que eu poderia encontrar para meu trabalho... Agora, com a consciência segura e com o regozijo da presença divina, calma e deliberadamente lhe dou a resposta... Se Ele o proíbe, creio que, por Sua graça, seguirei sempre satisfeito... Será um sacrifício de sua parte”.

A seguir, dava-lhe informações sobre a viagem, o clima e seu estado econômico. No mês de fevereiro haveria um barco para a Índia. Poderia vir então? (Martyn estava tão impaciente que não considerou que esta sua carta não chegaria antes de março).

Já era meia-noite quando, à luz da lua e das estrelas, no jardim de um velho pagode, terminou com estas palavras:

“Você me diz em sua carta que cada dia e com muita frequência se lembra de meu indigno nome, apresentando-o perante o trono da graça. Esta prova de sua amabilidade extraordinária e imerecida atrai meu coração para si com uma ternura que não posso descrever. Minha mui querida Lídia, na doce e terna esperança de que você me será dada por Deus e da felicidade que humildemente espero que você goze aqui encontro prazer em renovar-lhe a certeza de meu ardente amor”.

Sua ansiedade era tremenda e não falava nem escrevia a ninguém sem fazer referência a ela, como se já estivesse na Índia. Esperando a resposta de sua amada, Henrique continuou trabalhando com o mesmo ardor. Estava preparando a tradução da Bíblia para o hindustani, enquanto estudava, entre outras coisas, o bengali e o árabe.

A carta de Lídia chegou no fim de outubro. Mais de um ano após ele ter escrito a sua! Aquele dia Martyn o empregou especialmente na sua gramática árabe e, ao cair da noite, escreveu em seu diário: “Um dia triste. Finalmente, recebi carta de Lídia, na qual nega-se a vir porque sua mãe não o consentiria”.

Imediatamente, preparou sua resposta:

“Minha querida Lídia:

“Ainda que meu coração esteja cheio de dor e de desilusão, não lhe escrevo para envergonhá-la. Você assume a culpa por ter-me dado, embora não intencionalmente, motivos para crer que meu afeto era correspondido. Talvez tenha sido assim. Tenho lido menos ardorosamente suas cartas anteriores e ainda lhes dou a mesma interpretação que antes lhes tinha dado...”

“Entre as razões para recusar-me, não inclui falta de afeto para mim... Pelo contrário, diz que ‘circunstâncias presentes’ parecem impedir minhas indulgentes esperanças... Deixe-me dizer-lhe que estarei satisfeito em esperar até que você ache que o caminho esteja livre...”

Martyn estudava o problema da oposição materna e, embora fosse autêntico, ele oferecia-se para tê-la em seu lar na Índia ou sugerindo outras soluções e terminava com estas linhas:

“Mas quanto mais escrevo e quanto mais penso em você, tanto mais sinto meu afeto por você e mais difícil me resulta refrear minha pena de expressões que, talvez, não lhe agradem.

“Adeus, minha querida e mui amada Lídia; relembre seu fiel e sempre afetuoso

H. Martyn”.

A seu confidente Davi Brown, escreveu:

“Aconteceu o que eu temia. Ela nega-se a vir porque sua mãe não lhe daria o consentimento. Senhor Brown, não deve admirar-se de minha palidez quando recebo tantos duros golpes em meu coração”.

Enquanto isto, na Inglaterra, o célebre Carlos Simeon, que tinha sido o pai espiritual de Henrique, ficou sabendo que Lídia tinha recebido a proposta do jovem e imediatamente pegou um cavalo e galopou até Marazion. Mas chegou tarde: a negativa já tinha sido enviada. Não conseguiu nada com sua argumentação. A carta de consolo que escreveu a Henrique era tão deprimente que produziu um efeito contrário ao desejado.

Lídia ainda foi além. Enviou uma nova carta a Martyn para “dar-lhe uma última despedida”.

Um extraordinário incremento em seu trabalho ajudou o missionário a suavizar as suas dores. Recebeu a responsabilidade da tradução do Novo Testamento para o hindustani e também a de toda a Bíblia para o persa, pois a versão existente era mui pouco satisfatória. Além disso, ainda começou a tradução para o árabe, entusiasmado com a enorme influência que com ela poderia ser conseguida no mundo árabe. Sua fé estava posta em Deus e, confiado nEle, continuou avante.

Certamente, não podia esquecer da mulher que amava. Por isso, mesmo um ano após ter recebido aquela carta de Lídia, ao escrever para seu primo Tom, dizia: “Amo-a tanto que, ainda que este seja o quinto ano que estou separado dela, me é tão querida como sempre”.

A princípios de 1810 recebeu uma notícia que o abateu profundamente: o falecimento de uma irmã a quem apreciava muito e com quem mantinha assídua correspondência. Mas, ao mesmo tempo, teve uma grande alegria. Na consciência de Lídia houve alguma coisa que a levou a escrever-lhe novamente, oferecendo-se para ocupar o lugar daquela irmã que havia partido. Se ele aceitasse manter correspondência nesta base, poderia escrever-lhe imediatamente.

A alegria de Henrique foi enorme. “Minha Lídia, perdida para mim há tanto tempo, consentiu em escrever-me novamente”, disse ele a Davi Brown. Ao escrever à sua amada, Henrique foi sincero pela primeira vez em relação a uma coisa que era um terrível segredo: sua saúde. Com toda a clareza, dizia:

“O estudo nunca me prejudica, raramente me fadiga, mas... meus pulmões! A morte está aí; está dizendo-me que vai matar-me. A natureza

me fez advogado de tribunal e não para discutir com as pessoas. Mas o chamado de Jesus me leva a falar em alta voz e não me calar”.

Carta após carta ele mandava a Lídia e todas cheias de emoção e de carinho. Terminou seu trabalho na Índia no fim daquele ano e partiu para a Pérsia, com a finalidade de ali revisar as traduções para o persa e para o árabe. As cartas prometidas por Lídia não chegavam.

Sem jamais perder as esperanças, continuou trabalhando, no meio de grandes dificuldades. O regime de trabalho que se impôs na Pérsia não era para um homem como ele, abatido pela enfermidade, mas o fantasma da morte fazia com que ele apressasse ainda mais a sua missão, antes que seus esgotados pulmões deixassem de funcionar definitivamente.

Por fim, compreendeu que era impossível continuar. Terminou sua tarefa naquela terra onde a natureza e os homens eram-lhe hostis e se pôs a caminho, rumo à sua pátria, a milhares e milhares de quilômetros de distância, com a ideia de chegar ali para restabelecer-se ou... morrer.

Já estava pronto para sair da Pérsia quando em Tabriz, entregaram-lhe uma carta de Lídia. Sua espera de dezoito meses não tinha sido em vão. Aquela carta lhe devolveu parte de suas forças. Voltar à pátria!... Ver novamente Lídia!... Sarar e retornar ao trabalho!... Era necessário animar-se e prosseguir.

Sua debilidade já lhe impedia até de revisar sua correspondência, mas encontrou vitalidade suficiente para escrever a Lídia e a Simeon. A ela lhe dizia: “Jamais o amor de Deus me pareceu mais claro, mais doce e mais forte”. Então, com terrível sinceridade, acrescentava, para evitar que ela tivesse ilusões exageradas: “Devo dizer com franqueza que as possibilidades de chegar vivo à Inglaterra são bem poucas”.

Chegou o momento de partir para Constantinopla, onde embarcaria rumo a seu país, de onde tinha saído fazia seis anos. Era uma viagem longa e penosa, feita por caminhos ásperos e cheios de perigos. Quase como uma precaução, escreveu para Lídia.

“Dentro de três dias, montarei meu cavalo rumo a Constantinopla, que está a dois mil e cem quilômetros daqui... Logo não vamos mais precisar de papel e tinta, pois confio que brevemente a verei face a face. Creia-me que sou sempre seu, com minha maior felicidade e afeto.

H. Martyn”.

Partiu, deixando após si as cidades de Erivan, Etchmiazin, Kars e Erzerim. Mas, ao mesmo tempo, seus sofrimentos não o deixavam: a febre aumentava e o delírio tomava conta de si.

Já agonizante, chegou a Tokat, perto do Mar Negro. Não sabemos ao certo o que aconteceu ali, mas podemos imaginá-lo. O moribundo foi deixado numa hospedaria, junto aos animais da caravana e aos homens que bebiam e xingavam. Por sua mente passaram, fugazes e fantasmagóricas, as horas de labor na Índia, seus sofrimentos na Pérsia e a longa e penosa viagem. Misturaram-se como os dias de Cambridge, os jogos infantis, seus dias de pastorado...

E, sobrenadando naquele mar insondável e turvo, dois olhos profundos que sorriam e que se se umedeciam, alentavam e deprimiam... aqueles olhos estavam cravados num retrato: o seu!... E as mãos estavam apertando uma carta: a sua!... Aquela visão era ela... Era Lídia! Estava arrependida! Esperava-o! Deus permitisse que assim fosse!

Naquele dia, 14 de outubro de 1812, a alma atormentada de Henrique Martyn voou para os céus!

E muito longe, em Marazion – sabemos-lo com certeza, pois ela o disse mais tarde – dois olhos deixaram correr as lágrimas diante do retrato que sempre tinha estado sobre aquele móvel: o retrato daquele cuja última carta ela apertava em suas mãos...

.oOo.

6

UM LEÃO PROVIDENCIAL

Davi Livingstone

e Maria Moffat

Davi Livingstone não precisa de apresentação. O grande missionário, explorador e filantropo que abriu metade do continente africano à civilização, às missões e ao comércio é uma figura de tanta projeção que ninguém ignora a sua personalidade.

Aquele grande homem também teve uma história de amor, ou melhor, “suas histórias”, já que Livingstone apresenta o estranho caso de um missionário em cuja vida encontramos o relato de um incipiente namoro fracassado.

Esta parte de sua história permaneceu ignorada durante muitos anos, até que recentemente foram conhecidos diversos documentos que permitiram reconstituí-la, ainda que não em todos os seus detalhes.

Em 1838, quando tinha vinte e seis anos, ofereceu-se à Sociedade Missionária de Londres. Entre as perguntas que lhe formularam antes de sua aceitação estavam algumas sobre se era casado ou solteiro, ou se tinha noiva. Ele respondeu categoricamente assim: “Não tenho nenhum compromisso para casar-me, nunca fiz propostas de casamento, nem me tenho comportado com nenhuma mulher de tal maneira que lhe tenha feito pensar que queria casar-me com ela. Prefiro partir solteiro para que possa, como o grande apóstolo, estar livre dos cuidados de família e consagrar-me inteiramente ao trabalho”.

Aquilo era inteiramente certo. Por caráter e por sentimento de dever, Livingstone jamais se tinha preocupado com as moças de Blantyre, sua cidade natal, onde tinha morado até então. Alguém que neste tempo já o conhecia disse dele que era “apenas um rapaz tenaz, tímido, silencioso e simples”.

Possivelmente, sua convicção de que tinha que usar cada momento livre para preparar-se – apesar de passar o dia inteiro na fábrica – privava-o de tempo e de vontade para manter intimidades com qualquer um, especialmente mulheres. Carregava seus livros para a fábrica – sua gramática latina, por exemplo – e os colocava sobre o tear, pois tinha aprendido a ler e a trabalhar ao mesmo tempo.

As moças que trabalhavam com ele se divertiam às suas custas, atirando-lhe bobinas sobre os livros, mas jamais conseguiram que os seus

projéteis nem os seus atrativos pessoais despertassem o interesse daquele jovem “tímido e simples” por natureza.

No ano de 1838 foi a Londres, onde esteve dois anos antes de sua partida para a África. Ali conheceu o veterano Roberto Moffat, que foi quem dirigiu seus passos para o continente negro, pois o ideal de Livingstone antes era a China, para onde não pôde ir por causa da guerra.

Quando o jovem ouviu aquele homem impressionante falar, que contava ter visto “a fumaça de mil aldeias onde não tinha sido pregado o Evangelho”, atreveu-se a perguntar (lutando contra a sua timidez natural) se ele podia fazer “alguma coisa pela África”. A resposta de Moffat decidiu toda a sua vida futura.

Enquanto estudava no colégio de Chipping Ongar, uniu-se a um grupo de jovens candidatos à obra missionária. Entre eles sabemos que havia dois irmãos de sobrenome Prentice e uma jovem de nome Catarina Ridley. Todos eles eram de classe social mais elevada e de sólida preparação acadêmica. Logo Livingstone se sentiu atraído por Catarina.

Não é de estranhar: ela seria provavelmente a primeira moça que ele encontrava com quem podia compartilhar, de igual para igual, suas inquietações espirituais e intelectuais.

Naturalmente, seu caráter lhe impediu que se aprofundasse muito naqueles relações, mas pelo tom das cartas que se conservam pode ver-ser que ela ocupava um lugar em seu coração. Ele tinha uma dúvida muito séria sobre a jovem: sua delicada saúde.

Um dia, disse a Tomé, um dos Prentice: “Creio que a diferença entre a pequena e luxuosa carruagem que ela usa e a carreta de bois do sul da África será grande demais”.

Seu amigo respondeu-lhe que, desde que ela tinha resolvido ser uma missionária, tinha trabalhado como uma verdadeira criada. É difícil para um homem defender imparcialmente a mulher que admira e, talvez por isso, Livingstone tenha percebido em seu culto e aristocrático amigo um perigoso rival. Ele, então, não se apressou, talvez porque seu interesse pela jovem não estivesse definido.

No dia 8 de dezembro de 1840 partiu para a África, onde esperava tornar a encontrar-se com ela. Como despedida, lhe deu um livrinho de meditações com a dedicatória: “A Catarina Ridley, com os melhores desejos e o afeto cristão de D. L.”. A clássica má ortografia do futuro missionário lhe fez escrever até mesmo errado o nome da mulher a quem admirava.

Ela lhe deu outro presente: uma proteção para o relógio, que tinha feito com suas próprias mãos, e um livrinho elegantemente encadernado, que se intitulava “Meditações sobre o Salmo 119”. Ele leu o livro durante a

viagem e declarou que sua leitura tinha enchido seu coração de reflexões celestiais.

Estando no navio, lhe escreveu e, ao falar de si mesmo, dizia: “Você sabe que não estou acostumado a relacionar-me com aquelas que têm sido bem educadas em sua vida”.

Seu barco aportou no Brasil antes de dirigir-se ao Cabo da Boa Esperança. Desde a Bahia enviou-lhe outra carta com seu habitual brilho descritivo, contando-lhe de sua admiração das belezas tropicais. Dizia assim:

“Não posso deixar de admirar a formosura das montanhas que vemos por toda parte e há muito a observar nas pessoas que encontramos. Quis ver um pouco do interior e, como ninguém quis enfrentar o calor e a fadiga de uma caminhada sob o sol escaldante, decidi ir sozinho, entrando oito ou nove quilômetros na selva brasileira.

“Aquela foi uma visão esplêndida. As únicas árvores com as quais eu estava familiarizando eram as palmeiras e as laranjeiras. Havia uma imensa variedade de borboletas e gafanhotos de grande tamanho, como também lagartos e escorpiões no meio de uma vegetação exuberante, plantas parasitas em grande variedade e muitos vales encantadores que fogem a qualquer descrição. Pequenas cobertas, como cabanas de nativos, destacavam-se em vários lugares, aparecendo sob as laranjeiras e entre as folhas das bananeiras”.

Provavelmente tenha perdido o contato com Catarina ao chegar à África. Estava muito preocupado com a saúde da jovem, mas não conseguia receber notícias, pois Prentice não lhe respondia suas cartas. A um amigo comum, Livingstone escreveu: “O pequeno Tomé, muito manhoso, só tem tempo para escrever a Catarina”.

Ela desapareceu da vida de Livingstone. Suas suspeitas não eram infundadas. Catarina casou-se com Prentice e, como a saúde dela não lhes permitia ir à África, os projetos missionários dos jovens foram abandonados. Pelo que nos consta, Livingstone não tornou a encontrar-se com ela.

Podemos imaginar que não sofreu muito por aquela passageira ilusão fracassada. Não há dúvida que ele continuava firme na sua atitude contrária ao casamento e a prova que temos disto está na correspondência que manteve com seu amigo Watt, missionário na Índia, que compartilhava com suas ideias. Depois de não muito tempo de sua chamada para a África, escreveu-lhe assim:

“A senhora Sewell diz que acha que o senhor está muito triste por não ter companhia. Disse-lhe eu que estou certo que não é assim. Quanto a mim, tenho a plena consciência de que assim estou melhor. Todas as esposas de missionários que tenho encontrado reprovam meu bem-aventurado celibato com muita energia.

“Algumas já têm chegado a insinuar que estou solteiro por que não tenho conseguido esposa. Mas tenho arrazoado com elas dizendo-lhes que é muito mais fácil um missionário sair da Inglaterra casado do que solteiro. Neste último caso, é necessário muita luta, mas no primeiro é suficiente apresentar a questão a um amigo e resolve-se o problema num instante!”.

Três anos que precisou passar longe da civilização, sem mais companhia que a de um colega, com quem era difícil entender-se foram fazendo com que muda-se de opinião. Por esse tempo, uma carta de Watt, escrita em tom “defensivo do casamento”, fez-lhe compreender que seu companheiro tinha cedido ao impulso do amor e estava prestes a casar-se. Ao responder-lhe, dizia:

“Espero que o senhor seja feliz. Aqui não há ninguém que mereça que lhe tire o chapéu. As filhas de missionários têm um espírito muito mesquinho; as jovens das colinas são piores. Não há solução para meu problema; quando começo a pensar em meu casamento, não vejo outro recurso senão enviar à minha terra um anúncio para algum jornal evangélico, pedindo uma esposa que, para quando eu seja mais velho, seja uma boa viúva. Mas, por enquanto, estou muito ocupado para pensar nisto”.

Por esse tempo, Livingstone foi atacado por um leão, que pôs sua vida em grave perigo. Uma grave fratura de seu braço esquerdo praticamente anulou os movimentos deste membro pelo resto de sua vida, ao ponto de ser-lhe penoso levantá-lo acima do cotovelo.

Ele era médico e, seguindo suas orientações, Edwards, seu companheiro de serviço, lhe entalou o braço, mas não o fez direito, e Livingstone teve que sofrer terrivelmente nos três meses que se seguiram e resignar-se a ter o braço defeituoso até a sua morte. Mas ele não podia permanecer parado e voltou para o trabalho, com o resultado que caiu de um andaime e, ao segurar-se numa viga com o braço ferido, a emenda, ainda muito fraca, tornou a quebrar-se.

Edwards era um pobre amigo e ainda um pior enfermeiro e Livingstone começou a sentir necessidade de outra mão que cuidasse dele. Não duvidamos de que aqueles momentos de descanso obrigatório lhe dissiparam os últimos receios quanto a prejuízos no casamento.

Recebeu então uma carta que muito lhe agradou: Moffat, o homem que havia dirigido seus passos para a África, estava de regresso com sua família. Confiando que, entre eles, encontraria quem cuidasse dele melhor do que Edwards, Livingstone viajou para o sul até encontrar os viajantes à beira do rio Vaal. Moffat logo escreveu: “Uma visita como a do senhor Livingstone no meio da selva foi para nós um dos mais alentadores encontros. Pouco podem avaliar a alegria que sua presença nos deu”.

Naquele grupo viajaria Maria, a filha mais velha de Moffat, que imediatamente entabulou com o hóspede uma amável conversa que só podia dar no que deu. Rapidamente conheceram-se melhor através daquelas semanas em que Livingstone se restabelecia entre eles. Tinha sido necessário um leão para afastar os sentimentos negativos quanto ao casamento que o jovem tinha, mas foi uma mudança definitiva.

Ainda permanecia um obstáculo a ser vencido: a inalterável timidez do pretendente. Por isso, não é de estranhar que tudo o que ele tenha deixado escrito sobre seu namoro e casamento sejam estas palavras: “Após quatro anos de vida africana, como solteiro, ajuntei toda a minha coragem para perguntar alguma coisa sob uma das árvores frutíferas de Kuruman. Disto resultou que em 1844 me unisse em casamento com Maria, a filha mais velha do doutor Moffat”. Ainda se aponta uma certa árvore a quem a tradição diz ser a árvore a cuja sombra ele se atreveu a fazer-lhe a grande pergunta.

Pouco depois, ele partiu outra vez para o norte, para sua estância missionária, para preparar seu futuro lar. Dali escreveu no dia 1º de agosto de 1844 a primeira carta a sua noiva, que terminava dizendo estas formosas palavras: “Agora, amada, adeus. Que Deus a abençoe. Que seu amor para Ele seja muito maior do que para mim e, sustentado por Seu grande poder e graça, espero que nunca lhe darei motivos para queixar-se de ter-me dado uma parte do seu amor. Qualquer que seja o carinho que sintamos mutuamente, iremos sempre a Jesus, como nosso comum amigo e guia. Que Ele a proteja, em Seus braços eternos, de todo mal”.

Outra vez, ao falar-lhe de suas ocupações, dizia: “É um trabalho muito espinhoso e quase suficiente para expulsar de meu cérebro o amor, mas, como ele está sediado no meu coração, isso não vai acontecer, a não ser que você se comportasse de maneira a extingui-lo”.

No fim do ano, voltou a fim de casar-se. Não deixa de ser curioso que Livingstone tenha esquecido a data de seu casamento, que não foi em 1844, como ele dizia, mas 2 de janeiro de 1845, conforme consta na ata manuscrita por seu sogro no livro da igreja.

Imediatamente foram fazer sua “Festa de Núpcias”; com isto não queremos dizer que fizeram um grande banquete – disto não consta nada – mas que voltaram para a povoação de Mobotsa, onde ele trabalhava, cujo nome quer dizer precisamente “Festa Nupcial”.

Por estes dias, ele escreveu a um amigo, falando-lhe de sua esposa: “Não é romântica, mas prática e de bom senso; seu cabelo é bem negro, é baixa e um pouco gorda, mas forte e é tudo quanto eu desejo”. Estas últimas palavras, tão estranhas nele, revelam que não se tinha equivocado em sua escolha.

Quanto à parte física da moça, parece que Livingstone não tinha reparado muito nisto, pois, conforme fotografias de Maria Moffat, embora ela não fosse de grande beleza, tinha um aspecto muito agradável.

Ela tinha nascido na África e ali tinha crescido, assim, pois, estava preparada melhor do que qualquer outra para levar aquela vida, que estava muito longe de ser uma vida fácil. Não era sem razão que, no ano de seu casamento, ele escrevia numa carta a Watt:

“Construir, cuidar do jardim, remendar sapatos, fazer curativos, trabalhar de carpinteiro, consertar armas de fogo, consertar as carretas, ser veterinário, pregar, ensinar, dar aulas de acordo com meus conhecimentos, além de ensinar religião a um grupo de três pessoas, isto absorve todo o meu tempo.

“Minha esposa faz velas, sabão e roupas e, desta maneira, quase que conseguimos o indispensável para uma família missionária no centro da África; o marido é aprendiz de tudo e oficial de nada e a esposa, criada de todo o serviço da casa”.

Encontraremos poucos homens que, como Livingstone, tenham continuado tão enamorados de sua esposa o resto da vida como quando a pediram em casamento. Só puderam viver juntos pouco tempo, mas em suas cartas encontramos expressões como estas:

“Como sinto falta de você, como também de meus amados filhos! Meu coração suspira continuamente por você! Quantas lembranças se amontoam em minha mente!”

“Você tem sido uma bênção para mim. Não tenho encontrado nenhum rosto que possa ser comparado com o seu rosto queimado do sol e que tantas vezes me esperou, iluminado por um sorriso.

“Minha amada, quando casei com você, a amava, mas, à medida que os anos têm passado vivendo juntos, tenho aprendido a amá-la ainda mais.

“Cumpramos nosso dever para com Cristo e Ele nos levará pelo mundo honrosamente e nos usará para o Seu serviço”.

E outra vez disse:

“Pode ler novamente as cartas que lhe escrevi em Mabotsa, naquele tempo. Como lhe disse antes, novamente lhe digo que elas são sinceras e verdadeiras; não há nelas o menor indício de fingimento. Nunca revele todos os meus sentimentos, mas sinceramente posso dizer-lhe, querida, que, quando me casei, gostava muito de você e que, quanto mais vivemos juntos, mais ainda a amo”.

Finalmente, como testemunho de que ele continuou sempre o mesmo enamorado da mãe de seus filhos, leiamos o que ele escreveu em 1862, com o coração destroçado pela morte de Maria, quebrando, assim, pela primeira vez, o silêncio sobre sua vida interior: “Em nossa vida particular houve mais alegria e brincadeira do que aquilo que alguns poderiam considerar decoroso. Alguns dias antes que ela enfermasse tão gravemente, eu lhe disse: ‘Nós, com nossos velhos corpos, devemos ser mais sóbrios e não brincar tanto’ e ela me respondeu: ‘Você deve ser sempre tão brincalhão como tem sido; não gostaria que você ficasse grave demais, como algumas pessoas a quem conheço’. E estas palavras me confirmaram a idéia que eu já tinha, a ideia de que o caminho verdadeiro se encontra em deixar que a mente cresça em sabedoria, mas que o coração se mantenha sempre jovem e brincalhão”.

.oOo.

7

SOB AS CHUVAS TROPICAIS

Henrique Nelson e Ida Lundberg

O sangue que corria nas veias de ambos se formou no frio clima da Suécia; seu chamado e seu amor surgiram nas temperadas planícies dos Estados Unidos de América e sua obra se realizou nas tórridas selvas do Brasil amazônico.

Falemos um pouco dele. Em 1862, enquanto a neve caía por todo o canto, chegou ao mundo Henrique Alfredo Nelson, em uma família nórdica com a rigidez de seus princípios, a severa disciplina e a sábia combinação do sério com o alegre, que foram características salientes do recém-nascido nos anos de seu labor.

Sete anos mais tarde, especialmente por questões de consciência, a família Nelson emigrou para os Estados Unidos e se estabeleceu numa chácara no estado de Kansas.

Dirigida pelo pai de Henrique, ali se formou uma pequena igreja, na qual ele ingressou aos quinze anos. Sentindo-se chamado para pregar, quando sua idade assim o permitiu, o jovem imigrante dedicou-se a viajar pelo centro do país, preferivelmente entre as colônias suecas, anunciando o Evangelho.

Deus tinha preparado para ele algo diferente e, em 1891, mostrou-lhe que Sua vontade era que fosse ao Brasil, onde Nelson serviu a seu Senhor durante quase meio século. Seu labor foi notável, principalmente pela extensão do campo atingido.

Quase que não houve um canto da região amazônica, desde a desembocadura do grande rio até os seus últimos afluentes no Peru e na Bolívia, que não escutasse a palavra fervorosa do missionário. Em 1939, Deus o chamou ao seu merecido descanso.

Em sua biografia, intitulada “O apóstolo do Amazonas”, encontramos estas palavras sobre sua esposa: “Foi uma companheira ideal para o grande homem de Deus. Frágil, magra, de saúde delicada, mas de alma forte, com esta fortaleza que domina as fraquezas do corpo e que alcança as mais extraordinárias vitórias, ela não perturbou a vida de seu marido com lamentos e com queixas. Não se deixou abater nas horas difíceis. Não desfalecia quando ele a deixava sozinha em Manaus, sozinha com seus filhos.

Valentemente soube comer seu pão com lágrimas e enfrentar com ele os perigos da perseguição. Valente e nobre mulher!”.

Ela chamava-se Ida Guilhermina Lundberg e tinha nascido em Kansas, sete anos depois que Henrique, e era “quase tão sueca” como ele, pois sua meninice e sua juventude transcorreram numa colônia da referida nacionalidade. Ao compreender que Deus a chamava para a Sua obra, dedicou-se a trabalhar num colégio para indígenas, do qual saiu para unir-se com o jovem Nelson, a quem sobreviveu até 1945, ao morrer aos oitenta e quatro anos.

Como se conheceram e se casaram? Vamos ao assunto.

Em 1890, Henrique viajava por Kansas, pregando nas igrejas batistas. Um particular interesse foi despertado por uma congregação de imigrantes suecos que não tinha pastor. Sua oportunidade de ser útil ali era, portanto, maior e mais gozo lhe dava. Foi quando conheceu Ida. Sem dúvida, foi um amor rápido. O entusiasmo e o fervor de Henrique devem ter cativado a admiração da jovem e outro tanto aconteceu com ele, ao notar a espiritualidade e o amor pelo trabalho do Senhor de Ida. Porém, naqueles dias, é provável que suas relações não tenham sido muito profundas.

Para ele, aquilo significava uma luta terrível. Pouco antes, tinha sentido o chamado de Deus e tinha resolvido obedecer-Lhe. Por outro lado, apresentava-se-lhe o incerto futuro de todo pregador; ainda existia a possibilidade de voltar para a chácara, que sempre o esperava, casar-se e ser feliz como o eram seu pai e seus irmãos. Mas não cedeu em seus propósitos.

Quando, alguns meses depois, tornou a encontrá-la, já tinha resolvido viajar para o Brasil como missionário, sem pedir a ajuda de ninguém, confiando apenas nos recursos que Deus quisesse enviar-lhe.

Aquele segundo encontro se deu por ocasião do casamento de um pastor amigo seu. Ela tinha começado a trabalhar num instituto para a educação dos índios. Henrique aproveitou então e lhe falou mais diretamente, contando-lhe com clareza seus planos e suas poucas perspectivas no sentido financeiro.

Pelo coração de Ida passou a ideia de que, se não se casasse com aquele jovem, não se casaria com nenhum outro, mas não lhe fez nenhuma promessa, o que, por sua vez, ele também não pediu. Henrique já tinha passado um ano no Brasil quando compreendeu que não podia continuar só. Escreveu a Ida, descrevendo-lhe a obra que fazia e a parte que ela poderia ocupar, caso aceitasse casar com ele.

O espírito de Ida não era menos decidido do que o do seu pretendente e, deixando tudo, partiu imediatamente, após comprar, com seus próprios recursos, um modesto enxoval e de pagar sua própria passagem de terceira classe.

Trinta e cinco anos depois, seu marido escreveu no Jornal Batista: “Ida Guilhermina Lindberg veio sozinha de Kansas (quase como o outro Lindberg, mas mais valente de que este), sabendo que seu futuro marido não tinha nenhum ordenado, nem ajuda de nenhuma missão nem garantia humana de sustento, mas julgando que aquela era uma grande oportunidade de servir a Deus e também de ajudar aos que trabalham, tendo oferecido seus serviços à missão batista do norte, julgou que aquilo era uma resposta de Deus, e aqueles que conhecem seu trabalho na grande bacia amazônica, não terão dúvida quanto a isto”. Fez uma viagem tão penosa que o capitão do navio lhe permitiu utilizar um camarote de primeira classe.

No dia 7 de janeiro de 1893, a valente jovem chegou ao Pará. Desesperados, Henrique e seus amigos tinham procurado um alojamento para ela, mas não tinha sido possível achá-lo. Viram-se obrigados, como única solução possível, a casar-se no mesmo dia.

Assim o fizeram. Ele tinha pedido ao pastor metodista que realizasse a cerimônia religiosa, mas isto não foi possível por uma lamentável razão: o referido pastor estava na cadeia. Ele tinha escrito um panfleto contra a Igreja Católica e o tinha pregado na porta da catedral, como um novo Lutero em Wittenberg. Teve que pagar com a perda da liberdade e os noivos viram-se privados do ato religioso de seu casamento.

Foi o cônsul norte-americano quem legalizou seu casamento e seis cônsules estrangeiros atuaram como testemunhas. Um irlandês, que se hospedava junto com Henrique, chamado Ivo Robinson, foi a testemunha da noiva.

O primogênito dos Nelson seria chamado de Ivo em homenagem a este amigo.

Uma vez concluída a cerimônia, o cônsul norte-americano perguntou a Nelson se precisava de alguma coisa. Com sua característica franqueza, o recém casado lhe respondeu que estava sem dinheiro e que precisava de cinquenta mil reis...

Logo os noivos, Robinson, o cônsul e sua esposa foram a um restaurante para comer juntos em celebração de seu casamento. Enquanto estavam lá, desabou um terrível aguaceiro como os que têm feito famosa a região.

As ruas se inundaram e os carros não puderam transitar pelas ruas, pelo que não tiveram outra alternativa senão sair a pé. Realmente, não parece muito romântico chegar ao casamento completamente ensopado.

Pouco depois de começar a refeição, os três convidados pediram umas bebidas mais fortes do que café. Nelson considerou que tinha chegado a hora de ir embora e, como já tinha parado de chover, pediu a conta, pagou e foi embora, deixando seus amigos para que continuassem bebendo sozinhos. Sua festa de casamento custou-lhe vinte e sete mil reis, uma questão de apenas alguns centavos...

Nelson levou a sua esposa à sua casa, que era uma simples cabana nos arredores da cidade e era tão pobre que nem sequer cama tinha. Era para desanimar a qualquer um... que não fosse Ida.

No dia seguinte, o notável casal já estava trabalhando, como se tivessem estado juntos a vida inteira.

.oOo.

8

CASAMENTO

SEM

NAMORO

**Tiago Gilmour
e Emília Prankard**

Tiago Gilmour, o apóstolo da Mongólia, era em muitas coisas um homem diferente. E a história do seu casamento – já que não podemos chamar de noivado – condiz com tal caráter.

Gilmour era escocês, nascido em 1843, e chegou como missionário à China em 1870. Não era este o seu destino definitivo. Mais ao norte, a ambos os lados do Deserto de Gobi e através deste, viviam numerosas tribos do mongóis, entre os quais não havia nenhum pregador do Evangelho. Já tinha havido entre 1817 e 1841, mas o governo do Czar da Rússia os tinha obrigado a retirar-se dali. No entanto, eles deixaram algo muito importante: a tradução da Bíblia que, uma vez impressa, foi feita circular entre as pessoas do povo que sabiam ler. Para reabrir esta obra, a Sociedade Missionária de Londres enviou a Tiago Gilmour.

No dia 5 de agosto de 1870 saiu de Peking rumo a Kalgan, que seria sua base de operações, para realizar sua primeira viagem através do deserto, com a intenção de chegar até a fronteira da Sibéria.

Chegou ali no dia 28 de setembro. Durante dois anos e meio ocupou-se em percorrer o país, aprender o idioma (complexo como poucos) e obter documentos chineses e russos, o que na época era muito difícil.

No dia 13 de março de 1873 iniciou a primeira parte de seu trabalho metódico, que teria que terminar no fim do mesmo ano. Durante este período, Gilmour começou a preocupar-se com um problema que até então não lhe tinha chamado a atenção: a necessidade de uma companheira em seu trabalho. As longas jornadas no deserto, sozinho ou com nômades semi-selvagens, o temor de uma enfermidade, o fato de somente ver perante si rostos amarelos fizeram-lhe compreender o valor de uma esposa.

Mas o problema tinha um aspecto muito peculiar e agravante: na região não havia nenhuma jovem com quem pudesse casar-se. Diz-se que ele escreveu à Escócia, a uma antiga amiga, mas ela já estava comprometida.

A solução chegou de uma maneira pouco habitual. Seu companheiro de trabalho missionário, S. D. Meech, tinha-se casado no ano anterior com a senhorita Prankard, a quem tinha conhecido mesmo antes de ir à China. O casamento se realizou em maio de 1873. Gilmour viu casualmente um retrato de Emília Prankard, a cunhada de seu amigo.

Isto suscitou uma conversa mui prolongada que despertou o interesse do jovem aflito por seu estado de solteiro. Várias vezes ouviu falar dela em

forma muito religiosa, tanto em relação ao seu caráter, como aos seus dotes morais e seu prazer no serviço cristão.

Não era, pois, de estranhar que, em suas noites de insônia, a figura de Emília Prankard, mais imaginária do que real, se apresentasse à mente do jovem.

Os caminhos do Senhor são, muitas vezes, bem diferentes do que imaginamos. Aquilo que parecia tão estranho, não seria a vontade do Senhor?

Depois de muito orar e meditar, Gilmour tomou uma resolução ao terminar aquele ano. Um dia falou com toda franqueza com a senhora Meech e lhe perguntou se poderia escrever a Emília com vistas ao casamento. A jovem senhora o apreciava muito e, conhecendo seu espírito de trabalho e de consagração, compreendia que Deus lhe tinha reservado uma grande obra.

Mas também conhecia bem e amava sua irmã e percebeu que ambos os jovens formariam um lindo par, útil no Reino de Deus. Por isso, seu consentimento foi imediato e espontâneo.

Gilmour não perdeu tempo e logo no primeiro barco mandou para a Inglaterra duas cartas: uma para Emília, propondo-lhe casamento, e outra para seus pais, informando-os sobre o assunto. A seguir, foi outra vez para a Mongólia e ali ficou por seis meses.

A carta para seus pais dizia:

“Tenho escrito para uma jovem na Inglaterra e lhe tenho proposto casamento. É verdade que nunca a tenho visto e que pouco sei sobre ela, mas o que sei é coisa boa. É a irmã da senhora Meech e vive com sua mãe em Londres. Sua mãe se mantém a si mesma e à filha, dirigindo uma escola. Um dos inconvenientes talvez seja que a mãe não esteja disposta a separar-se dela, pois, ela é a vida da escola. Não tenho certeza.

“Assim, pois, lhe tenho escrito e lhe tenho feito a proposta, deixando que elas decidam. Se não pode vir, não terei prejudicado ninguém com isto. Se ela pode vir, então minhas esperanças terão seu cumprimento. Se a jovem diz ‘sim’, ela ou seus amigos escreverão aos senhores, como tenho pedido que o façam...

“Talvez os senhores pensem que estou apressando-me demais, escrevendo a uma moça a quem nunca tenho visto. Se pensam assim, devo dizer-lhes que talvez também eu pense assim, mas que vou fazer? Além do mais, estou certo em tudo isto porque tenho usado o melhor de meus pensamentos no assunto e tenho deixado tudo nas mãos de Deus,

pedindo-Lhe que (se assim é melhor) a traga aqui ou que (se assim é melhor) a mantenha longe. Ele é Quem pode arrumar todas as coisas”.

Por alguma causa desconhecida, esta carta chegou com muito atraso e os pais de Gilmour um dia tiveram a surpresa de receber uma nota, assinada por uma senhora desconhecida para eles, que dizia:

“Seu filho, o senhor Gilmour, de Peking, pediu à minha filha que lhes escreva, informando-os de sua decisão de unir-se a ele como esposa. Ele quis que eu lhes escrevesse e terei muito prazer em saber alguma coisa dos senhores através de sua correspondência”.

Entre as duas famílias formou-se imediatamente uma forte amizade, da qual surgiu a certeza que aquele casamento fazia parte dos planos de Deus.

Muitas orações foram elevadas ao Trono da Graça, pedindo direção para tão delicado assunto.

As duas partes fizeram cuidadosas investigações e só encontraram informações elogiosas em todo canto.

Quando Gilmour voltou a Kalgan em julho, encontrou cartas de Emília aceitando-o como marido e de sua mãe, dando-lhe alguns detalhes sobre ela. No dia 2 de outubro escrevia à sua mãe:

“A senhora já viu a senhorita Prankard, mas não me disse o que pensa dela. Ela ficou muito contente com a visita da senhora a ela na Escócia. A senhora ficará contente em saber que tenho recebido lindas cartas suas. Tenho-lhe escrito e me respondeu na maneira mais espontânea sobre suas esperanças e sua condição espiritual e, embora nunca nos tenhamos visto um ao outro, estou certo que conhecemos mais da vida interior e da alma um do outro do que muitos namorados após um longo namoro.

“É lindo pensar que, mesmo agora, podemos falar-nos através de cartas, sem reserva alguma, e posso dizer-lhe isto porque sei que a senhora ficará contente em saber. Eu já sabia que ela é uma jovem piedosa, caso contrário não a teria convidado para ser a esposa de um missionário, mas ela recebeu isto muito melhor do que eu jamais teria pensado e não tenho medo de enfrentar a vida juntos”.

Emília partiu imediatamente para a China. Meech e Gilmour foram até Tientsin para esperá-la e, enquanto esperavam, ocuparam seu tempo pregando o Evangelho. Um domingo ouviu-se ao longe a sirene do barco. Estava chegando a futura esposa de um e cunhada do outro, mas era a hora da reunião e nenhum dos dois abandonou sua ocupação.

Terminando a reunião, ambos foram à costa quando já se via perto uma luz verde, que anunciava a embarcação.

É claro que Gilmour estava impaciente e, por isso, a uma sugestão sua, ocuparam um bote e quiseram subir ao barco, mas não lhes foi permitido. O único que puderam fazer foi ver a jovem que os observava desde a coberta do navio e que Meech, apertado pelo amigo, teve que localizar.

A primeira impressão que Emília recebeu ao ver seu futuro marido não deve ter sido muito agradável. Meech descreve seu aspecto da seguinte maneira: “A manhã estava fria e Gilmour estava envolto em seu velho casaco que já tinha sido bastante usado na Sibéria e tinha um cachecol ao redor do pescoço, mais preocupado com sua comodidade do que com sua aparência”.

O coração prático de Gilmour não contribuía para tornar aqueles momentos mais românticos. Continuou do mesmo jeito e, quando às onze horas da manhã, se encontraram no meio do tumulto do porto e das dificuldades com a equipagem e os passaportes é que se conheceram pessoalmente. Casaram-se nove dias depois.

Toda esta época – breve e longa, ao mesmo tempo – Gilmour a descrevia nestas palavras, ao escrever a um amigo, que seria seu biógrafo: “Saímos para Peking no dia seguinte, chegamos na quinta-feira e nos casamos na terça-feira seguinte”.

Na mesma carta há outro parágrafo:

“Na terça-feira, 8 de dezembro, me casei. “A irmã da senhora Meech é agora a senhora Gilmour. Nunca nos tínhamos visto até uma semana antes de nos casarmos e meus amigos têm feito cara feia e me estão acusando de agir apressadamente e sem a devida consideração. Eles dizem: ‘Que acontecerá se não se gostarem mutuamente? O casamento é para toda a vida!’ Até parece que eu não sabia disto já faz muito tempo!”

Em outra carta, dois anos mais tarde, ao tratar do casamento de um casal chinês, dava este detalhe sobre o seu:

“Em meu caso, eu devo ter dito ‘sim’ com uma voz muito fraca, porque minha esposa, quando chegou sua vez, disse ‘sim’ tão forte que todos ficamos surpresos e isto me deixou claro quanto de ‘sim’ ela devia pôr neste assunto”.

Terminemos transcrevendo, como resumo, uma carta dirigida a um dos seus mais íntimos amigos, verdadeiro escocês, que dizia:

“Sua amável, longa e mui desejada carta, datada de 12 de maio de 1873 e de 21 de agosto de 1874 chegou no dia 9 de janeiro de 1875. Muito obrigado por ela, ainda que pense que, no futuro, será melhor que me envie a metade do material na metade do tempo, se é que realmente não tem tempo para escrever-me mais a miúdo. Como me casei no dia 8 de dezembro de 1874 com a irmã da senhora Meech, essa senhora, agora senhora Gilmour, teve muito prazer em ler sua fervorosa, longa e reiterada carta para que não a tomasse em casamento.

“Sua advertência chegou tarde. Se tivesse mandado sua carta no dia 12 de maio de 1873, teria chegado a tempo, já que a primeira carta com a qual iniciamos nossas relações foi escrita em janeiro de 1874. Se nenhuma outra coisa pode afetá-lo, talvez o pensamento de que pudesse ter-me salvo do terrível destino de ter uma esposa inglesa possa levar você a escrever-me mais a miúdo suas cartas, mesmo que não sejam longas e completas.

“Agora, quero dizer-lhe alguma coisa sobre minha esposa. Como quero que você a conheça, vou apresentar-lhe. É uma jovem alegre e tão cristã e missionária cristã como eu ou, talvez, mais. Não sei se lhe contei como se deu tudo isto. Primeiro propus casamento a uma jovem escocesa, mas eu já tinha chegado tarde.

“Então pus o assunto de encontrar esposa nas mãos de Deus, pedindo-lhe que Ele mesmo buscasse uma para mim, uma boa, e logo tive condições de propor à senhorita Prankard o casamento, com toda a razoável evidência que ela não rejeitaria a oferta.

“Nunca nos tínhamos visto e nunca tínhamos mantido correspondência, mas ela já tinha ouvido a meu respeito na Inglaterra, através de pessoas que me conheciam, e eu já tinha ouvido falar dela através de sua irmã e de seu cunhado. A primeira carta que me escreveu foi para aceitar-me: verdadeiramente romântico!

“Propus-lhe o casamento em janeiro, fui à Mongólia na primavera, estive cavalgando com meus camelos até julho, quando, então, voltei a Kalgan para encontrar as notícias de que já era um homem aceito. Fui a Tientsin para esperá-la; chegou aqui na quinta-feira e nos casamos na terça-feira seguinte pela manhã.

“Tivemos uma semana de descanso, então fui ao interior numa viagem de nove dias e voltei dois dias antes do Natal. Temos estado em casa desde então. Tal é o romance de um homem prático.

“Você vai perceber que tudo foi feito simplesmente pelo princípio da fé e por seu êxito estou cada dia mais inclinado que é o plano de Deus. Certamente, sou um homem mais feliz do que em meus sonhos de dia atrevia-me a imaginar que pudesse ser.

“Não é somente a mim a quem minha esposa tem agradado, antes ela tem conseguido boas referências da maior parte dos que a têm conhecido, tanto na Escócia como na China.

“Meus pais ficaram surpresos um dia ao receber uma carta de uma senhora inglesa, uma senhora da qual nunca tinham ouvido falar, declarando-lhes que sua filha tinha-me aceito para ser a minha esposa. Como devem ter ficado assustados meus queridos pais! Antes disso, nunca tinham ouvido uma palavra a respeito!

“Minha carta para eles, enviada no mesmo dia que a carta para ela, tinha sido retida em Londres. A jovem foi à Escócia e esteve com eles duas semanas. Ali deixou uma boa impressão neles, os quais me escreveram dizendo-me ‘ainda que tivesse procurado por todo o país durante um par de anos, não teria podido fazer melhor escolha’.

“Acho que estou cansando você, mas quero que saiba tudo o que se relaciona com o assunto e quero assegurar-lhe que não precisa ficar triste por mim ou por minha esposa. É uma boa moça, muito melhor do que eu e é tão fácil de lidar com ela como poderia sê-lo uma moça escocesa.

“Para mim foi uma boa distração ler seu discurso sobre as esposas inglesas e sua advertência sobre ela. Ela é um tipo alegre e não ficou ofendida, mas imagino que, se se encontrar com você, então você terá que ouvir uma ‘boa’”.

.oOo.

9

**AJUDA EM
TEMPO
OPORTUNO**

Marcus Whitman e Narcisa Prentiss

Narcisa Prentiss era uma linda moça, filha de um juiz aposentado da cidade de Prattsburg, no norte dos Estados Unidos da América. Seu pai, homem apegado às velhas tradições, observou um dia que certo rapaz de entre as suas amigadas procurava a companhia de Narcisa com bastante assiduidade. Tratava-se de Henrique Spalding, humilde mas trabalhador, de quem já se sabia que pretendia dedicar-se ao ministério cristão. Chamou a sua filha e lhe exigiu que recusasse Spalding, caso este lhe propusesse algo de concreto.

A proposta chegou pouco tempo depois. Era a primeira na vida da jovem e, pessoalmente, não tinha motivos para recusá-la, mas, obediente ao desejo paterno, assim o fez.

Desta maneira terminou o primeiro episódio amoroso de sua vida.

Três anos mais tarde, em setembro de 1834, aconteceu o encontro com o homem que teria de ser o seu marido. Ela trabalhava numa escola a certa distância do seu lar e, por isso, se via obrigada a fazer todos os dias uma viagem incômoda. Na ocasião a que fazemos referência, tinha saído de casa às seis horas da manhã, junto com seus irmãos Estêvão e Joana.

Não muito tempo depois, viram um cavaleiro que avançava em sentido contrário. Evidentemente estava muito cansado e, como notou Narcisa, parecia um médico que estava voltando de atender um caso urgente durante a noite.

“Pois é possível que você não esteja errada”, lhe disse sua irmã, “pois é o doutor Marcus Whitman, de Wheeler. Uns dias atrás estive em casa, enquanto você estava fora. Pare a carruagem, Estêvão, para que possamos cumprimentá-lo”.

Narcisa então pôde admirar um rosto fatigado, mas varonil, com uma negra cabeleira e uma pequena barba da mesma cor, mui à moda naquela época.

Ele, no entanto, parecia só ter olhos para Joana, a quem conhecia. Narcisa foi apresentada rotineiramente, mas o médico continuou falando com sua irmã.

A única intervenção dela na conversa foi quando Whitman fez menção da escola onde ela tinha estudado; quando ele o soube, declarou-se admirado, mas Joana tornou a reclamar toda a sua atenção, até que se separaram.

Os três irmãos continuaram sua viagem comentando o aspecto do médico. Joana fazia referência ao seu caráter franco, quase rude, que Narcisa, em seu interior, preferia chamar de sincero. Estêvão falou de sua fama como médico e como cristão.

Nossa heroína ia meditando em silêncio, sem ter percebido a forma peculiar com que seus olhos tinham observado o jovem e bem afeiçoado doutor.

Antes de prosseguirmos, é necessário que digamos algumas palavras de introdução à parte missionária deste relato.

O Dr. Samuel Parker, de Ithaca, tinha começado um trabalho que pesava sobre o coração dos norte-americanos: a pregação do Evangelho entre os peles vermelhas que estavam além das Montanhas Rochosas.

Seu primeiro intento não tinha conseguido êxito, mas, sem perder o entusiasmo, antes de partir novamente, percorreu as igrejas pregando e recolhendo dinheiro para a sua grande empresa.

Parker também chegou à cidade de Narcisa e sua pregação inflamou o coração da jovem, que sentiu que Deus tinha um lugar para ela entre os peles vermelhas.

Na primeira oportunidade, falou com Parker a respeito de seu desejo e este se mostrou muito satisfeito e prometeu-lhe escrever ao pastor Greene, apresentando-lhe seu pedido, mas antecipando-lhe que era muito difícil que fosse aceita.

“Tenho medo que uma mulher solteira... Eu quisesses que...”

Interrompeu o que ia dizer, andou pelo cômodo onde estavam e lhe perguntou:

“A senhorita nunca ouviu fala de Marcus Whitman, o esforçado doutor de Wheeler? Bem, quando preguei ali, ele me assegurou que desejava ir comigo na nova expedição e já apresentou seu pedido de admissão à Junta. Eu escrevi recomendando-o”.

“Quanto me alegre! Sem dúvida, será a pessoa ideal!”

“Bem, se for aceito, virá aqui para reunir-se com os Powell, que também vão e, talvez, a senhorita possa falar com ele...”

Narcisa não compreendeu o que Parker estava sugerindo-lhe. Estava tão preocupada com o seu problema e não lhe ocorria que, se não podia ir solteira, a única maneira de consegui-lo era casando-se com um missionário...

Chegaram-lhe notícias de outros que tinham sido aceitos para ir: Whitman; o pastor de sua cidade e sua esposa, os Powell; e seu próprio ex-pretendente, Henrique Spalding, que acabava de casar-se.

Um sábado de manhã, em fevereiro de 1835, os Powell convidaram Narcisa para ir à sua casa naquele dia.

Pensando que seria algo relacionado com sua próxima partida, foi imediatamente, mas, ao chegar, compreendeu que tinha sido chamada por outra razão.

“A razão” a esperava na sala, atrás de sua barba negra e de um sorriso. Era Marcus Whitman.

“Senhorita Prentiss. Lembra-se de mim?”

“Certamente, doutor Whitman! Quanto prazer em vê-lo! Mas”, acrescentou ela indecisa, “o senhor me teria reconhecido por si mesmo?”

“Bem, certamente, creio que não. Não podia imaginar que a senhorita fosse assim... Estava tão escondida na carruagem naquele dia...”

Para Narcisa não eram novidade as bonitas palavras de um jovem, mas as palavras de Marcus produziram nela uma impressão completamente nova. Sentiu-se incomodada e, mudando bruscamente de assunto, começou a fazer perguntas sobre as Montanhas Rochosas, para onde ele deveria ir dois dias depois.

Falaram bastante sobre os planos de Whitman, de Parker, de Powell, das dificuldades e das lutas e do gozo do serviço cristão.

Ele, por sua vez, também mudou repentinamente de assunto e perguntou a Narcisa:

“E a senhorita? O doutor Parker me falou bastante a seu respeito e me disse que também está pensando em oferecer-se à Junta”.

“Sim”, disse ela, “já faz algum tempo que o desejo”.

Naquela tarde, Marcus foi à casa de Narcisa, onde se fez amigo da família. Ali falaram longamente sobre a sua vida e de suas ideias a respeito da Medicina, que não coincidiam inteiramente com as da família Prentiss, mas cujas diferenças foram amavelmente deixadas de lado.

No dia seguinte, os dois jovens tornaram a encontrar-se ao irem à igreja. Ela costumava cantar solos e deve ter cantado naquela ocasião.

Nunca sentiu tanto um olhar intenso como o de Marcus naquela manhã, olhar que ela não se atreveu a corresponder, mas cuja profundidade e insistência ela reconheceu.

Na saída, foram juntos para a casa do pastor, onde estava hospedado o futuro missionário e onde ela aceitou com especial prazer o convite para ficar para o almoço.

Nesta tarde, os Powell precisavam sair para tratar de assuntos da igreja e eles ficaram sós. Fez-se um longo e pesado silêncio.

Marcus andava de um canto para outro, marcando os passos. De repente, parou e, sem rodeios, disse:

“Senhorita Prentiss, nunca encontrei uma moça como a senhorita. Por aqui não há muitas pessoas tão bem preparadas e, no entanto,... Tenho estado observando-a ontem em sua casa e hoje aqui, ajudando a senhora Powell. A senhora sabe fazer de tudo!”

“Ah, claro!”, disse ela. “A filha de um carpinteiro sempre sabe fazer de tudo”.

Mas ele não estava para brincadeiras.

“Acima de tudo”, prosseguiu, “está o que sentimos em matéria de religião. Para muita gente é só ir à igreja nos domingos, mas a senhorita quer vivê-la, correr riscos por ela... Eu sou também assim. É muito bonito... sentir-se tão identificado com uma pessoa. Não acha... não está certa... que entre nós... há uma simpatia muito especial?”

Era a primeira vez que Narcisa achava agradável ouvir a palavra “nós” nos lábios de um homem. Uma nova força estava tomando conta dela. Foi esta mesma força que a fez dizer: “Sim, Marcus... Estou certa”.

“Narcisa!”, exclamou ele. “Narcisa, nós nos amamos”.

Ela sorriu.

“É estranho”, disse, “parece que o destino nos uniu. É como se um anjo me dissesse isto”.

“Sim, deve ser. Preciso de você, Narcisa. Preciso de esposa”.

“E eu preciso de você!” Voltou a sorrir. “Ninguém quer uma mulher solteira para a obra de missões”.

Quando terminou de dizer isto, ela compreendeu o porquê de sua alegria: poderia ser uma missionária! E, em sua alegria, exclamou:

“Marcus, vamos juntos! Leve-me com você amanhã!”

“Amanhã?”, repetiu ele, admirado.

Pouco tempo depois, quando os Powell voltaram. Marcus ainda estava tentando acalmar Narcisa e explicar-lhe que era necessário que ele fosse antes para estudar o terreno, preparar a casa e outras coisas mais.

Quando os Powell ficaram sabendo do que tinha acontecido em sua ausência trocaram um olhar e sorriram com malícia.

“Parker não estava equivocado. Ele o mandou aqui para isto, doutor Whitman, para que capturasse a nossa Narcisa. Casados, os dois serão mais úteis ao Senhor”.

O que não foi possível foi convencer Narcisa que não era razoável ela partir no dia seguinte. Tal era o seu entusiasmo por ver cumprido seu

sonho de muitos anos, que não podia entender os sábios argumentos que lhe apresentavam. Finalmente, aceitou ficar, embora contra a sua vontade.

Na manhã seguinte, ela ainda não tinha terminado de vestir-se quando ouviu fora da casa o cavalo de Marcus. Precipitou-se para fora como um furacão.

“Marcus, leve-me consigo!”

Ele tratou de tranquilizá-la.

“Sim, Narcisa, antes que o ano termine, voltarei para buscá-la. Todo o futuro é nosso”.

“Então, escreva-me! O fará logo?”

Marcus partiu ao galope. Após ele voaram os pensamentos de Narcisa, que via com temor o deserto, os índios, as feras, os precipícios, mas que também via a mão de Deus protegendo o seu amado.

Passaram-se longas semanas de espera. Enquanto isto, ela recebeu a sua nomeação como missionária. Finalmente, chegou a carta de Marcus. Abriu-a, tomada de grande excitação, mas um simples olhar bastou para que aquela carta tão anelada perdesse grande parte do seu encanto: era um simples relato de fatos, frio e cronológico.

Logo ficou sabendo que aquilo tinha uma razão: Marcus sabia que ela não poderia ocultar a carta aos seus familiares, que desejavam tão ardentemente notícias do jovem e, por isso, tudo o que havia de particular para ela devia ser lido entre as linhas.

A história da travessia da planície do Mississippi, a cidade de São Luiz, o rio Missouri, a peste que se alastrou na caravana, tudo foi motivo de longos comentários na família Prentiss.

Apressemos a espera. No fim de novembro, Narcisa ficou sabendo que Marcus estava de volta e que esperava chegar à sua casa nos primeiros dias de dezembro. Desde este momento não se atrevia a sair de sua casa cada vez que ouvia o ruído de cascos de cavalos.

Um dia dos tantos que ouviu galopar, estava na parte traseira da casa. Correu para a frente e olhou insistentemente pela estrada. Seria Marcus? Olhou bem. Não era possível, pois não se tratava de um único cavaleiro, mas de três e ela sabia positivamente que seu prometido era o único missionário que tinha cruzado as Montanhas Rochosas.

Tornou a olhar. Sim, um deles era o Marcus! O cavaleiro do meio tinha tirado o chapéu de peles e a cumprimentava entusiasmamente. Antes que ela pudesse compreender o que acontecia, Marcus já tinha gritado o seu nome e tinha detido sua cavalgadura ao seu lado. Duas robustas mãos seguraram seus ombros e dois lábios cortados pelo vento murmuraram carinhosas saudações.

Mas, quem eram os outros dois? Nada menos que os peles vermelhas da tribo *nez percé*, com os quais presumivelmente teriam de trabalhar e que Whitman tinha trazido consigo.

Naquela tarde, ele não pôde ocupar-se muito com sua prometida porque o interesse da família por ouvir suas aventuras não lhe deixou tempo livre. Narcisa escutava atentamente, sabendo que estas eram as peripécias que ela mesma deveria experimentar logo mais.

Com igual interesse, no dia seguinte, leu o diário de Marcus, que este tinha trazido.

Seu dever como missionário obrigou-o a ir logo para uma entrevista com a Junta e receber sua nomeação definitiva. Enquanto isto, Narcisa preparava o enxoval para o seu casamento, cuja data incerta dependia do retorno de Whitman.

Isto aconteceu de maneira inesperada, pois ele não teve tempo para avisar. Foi num domingo. A congregação já estava no templo quando Marcus entrou com sua roupa do Oeste e seguido de seus índios, provocando um murmúrio de admiração, que foi quebrado apenas por seu sobrinho que mal podia reconhecê-lo.

Grandes inconvenientes se produziram por não encontrar-se um companheiro para ele na obra entre os peles vermelhas. Finalmente, apareceu um, embora a escolha não fosse muito do agrado de Narcisa; tratava-se nada menos que de Henrique Spalding e de sua esposa.

Finalmente, chegou o dia 18 de fevereiro, fixado para ser o dia do casamento. A cerimônia foi muito tocante, precedida por outra na qual o pai de Narcisa e outros dois membros da igreja foram ordenados diáconos.

É indiscutível que não podia ser uma cerimônia como qualquer outra. Marcus se apresentou, como sempre, com suas roupas de couro, que lembravam seu destino. Em uma posição de honra foram colocados os dois peles vermelhas e o pai da noiva foi o encarregado de anunciar os hinos.

Grande emoção tomou conta de todos quando tinham de cantar um hino missionário, recentemente composto. Com fervor, todos cantaram:

*“Sim, terra minha! Te amo;
A todas as tuas paisagens eu amo.
Amigos, parentes, ditoso país,
Posso dizer-lhes adeus?
Posso deixá-los
Para habitar em longínqua terra pagã?”*

Todas as vozes foram diminuindo de intensidade, tomadas pela emoção. Joana precisou esconder seus soluços entre as mãos. Só houve uma voz que manteve sua firmeza quando se cantou:

*“Deixem-me ir logo
Para habitar em longínqua terra pagã”.*

Era a clara voz de soprano de Narcisa que, com seu volume e sua segurança, dominava a de toda a congregação, que cantava com um nó na garganta.

Idêntica fortaleza demonstrou no dia seguinte quando se despedia para sempre dos seus.

Junto com Marcus e os dois jovens índios tomou o caminho para Rushville, para entrevistar-se com a Junta e logo marchar para o Oeste. Aquela viagem terrível foi a sua lua de mel, como tem sido tão freqüente nos anais missionários.

Narcisa foi a primeira mulher branca a viver no Oregon, onde compartilhou sem uma única interrupção a vida heróica de Marcus, durante catorze anos, até que, em meio de um rio de sangue, que custou a vida de catorze pessoas, ambos receberam juntos a coroa do martírio.

.oOo.

10

REUNIDOS

NO

ALÉM

David Brainerd e Jeruscha Edwards

Na história que vamos relatar agora, há muitos pontos semelhantes com a de Henrique Martyn. De fato, a vida de Davi Brainerd foi um dos elementos fundamentais para a vocação de Martyn, que tinha sua alma muito parecida com a daquele. Entretanto, há muitos pontos inteiramente diferentes, que põem entre ambos um enorme abismo. Quais sejam estes pontos não os apresentaremos por enquanto, já que isto seria antecipar o relato, do qual cada leitor poderá extrair o que temos dito.

De Davi Brainerd pode dar-se um testemunho muito proveitoso: poucos têm sido os homens que, após a sua morte, têm exercido uma influência tão poderosa, exclusivamente como fruto de sua própria experiência. Através dos séculos que se têm passado desde então, as gerações têm lido com enorme emoção as páginas de seu diário – no qual quase não se registram fatos, mas experiências interiores – que, junto com as notas de seu amigo Jônatas Edwards, é quase o único que temos para conhecer a sua vida.

As palavras de Brainerd, que citamos neste relato, são transcritas textualmente do que ele escreveu. Um testemunho será suficiente para compreendermos a importância dessas páginas. São palavras de João Wesley, o fundador do Metodismo, as seguintes: “Nenhum cristão deveria deixar de ler o diário de Davi Brainerd”.

No dia 15 de setembro de 1741, quando Davi, aos vinte e três anos, estava estudando no Colégio de Yale, foi até lá, para fazer um discurso de colação de grau, um famoso ex-aluno daquela grande instituição de ensino.

Jônatas Edwards era um dos pregadores mais conhecidos de toda a Nova Inglaterra e sua pregação ainda chegaria a ser maior, colocando-o entre os mais destacados evangélicos norte-americanos.

Contagiado pelo espírito de Jorge Whitefield, o grande cristão inglês, atirou-se à luta contra o formalismo e para a obtenção de uma vida cristã pura, fruto de uma regeneração real, o que o tornaria o líder do movimento que receberia até hoje o nome de o “Grande Avivamento”. Foi ele quem, como já dissemos, publicou o diário de Davi.

Edwards estava acompanhada por uma menina de doze anos, penúltima de seus onze filhos e de quem se diz que era tão bonita como sua mãe. Ela tinha um curioso nome bíblico: Jerusha.

Consta que seu pai escolheu este nome porque, quando ela chegou ao mundo, em circunstâncias tais que duvidava-se de um final feliz, ele estava lendo a história do rei Uzias e ali encontrou que sua esposa se chamava Jerusha, que em hebraico significa “possessão”. Achou que seria um nome indicado para a sua filha e lho deu.

Brainerd ficou tocado, não só pela eloquência, mas também pelo inflamado espírito do orador, que era parente de João Sargeant, um dos homens que o orientaram na obra missionária.

Parece que não reparou com a menina, mas, de qualquer maneira, a conheceu e de alguma maneira se há de começar...

Pouco depois, o futuro missionário passou por uma situação muito aflita. Deixou-se levar pelo entusiasmo da nova pregação e ficou em situação suspeita com as autoridades do colégio, chegando a desobedecer ordens de não assistir às reuniões dos seguidores de Edwards e de Whitefield, o que mais tarde reconheceu que não deveria ter feito. A situação chegou ao ponto crítico quando em um grupo de estudantes fez uma observação satírica em relação ao diretor. Alguém que estava passando o ouviu e foi contá-lo à referida pessoa e, poucas horas depois, o estudante tinha sido expulso da escola.

Que um descuido infantil provocasse um castigo tão pesado provocou tamanho desgosto em Davi que tratou de solucionar o problema durante muito tempo, sem nunca consegui-lo. Entre outras coisas, procurou Edwards para ouvir seu conselho e talvez conseguir uma solução através de sua influência.

Entre os dois homens formou-se uma grande amizade que seria uma repetição, até mesmo nos nomes, do relato bíblico de Davi e Jônatas, mas com o acréscimo romântico de que Jônatas tinha uma filha que prendeu o coração de Davi. Um lar cristão era sempre um motivo de atração para o futuro missionário, mas aquele lar começou a atraí-lo de maneira muito particular. A menina tinha-se convertido numa linda moça que tinha onze anos menos do que ele, mas que era sua verdadeira alma gêmea em tudo.

Durante muitos anos não se soube muito sobre este romance e, mesmo hoje, pouco sabemos dele. Por uma delicadeza típica da época, Edwards, ao publicar o diário de Davi, suprimiu quase todo o relacionamento deste com sua filha e até mesmo com sua família. Muitas vezes em suas notas dá indicações veladas, como quando diz que, em sua enfermidade, “cuidou dele um dos meus”.

Um bisneto de Edwards, que publicou uma magnífica edição do diário de Brainerd com uma biografia, nos deixou dados interessantes e faz uma observação: “As citações em suas Memórias de seu mútuo amor era sagrado demais para os olhos do público”. Possuía as cartas de seu amigo e as citou, mas sem dizer de onde provinham; tinha também as cartas de sua filha, que também usou, mas depois deve tê-las destruído, porque infelizmente ninguém chegou a vê-las. A não ser que, como já tem acontecido com outros documentos, apareçam em algum arquivo morto, sobre elas tem caído o véu de um recolhimento eterno. Lamentamos, é verdade, mas não gostaríamos que assim sucedesse conosco?

Não faz muitos anos, apareceram documentos até então desconhecidos e neles se descobriram detalhes que permaneciam ocultos. Hoje sabemos algo mais da profundidade daquele amor.

Davi foi trabalhar como missionário entre os peles vermelhas, percorrendo diversas regiões, visitando aldeias indígenas e pregando por todo canto as boas novas de salvação. De vez em quando, passava por Northampton e se hospedava em casa dos Edwards, onde sempre encontrava algum tempo para conversar com Jerusha, que tinha prazer em escutar o relato de suas aventuras.

Um dia, em outubro de 1743, ela lhe disse que também tinha resolvido ser uma missionária entre os índios, acrescentando com simplicidade: “Papai está dando-me algumas instruções sobre *A esposa de um missionário*”.

Não sabemos porque o pregador se tinha transformado em professor de sua filha predileta, mas imaginamos que a um homem tão capacitado não lhe escapou a necessidade de compartilhar tal ensino, o que nos fala da seriedade com que ele encarava os aspectos mais românticos da vida.

Enquanto isso. Davi continuava com sua árdua tarefa, sem deixar de anotar suas emoções espirituais em seu diário e de dar relatório dos fatos importantes à missão que o sustentava. Como fruto destes escritos, Davi passou à história como o modelo mais perfeito do homem que combina zelo evangelístico com o mais profundo misticismo. Seu diário é quase que uma série de meditações íntimas que muitas vezes caem numa deprimente depressão e depois se elevam a um íntimo contato com o Criador.

Os dois jovens encontravam um encantador e glorioso prazer em reunir suas almas nas elevadas regiões das experiências espirituais, frutos do trabalho para o Senhor e na procura do seu próprio interior.

Mas Davi tinha escolhido um serviço que não era para ele. Aquela correria contínua acabou com sua escassa saúde e, após quatro anos, foi-

lhe impossível prosseguir. Como Martyn, quase meio século depois, podia exclamar: “Ah, meus pulmões. A morte está aí”.

Em seu diário lemos parágrafos como este:

“Estas dores eram enormes e constantes durante várias horas, de tal maneira que me parecia impossível, a não ser por milagre, viver vinte e quatro horas mais com tal sofrimento. Estou confinado no meu leito o dia inteiro e em terrível dor durante as primeiras horas de cada dia; mas o Senhor me tem abençoado no meio de tanto sofrimento. Em tais circunstâncias, enquanto minha cabeça estava livre de vagas confusões, a morte me pareceu agradável. Via-a como o fim das minhas dores e o ingresso ao lugar onde os ‘cansados descansam’. Penso que tive um certo alívio pela lembrança do estado celestial, assim que fui elevado e dirigido, da mesma maneira que o tenho sido pelas fadigas da vida. Oh, que feliz é ser levado pelos desejos de um estado de perfeita santidade!”

Seus terríveis sofrimentos lhe causavam uma terrível interrogação com respeito às suas relações com Jerusha.

Poderia pedir-lhe algum dia que ela deixasse a relativamente cômoda vida da casa pastoral para ir com ele entre os montes, morando numa cabana de ramagens, rodeada de selvagens embriagados e com a angústia de ficar sozinha entre eles enquanto seu marido cavalgava sem saber se o seu corpo cairia num precipício ou numa emboscada?

A luta contra a tentação de aceitar um pastorado na cidade como lhe ofereciam e como sentia que não era a vontade de Deus agigantava-se nos contatos e nas recordações da amada.

Mas nem sequer uma palavra disto consta em seu diário. Ninguém deve pensar que ela insinuava um abandono da direção divina. Mas como entender palavras como estas: “Gosto de ser um peregrino e um estrangeiro nestas escarpas. Parece-me algo adequado a uma criatura pobre, ignorante e indigna como eu”? Estas palavras constam de uma carta dirigida a Jerusha e, mais adiante, deixa de falar de “estrangeiro” para falar de “eremita”. Ela tinha que entender.

Durante 1744 e 1745 a luta se faz mais dura. Nas citadas “Memórias” nós é dito:

“Estava peculiarmente treinado e adequado para ser um eremita peregrino de Deus e isso o fez dizer como Jó: ‘Todos meus planos fracassaram’. Escreveu a Jerusha uma carta tão trágica como homem algum tenha escrito a uma mulher. Senão, vejamos algo do que ali dizia, aprendendo o segredo de ler entre as linhas:

“Estou constrangido a dizer ‘adeus... amigos e confortos terrenos, os mais queridos, os mais queridos de todos,... adeus, adeus’. Gastarei minha vida até o último momento em cavernas e covas da terra para que o Reino de Cristo na terra avance”. E observe-se que, em inglês, quando ele diz “os mais queridos de todos” não se sabe se fala no singular ou no plural, em masculino ou em feminino.

Em dezembro de 1745 escreve que tinha duplicado sua diligência no serviço de Cristo. Nós bem sabemos que realmente o tinha feito.

O médico lhe ordenou que deixasse de trabalhar e que viajasse à procura de saúde. Mas até fazer isto lhe foi impossível. No dia 21 de abril de 1747 iniciou penosamente o caminho de regresso para Nova Inglaterra, em busca de um lugar de repouso.

No dia 31 de maio chegou ao lar dos Edwards, em Northampton. Os olhos de Jerusha devem ter sofrido para conter o pranto na sua presença: estava bem claro que faltavam apenas poucos grãos de areia no relógio da vida de seu amado.

“Nesta semana”, diz Edwads, “ele consultou o Dr. Mather em minha casa a respeito de sua enfermidade; o médico disse-lhe claramente que havia grandes evidências de uma tuberculose e que não lhe daria esperanças de recuperação”. Em outro parágrafo (e que tem que ser lido cuidadosamente) diz: “Os médicos o aconselharam que continuasse cavalgando, o que o ajudaria, mais do que qualquer outra coisa, a prolongar a sua vida. Durante algum tempo, ficou confuso quanto ao que fazer, mas finalmente resolveu ir a Boston, tendo resolvido nós que alguém da nossa família fosse com ele para poder ser-lhe útil em caso de debilidade ou de uma recaída”. Quem seria este “alguém de nossa família”? É claro que pensamos em Jerusha. Será possível? Sim, foi assim, ainda que nos custe crer.

Juntos cavalgaram até Boston. Saíram no dia 9 de junho de 1747 e chegaram no dia 12. Davi diz que, no caminho, conheceu alguns pastores e logo se expressa misteriosamente assim: “Continuamos cavalgando juntos durante um tempo considerável e assim me senti muito melhor do que antes e descobri que, à medida que aumentavam os desejos de ver-me restabelecido, para poder ser útil, desejava continuar vivendo”. “Cavalgando juntos!” Com quem? Com os pastores do parágrafo anterior? Com a moça cujo nome não aparece aqui? Cada um tire suas próprias conclusões.

No dia 20, sua saúde o fez regressar a Northampton. Tinha estado pior do que nunca, ao ponto de perder a fala durante dois dias, mas uma certa melhora o fez voltar ao lar dos Edwards. Para lá foi durante mais

quatro dias de penosa viagem a cavalo. Um dos seus biógrafos nos diz – e não sabemos de onde obteve tal informação – que durante a viagem ele exclamava: “Ah, Jerusha, não pode imaginar como me sinto contente por sair de Boston. Ali os funerais são feitos com muita pompa e ostentação. Quero que os meus sejam simples e tranquilos”.

Permaneceu em Northampton repousando, com a esperança de sarar e tornar ao seu serviço. Edwards descreve com amor o prazer o que todos sentiam ao ouvi-lo conversar e, principalmente, ao dirigir as orações familiares.

Sua saúde sofria altos e baixos, que o levavam a meditar nos mais recônditos lugares do seu ser. Ao seu lado, Jerusha não o deixava nem um momento sequer. Administrava-lhe os remédios para o corpo e, com sua conversa, curava também o seu espírito. No dia 23 de junho, ela escreveu uma carta descrevendo o estado de Davi e o fez da seguinte maneira:

“Na quinta-feira ele estava mui enfermo, com uma febre mui alta e dores muito fortes de cabeça, chegando, por alguns momentos, até ao delírio. Assim permaneceu até o sábado de tarde, quando parecia estar na agonia da morte; toda a família ficou ao seu lado, até as duas da madrugada, crendo que cada hora seria a sua última hora...”

No dia 29, ela escrevia: “O senhor Brainerd não tem tido tantas dores de cabeça desde que lhe escrevi pela última vez. No entanto, está extremamente fraco e decaído, crendo que cada dia será o último...”

No entanto, o Todo-Poderoso dilatava sua partida, dia após dia e semana após semana. Seus amigos de todos os cantos vinham vê-lo e ficavam maravilhados de sua esperança no meio das dores e da tosse. Mas, principalmente, a doce companhia de sua fiel amada, que melhor do que ninguém compreendia as suas lutas, o enchia de doce paz.

Às vezes, lhe era impossível falar, por causa de sua fraqueza e precisava fazer-se entender através da escrita. Suas mãos tremiam ao pegar na pena que ela lhe estendia e sustentava.

Jerusha tinha apenas dezoito anos e seus irmãos ainda eram menores do que ela. Era lógico, pois, pensar que tinham perante si uma longa vida. O enfermo queria cumprir com o seu dever, chamando-os junto ao seu leito ou sob a árvore a cuja sombra descansava, para aconselhá-los sobre a importância da piedade e da religião bem entendida. De seus lábios saíam frases como estas:

“Aqui morrerei e aqui serei enterrado e você verá meu túmulo; lembre-se do que lhe disse. Estou vendo a eternidade e é doce para mim pensar nela; sua infinitude a faz doce. Mas que direi da eternidade dos malvados? Não posso nem dizê-lo, nem pensá-lo; o pensamento é terrível demais.

“Quando você veja meu túmulo, lembre-se do que lhe disse quando ainda em vida e pense então, em seu interior, que o homem que nele jaz aconselhou você e o advertiu para que se preparasse para a morte”.

Seu maior desejo era ver seu irmão João, que estava continuando seu trabalho. Parecia que só aguardava sua visita para morrer. No dia 25 de setembro, após uma breve anotação, ele escrevia no seu diário: “Oh, amado Deus, estou vendo a Ti. Assim espero. Ora, vem Senhor Jesus. Amém”.

Dois dias mais tarde, quando logo cedo Jerusha entrou em seu quarto, lhe disse: “Esta manhã senti mais prazer do que gozam todos os bêbados do mundo inteiro”. Depois acrescentou: “Nasci em um domingo e tenho razões para pensar que meu segundo nascimento também foi num domingo e espero morrer também num domingo. Anelo este momento. Oh, por que demora tanto para chegar sua carruagem para me levar? O que é que está segurando as suas rodas? Estou disposto a separar-me de tudo, a separar-me de meu irmão João, mesmo sem tornar a vê-lo, a fim de estar para sempre com o Senhor.

“Ah, quando vá para lá, como a amada Igreja de Deus estará sempre em minha mente!” A seu pai ele disse com emoção: “Tê-lo perto é como ter um pedacinho do céu”.

Dia após dia, seus pensamentos voaram cada vez mais para os céus, na insuperável companhia de sua amada, que não achava cansativo voar tão alto com ele.

No final de sua vida não podia escrever mais, mas, desejando prosseguir com o seu diário até ao último momento, pediu a Jerusha que escrevesse o que ele lhe ditasse. As últimas palavras que encontramos são: “Oh, vem, Senhor Jesus; vem logo! Amém!”

No dia 4 de outubro, que era domingo, um detalhe que para ele era muito importante, quando viu a jovem entrar em seu quarto, contemplou-a ternamente e com voz muito fraca lhe disse:

“Querida Jerusha, está disposta a separar-se de mim? Eu estou, estou pronto a separar-me de todos os meus amigos; estou pronto a separar-me de meu querido irmão João, embora o ame mais do que qualquer pessoa. Tenho-o encomendado a ele e a todos os meus amigos a Deus e posso deixá-lo com Ele. No entanto, se tivesse pensado em não vê-la mais e ser feliz consigo em outro mundo, não poderia tolerar o separar-me de você. Mas estaremos juntos numa eternidade feliz”.

Em um dos seus últimos dias, quis comentar um tema doloroso. Por que tinha persistido naquela vida que, não era apenas a morte para ele, mas também a ruína do seu amor? Tomou sua mãos com simplicidade e

lhe disse: “Jerusha, nem em troca do mundo todo teria podido gastar minha vida de outra maneira”. Ela o entendia e aceitava e, sem dizer nada, continuou escutando-o.

No dia 7 chegou a tão esperada visita do irmão, que tinha demorado em chegar por ter ajudado uns índios, vítimas de uma epidemia. Conversou com ele quanto pôde a respeito dos planos que João deveria levar a efeito em seu lugar.

No dia seguinte, piorou muito e à noite ficou bem claro que seu fim estava próximo. Chegada a manhã, seus olhos estavam olhando fixamente para o infinito. Eram as seis horas do dia 9 de outubro de 1747 quando sua alma voou para as alturas, enquanto a paz que enchia seu rosto era um reflexo dos cânticos e das trombetas que seus ouvidos transfigurados começavam a ouvir.

Tinha vinte e nove anos quando passou para a vida onde não se contam os anos nem a idade. A seu lado, inseparáveis, sua amada, seu irmão e seu amigo o viram partir com doce amargura.

Jerusha o tinha acompanhado com seus pensamentos voando para o céu. Parecia-lhe impossível suportar a separação daquele amor tão elevado e, por isso, apenas quatro meses depois, sua alma se despreendeu do seu corpo em busca da eterna companhia de seu amado.

Seu pai dedicou-lhe estas ternas palavras: “Depois disto, o Deus santo e soberano achou por bem levar para Si esta minha querida filha através da morte, no dia 14 de fevereiro seguinte, após uma breve enfermidade de apenas cinco dias, no décimo oitavo ano de sua vida. Era uma pessoa com um caráter muito semelhante ao do senhor Brainerd. Cuidou dele constantemente e o atendeu durante a sua enfermidade, durante as dezenove semanas antes de sua morte, dedicando-se a isto com todo o prazer, porque via nele um eminente servo de Jesus Cristo.

“Durante este tempo, ele conversou muito com ela sobre temas religiosos e, em sua agonia, a miúdo nos expressou a nós, seus pais, sua grande satisfação em relação à verdadeira piedade de minha filha e a sua certeza de que se encontraria com ela no céu. Falou também de sua elevada opinião sobre ela, não apenas como uma verdadeira cristã, mas também como notável santa, como de uma alma alimentada geralmente com o que pertence ao mais espiritual da religião e que, por temperamento, estava pronta a negar-se a si mesma e viver para Deus, fazendo o bem, em maior medida do que qualquer outra jovem que ele tivesse conhecido”.

Ela tinha estado ao lado do seu leito durante dezenove semanas, sem descanso, e só havia uma consequência possível: o contágio. Ela o sabia.

Seu pai também e achou por bem adverti-la: “Querida filha, se você cuida de Davi, isto significa a morte para você”. Anos depois, ele anotava sua resposta: “Papai, meu lugar é com Davi, ocorra o que ocorrer”. Ele a ouviu com profunda dor, mas não se opôs.

No dia 16 de fevereiro de 1748 o grande pregador usou o mesmo versículo que tinha usado no dia 12 de outubro do mesmo ano: *“Estamos em plena confiança, preferindo deixar o corpo e habitar com o Senhor”*.

As mesmas sepulturas, as mesmas árvores, a mesma brisa ouviram as duas vezes as palavras bíblicas. O túmulo de Jerusha foi aberto junto ao de Davi, como se quisesse continuar sendo a sua enfermeira. Ainda estão lá, esperando lado a lado o dia da ressurreição.

Seu encontro foi ali, com o coro dos anjos e dos redimidos.

.oOo.

11

**“SEM BARBA
E SEM
ESPOSA”**

**Francisco Coillard
e Cristina Mackintosh**

Conheceram-se em Paris em 1857, estando ambos longe do lar paterno. Ele, Francisco Coillard, era um jovem prestes a partir. Ela, Cristina Mackintosh, de vinte e oito anos, era uma jovem escocesa, que tinha chegado ali naquele mesmo ano, para fazer companhia a sua irmã Catarina, que dava aulas de inglês na Cidade Luz.

O encontro se deu na casa da senhora Walther, onde se reuniam os elementos mais destacados do protestantismo francês. Coillard se sentiu imediatamente atraído pela jovem e se preocupou em fazer indagações sobre ela. Soube que Cristina tinha muito interesse em missões, embora este interesse talvez fosse uma simples simpatia. Também ficou sabendo que tinha-se convertido ao dezoito anos, mas que, mesmo antes, com catorze anos, já visitava os bairros pobres de Edinburgo, distribuindo literatura religiosa.

Várias vezes tiveram oportunidade de conversar antes de sua despedida, indo ele para a África Austral. “Desde então”, escreveu ele, “sua imagem não se apagou de meu coração”.

Até 1904 ali ele realizou um trabalho tão eficaz que o seu nome figura hoje como cabeça dos missionários franceses. Mas, no meio dos negros, a lembrança daquela jovem que ocupava lugar tão importante em seu coração, reavivou. Vez após vez, sua alma anelava outra alma a quem contar seus problemas e suas lutas, mas ao seu redor era impossível encontrá-la.

Muitos detalhes lhe lembravam as vantagens do casamento. Por exemplo, quando chegou a Leribé em 1859, uma mulher nativa o observou detalhadamente e logo deu seu parecer categórico: “Que pode ensinar-nos este homem? Ainda é um menino: Não tem barba nem esposa”. Francisco deixou crescer a barba, mas esposa era um problema mais difícil de resolver.

Enquanto isto, tinha tornado a pensar seriamente em Cristina e relembrava tudo quanto sabia dela e quanto tinha ouvido de seus lábios. Mui particularmente agradava-lhe pensar que ela lhe tinha declarado que seu interesse pela obra missionária tinha estado adormecido nela até ouvi-lo pregar.

Finalmente, resolveu dar o passo definitivo, mas como não se atrevia escrever-lhe diretamente, escreveu à senhora Walther, pedindo-lhe que fizesse chegar sua proposta a Cristina.

A resposta demorou seis meses em chegar. Aquele meio ano de ansiedade derramou-se nas mãos do solitário jovem quando rasgava o envelope e seus olhos se lançavam sobre a amada caligrafia. Mas logo suas esperanças se desvaneceram: Cristina não desejava dar-lhe seu consentimento, alegando que não o conhecia suficientemente. “Meu coração ficou destroçado”, escrevia ele.

Talvez tenha influenciado nela a opinião desfavorável de sua família, particularmente de sua mãe e dos amigos de Francisco, que sabiam de suas labutas e lhe recomendavam que não fosse compartilhá-las. Só sua irmã Catarina favorecia ao longínquo missionário.

Coillard bebeu sua dor e, para acalmá-la, lançou-se ao trabalho no setor mais miserável da população. Mas não conseguiu conter-se completamente e, ao escrever para sua mãe, falou-lhe tristemente de sua solidão.

Assim passaram-se dois anos, ao fim dos quais seu coração não pôde suportar mais. Escreveu a seu amigo, o pastor Berger, contando-lhe de sua solidão.

Este mostrou sua carta a Cristina. Ela sentiu então que Deus a chamava para a África e escreveu a Francisco, aceitando-o.

As coisas tinham mudado tanto que até sua mãe estava satisfeita. “Preferiria ver a minha filha como missionária”, escreveu a mãe, “do que como princesa”.

No dia 5 de julho de 1860, Francisco encontrou-se novamente diante da incerteza quanto ao conteúdo de um envelope escrito por sua amada.

Todo o seu temor se desvaneceu, ao ponto de logo expressar-se assim: “Não posso crer em minha própria felicidade”. Depois ele dizia: “Que milagre do amor de meu Deus! Ela é quem me respondeu, dizendo-me que, dentro de poucos meses, será a companheira de minha vida”.

No mesmo dia, ele lhe escreveu, dizendo-lhe com sinceridade: “Não sei se eu poderia fazer o que você está fazendo, ao deixar tudo por um país desconhecido e por um marido quase desconhecido”.

Em outra carta, expressava-se assim: “Quão feliz sou ao ver que você compreende tão claramente a vontade de Deus a respeito de nossa união! Mais adiante, isto lhe será uma fonte de consolo e de fortaleza. Porque nos dias de desânimo e de previsões, quando Satanás possa insinuar: ‘Que está fazendo você por aqui?’, então você lhe poderá responder: ‘Deus, meu Deus, me pediu que viesse e eu Lhe obedeci’. Que eu possa, com meu amor constante, ocupar quanto de lugar vazio haja em seu coração”.

Dela só se conserva uma carta, que escreveu em sua língua materna (o inglês), expressando-se assim: “Que você acha, querido Frank, desta

carta totalmente escrita em inglês? Seria triste para mim escrever-lhe sobre minha casa em uma língua estranha, pois creio que você terá isto em comum com todos os que me são caros em sua pátria: que compreenderá nossa língua tão bem quanto a sua”.

Antes de ir à África, Cristina viajou até a cidade de seu prometido, para conhecer sua anciã mãe, a qual lhe deu para ler as cartas de seu filho. Quando ele soube, lhe escreveu: “Quem lhe deu esta feliz ideia? Não porque minhas cartas tenham valor, mas porque elas podem animar a minha noiva, no meio das tristezas da separação, garantindo-lhe que um filho amoroso não poderia ser um marido sem afeto”.

A última carta que Cristina recebeu dele, estando ainda na Europa, dizia: “Que a coragem não lhe falte, que o coração não desfaleça no último momento ao deixar a terra pátria. Cristina, lembre-se das palavras do apóstolo: *‘Alegrai-vos sempre no Senhor’* “.

Mas não é provável que ela tenha partido sem algum sentimento de tristeza. Sabia bem pouca coisa a respeito daquele com quem ia unir-se, mas sabia muito a respeito das enormes dificuldades que a esperavam.

Era de uma família abastada e tinha vivido sempre no meio de grandes comodidades. Seria capaz de adaptar-se à vida da África?

De sua visita à cidade de Francisco, pôde verificar que ele provinha de um lar bem humilde e que as privações do campo missionário seriam para ele apenas uma continuação das de sua casa. Seria possível que os dois se entendessem bem, nestas circunstâncias? Sabia que Deus a mandava ir ali e não tinha outra alternativa senão ir.

Quando chegou à África, aconteceu algo bem curioso. Por erro, ele foi esperá-la em Porto Elizabeth, gastando vinte e quatro horas em sua viagem. Tinha medo de chegar tarde demais, mas algo o deteve a apenas seis horas de seu destino: era um domingo.

Francisco nunca viajava no dia do Senhor – como muitos outros missionários também – e preferia que sua noiva o esperasse do que quebrar seus princípios.

Mas, ao chegar a Porto Elizabeth, verificou que Cristina tinha chegado à Cidade de Cabo.

Sem pensar duas vezes – entendemos perfeitamente o porquê – pegou um carro e fez uma perigosíssima viagem que não o deteve nem de dia e nem de noite.

Certo momento, o vento lhe arrancou o chapéu e o único que lhe foi possível conseguir foi um boné, que pouco o protegia do sol.

Por isso, quando se encontrou com a sua noiva, tinha a pele impressionantemente bronzeada. Quase as primeiras palavras dela foram:

“Vim para fazer com você a obra do Senhor, qualquer que seja, e lembre-se que onde quer que Deus o chame, nunca me encontrará atrapalhando o seu dever”. Palavras dignas de uma mulher que ignorava o que estava à sua frente e que cumpriu zelosamente durante trinta anos de trabalho missionário.

Aquela perigosa viagem não deixou de trazer dissabores ao impaciente enamorado. As autoridades da missão enviaram-lhe uma censura oficial “por arriscar sua vida, para ganhar alguns dias, sendo que desse tempo não dependia alguma coisa estritamente ligada à missão”.

O veterano Eugênio Casalis, diretor da missão, assinava a nota, mas o bom homem não quis deixar as coisas neste pé e acrescentou algumas linhas a mão, dizendo-lhe: “Que viagem esta desde Porto Elizabeth a carro! Tremo da cabeça aos pés só em pensar nisto. Havia razões de sobra para que o senhor se matasse. Eu, que já fiz esta viagem em doze ou treze dias e que ainda estou vendo os escabrosos lugares por onde é necessário passar, não compreendo como não se deslocaram todos os seus membros. Por outro lado, isto agrada; nesta viagem se reconhece um homem com sangue francês nas veias e que sabe, por intuição, como nossos vizinhos do outro lado da Mancha, que *faint heart never won fair lady* (uma dama formosa nunca foi conquistada por um coração fraco)”.

Vinte dias após o seu encontro, no dia 26 de fevereiro de 1861, casaram-se na Cidade do Cabo e, após uma breve lua-de-mel de uma semana à beira mar, saíram para o norte à busca de trabalho. Era uma continuação estranha da viagem de bodas, em uma carreta puxada por uma longa fileira de bois. Mas ela tinha um espírito romântico a toda prova e daquele rude veículo fez uma verdadeira carruagem nupcial.

Francisco, com olhos naturalmente generosos, via-a como a descreveu à sua irmã: “Todos admiraram a maneira como ela arrumou a carroça. Nem se pode crer que seja um carro de viagem, tão agradável e tão lindo, com suas graciosas cortinas, peles de leopardo, plantas etc., tudo isto formando o que alguém poderia julgar a oitava maravilha do mundo”.

Cristina se pôs a trabalhar com entusiasmo, tratando de adaptar-se à nova vida, mas logo surgiu nela saudade do longínquo lar. Passava seu tempo esperando a escassa correspondência que vinha da França ou relendo o seu diário dos primeiros anos, enquanto as lágrimas corriam sobre estas páginas cada vez com maior frequência.

Uma terrível saudade enchia sua alma e ameaçava fazer fracassar toda a sua vida. O pior ainda é que esta mesma saudade estava tomando conta de seu marido, que não encontrava nela o consolo necessário.

Mas um dia Cristina compreendeu que aquela situação devia terminar e tomou uma resolução que, nestas circunstâncias, era realmente heróica. Pegou seus papéis, fez deles um monte, incluindo seu diário e as cartas, e os atirou ao fogo. Depois, foi à procura de Francisco e lhe disse: “Queimei todos os papéis. Não me verá mais chorar sobre eles”.

E, querendo dar a estas palavras o sentido mais íntimo possível, citou na língua em que as tinha aprendido as palavras do Salmo 45: *“Ouve, filha; vê, dá atenção; esquece o teu povo e a casa de teu pai”*. Naquele momento, o vento do consolo divino varreu todas as nuvens de sua alma.

Trinta anos lutaram juntos. Coillard nunca deixou de ser um viajante infatigável e ela foi sua digna companheira todo o tempo que Deus lhes permitiu compartilhar juntos aquele canto de Sua vinha.

.oOo.

12

**“UNIDOS PARA
LUTAR POR
CRISTO”**

**Carlos T. Studd
e Priscila Steward**

Na cidade de Ping-Yang, na China, no ano de 1885, quatro ou cinco jovens europeus conversaram animadamente sobre um tema eterno e inesgotável: o casamento. Costumavam conversar frequentemente sobre este tema. Eram missionários e estavam trabalhando para a Missão para o Interior da China. Todos eram solteiros. Praticamente todos estavam contra o casamento por amor ao seu trabalho.

Um deles exclamou, rindo: “Pois bem... Deus sabe que não quero casar, mas, se um dia tiver que casar, vou casar-me com uma ‘aleluia’ do Exército de Salvação”. Sua brincadeira provocou grandes risos entre os seus amigos, que a festejaram.

E foi assim que, Carlos T. Studd, que era o nome daquele rapaz – “C. T.”, para os seus amigos – teria de casar-se com uma jovem do Exército de Salvação. Fazia dois anos que ele estava ali, depois de ter deixado a Inglaterra, tendo uma posição cômoda e uma notável fama como jogador de críquete. Alguns anos depois, se tornaria célebre ao fundar a Cruzada de Evangelização Mundial, importante organização missionária que envia pregadores a grande número de países.

Ela chegou a Xangai em abril de 1886, com um grupo de missionários do Exército de Salvação. Seu nome era Priscila Livingstone Stewart e era descendente de uma família irlandesa muito simples. Em plena mocidade se entregou a Deus e dezoito meses depois de sua conversão partiu como missionária à China.

Coincidindo com a chegada da Priscila a Xangai, Carlos, que estava ali de passagem, recebeu um convite do Exército de Salvação para colaborar num esforço de evangelização entre os soldados e os marinheiros. Era um pregador fervoroso e sua fama já tinha começado a estender-se. Deus quis que entre os seus colaboradores estivesse aquela jovem recém chegada e inexperiente, mas cheia de entusiasmo e de consagração. Uma grande alegria o Senhor tinha preparado naqueles dias para Carlos. Seu irmão José chegou a Xangai, de passagem para o Japão, onde ia para jogar críquete.

Sempre tinha receio de escutar temas religiosos e tinha chegado à China disposto a não deixar-se convencer pelo seu irmão, mas a prudente sinceridade com que este lhe falou de Cristo o impressionou tanto que ali se entregou a Deus e, em vez de prosseguir para o Japão, marchou para o interior como missionário. A ambos os irmãos chamou a atenção o zelo da jovem salvacionista. Na carta que Jorge escreveu à sua mãe, contando-lhe de sua conversão, incluía algumas linhas sobre Priscila, que diziam assim:

“Também está aqui a senhorita Stewart, recém chegada como missionária, e que tem sido maravilhosamente usada por Deus. Muitas

portas se lhe têm aberto e em muitas ela tem sido o meio para que pessoas se pusessem de joelhos em salões onde suponho que antes ninguém tinha-se ajoelhado”.

“Mas todas as coisas têm seu fim”, escrevia Carlos, pouco depois. Por que o dizia? Mui lacônica é a explicação que inseriu em seu diário, mas cheia de sugestões: “Meu irmão e eu devemos ir para o norte e a senhorita Stewart para o centro da China”. A seguir relata um episódio no qual ela era o personagem principal.

Priscila foi trabalhar em Ta-ku-kang, no interior, enquanto que Studd foi para Tai-yuen-fu, na região sul do país. Entre ambos iniciou-se imediatamente uma correspondência, que só podia dar em uma coisa.

Como “aquilo” tinha começado? Nem sequer os dois conseguiram chegar a um acordo.

A versão de Carlos é esta:

“Considero que sempre existe uma pequena dificuldade para saber como ‘aquilo’ começou. Ela diz que eu lhe escrevi. Eu digo que ela me fez saber, não com seus olhos nem com sua língua – isto ela mantinha em reserva – mas com os seus atos.

“Não me casei com ela por causa de um rosto bonito; casei-me com ela por suas formosas ações para com o Senhor Jesus e para com aqueles a quem Ele a enviou para salvá-los.

“De fato, lembro-me de uma tarde quando estava conversando com um missionário em Tai-yuen e ele me observou que eu estava comprometido com a jovem mais bonita de todo Xangai. Pois bem, eu lhe disse, com toda a sinceridade, que era uma completa surpresa para mim, pois certamente eu nunca tinha pensado em seu rosto bonito. Ainda hoje, eu acho que de todos os seus dons, o melhor é a sua boa presença”.

Priscila, por sua parte, o contava desta forma:

“Se C. T. estivesse aqui, ele lhe diria que fui eu quem propôs o casamento. Mas não foi assim. Na realidade, por certas razões, até que eu o recusei. E quando lhe dê a resposta, concordará comigo que ela é bem característica de um homem como ele.

Sua resposta foi: ‘A senhorita não tem a mente de Deus, nem segue a vontade de Deus neste assunto, mas eu as tenho. E penso que vou casar-me com a senhorita, creia-o ou não, assim pois, é melhor que pense e aceite a situação’. E que devia fazer eu? Esta é a razão porque hoje eu sou a senhora Studd”.

Parece que as evidências inclinam-se a favor do relato de Priscila. Vejamos, por exemplo, uma carta de Carlos, de 27 de julho de 1887, na qual ele escrevia:

“E agora devo dizer-lhe que, depois de oito dias de ter estado sozinho, em oração e jejum, verdadeiramente creio que o Senhor me tem mostrado que sua decisão é errada, que logo a senhorita mesma vai percebê-lo e vai mudar, se é que o Senhor não lhe mostrou já... Dia após dia, estou mais e mais certo (e não posso duvidar que esta certeza é da parte do Senhor) e a senhorita sabe muito bem como eu tenho ocupado meu tempo desde que recebi sua carta: tudo tem sido deixado de lado (ocupação, sono e comida) e tenho buscado Seu rosto e tratado de conhecer a Sua vontade e Ele me tem guiado a prosseguir. Dia após dia Ele me fala e me anima para solicitar definitivamente a sua mão”.

Aquelas cartas de amor que se cruzavam entre os dois jovens missionários são extraordinários documentos, reflexo do coração de seus autores, já que estavam mais cheias de passagens bíblicas e de planos para o serviço cristão do que do seu mútuo amor. Ela era um espírito sensível e, por isso, pediu a Carlos que queimasse todas as suas cartas, assim que todas, com exceção de uma, se perderam.

Algumas das de Studd têm sido conservadas, das quais transcreveremos alguns parágrafos como amostra do plano em que os dois cultivavam o seu afeto. São tirados de duas cartas, escritas devagar, enquanto ele se recuperava de uma grave enfermidade e têm, respectivamente, sessenta e oito e sessenta e nove páginas. Eis aqui uma amostra de seu conteúdo:

“Não será uma vida fácil, nem de felicidades a que lhe ofereço, mas de trabalho e de preocupações; de fato, se eu não soubesse que você é uma mulher de Deus, nem sonharia em convidá-la. Trata-se de ser uma companheira de lutas em Seu exército. Trata-se de viver uma vida de fé em Deus, recordando que aqui não temos cidade de refúgio nem lugar de repouso, mas apenas o único lar eterno na casa do Pai, lá em cima. Assim será nossa vida. Que o Senhor a guie”.

“Preciso escrever e contar a minha querida mãe – e também a outros - porque não posso guardar segredo disso. Só que acho graça do pouco que conheço a seu respeito, querida. Nem sequer a sua idade ou qualquer outra coisa. Só que é suficiente para mim que você seja uma verdadeira e amante filha do Senhor Jesus, que uniu nossos corações um ao outro para

trabalharmos juntos para Ele com todo o nosso coração e alma e mente até que Ele volte.

“Agora bem, o assunto da roupa para o casamento leva-me a um problema mais prático. Nada de roupas elegantes para nós. Apenas nossa roupa de cada dia e tão simples como possa ser. Concordo em nos inscrevermos no consulado e ter logo uma verdadeira reunião de ‘aleluia’ para Jesus. Somos estrangeiros e peregrinos aqui e quero que tenhamos um verdadeiro casamento de peregrinos.

“Amo você por seu amor a Jesus; amo-a por seu zelo e por sua fé nEle; amo-a por seu amor pelas almas; amo-a por amar-me. Amo-a porque Jesus tem usado você para abençoar-me e inflamar a minha alma. Amo-a porque você será sempre um incentivo para meu serviço para Jesus. Senhor, como poderei agradecer-Te por tal dom?

“Oh, Scilla, na China temos uma luta de vida ou de morte. Se nós morremos realmente cada dia, também o farão nossas almas e devemos estar preparados para isto. Se, pela graça de Deus, vivermos, será para o Capitão Alma e para o Tenente Corpo. Querida Scilla, continuemos trabalhando a favor destes chineses. Ó, Santo Espírito, não nos deixes sós, anima-nos e faze-o continuamente. Apressa-nos, ó Senhor, e faze-nos correr o caminho dos Teus mandamentos. Persisto na comida chinesa e o Senhor me tem concedido uma grande bênção por manter-me em minha posição. Mal você pode imaginar como o demônio tem tentado sempre vencer-me; ele quer indicar-me um caminho mais fácil. Foi uma pena ter que dizer aos T. que não iria comer com eles. Mais do que nunca, creio ter agido certo...

“Bem, estes pobres chineses devem pensar que nós, os estrangeiros, pensamos demais em nossos estômagos. Imagino que tem que ser bastante incômodo para os T. porque os diferentes estilos hão de provocar-lhes problemas com toalhas, guardanapos e comidas estrangeiras, enquanto que eu tenho apenas meu bolo e meus palitos. Nada de toalhas nem de guardanapos para nós, minha esposa!

“Minha receita é que você cante diariamente:

*‘Cristo, amo a Ti.
Tu és para mim
Mais querido, sempre,
Do que Charlie possa ser’ ”.*

É interessante a descrição que à sua mãe fazia dela, onde aparecem aspectos de profundidade espiritual com detalhes carinhosamente infantis.

“Suponho que você quer saber algo a respeito dela. Bem, para dizer-lhe a verdade, não posso contar-lhe muito, com exceção de sua vida espiritual e de sua vida frente ao mundo. Nem sequer sei sua idade, mas me parece que é alguns anos menor do que eu, ainda que não saiba quantos. Não é muito alta e, quanto ao seu rosto, bem, tem a beleza do Senhor seu Deus sobre ele, o que é mais valioso do que toda a beleza do mundo.

“Escreve longas e lindas cartas, sempre sobre Jesus, e naturalmente com letra grande, a não ser quando tem muito para contar. Pode subir e descer as escadas com passos enormes; também pode tocar o órgão e o harmônio e cantar um pouco, ainda que sua voz não era maravilhosa em Xangai. Gosta muito dos hinos do Exército de Salvação (como eu) e, certamente, não tem medo do rosto de nenhum homem ou de nenhuma mulher, antes a qualquer que encontra tenta evangelizar. Não consegui de maneira nenhuma uma foto dela, assim que só posso dar-lhe uma ideia de como ela é; provavelmente Jorge [seu irmão] seja mais hábil para tais descrições e será capaz de satisfazer a sua curiosidade.

“Ah, sei uma coisa a mais. Seu nome é Priscila Livingstone Steward, mas ela prefere ser chamada de Scilla (apelido curioso, não? Não sei porque não é Pris).”

Quando chegou o momento do casamento, ambos tiveram que viajar até a costa para encontrar um cônsul inglês a fim de legalizar o casamento. Previamente, em casa de Priscila, tinham feito uma espécie de cerimônia, a cargo do pastor Shi. É uma história interessante a maneira como isto aconteceu.

Shi tinha ido a Ta-ku-tang para pregar. Pela primeira vez celebrou-se naquela cidade uma reunião ao ar livre. Priscila e outras missionárias se ajoelharam enquanto Shi orava a favor das almas dos ouvintes. Ninguém se preocupou pelo fato do solo estar completamente coberto de neve.

Por causa do tempo que estiveram nesta posição fez com que a jovem pegasse uma violenta pneumonia. Tão grave foi o seu estado que seus companheiros resolveram chamar seu noivo. Como já dissemos, ele também já tinha estado enfermo, mas recuperou-se a tempo de poder vir para ver sua amada. Mal ela sarou, Shi começou a insistir que, já que Carlos tinha viajado até ali, poderiam “casar-se” em seguida. Para surpresa de todos, ele consentiu em celebrar aquele “casamento” que, na realidade, era uma espécie de compromisso e o fez para acalmar a Shi e definir de uma vez a sua situação.

A etiqueta era um assunto no qual Carlos era extremamente descuidado. O pastor tanto insistiu que Carlos consentiu em usar um

chapéu e um par de sapatos novos que ele tinha trazido. Mas aconteceu que o calçado o molestava muito e ele tirou durante a cerimônia. Pior ainda foi quando, cansado pelo esforço feito ao cuidar da noiva, ainda convalescente, adormeceu enquanto Shi estava pronunciando seu discurso. Ela tinha um cinto no qual podia ler-se esta frase: “Unidos para lutar por Cristo”.

Ao terminar a cerimônia, ambos se ajoelharam e fizeram uma solene promessa perante o trono de Deus: “Jamais um de nós impedirá ao outro de servir-Te”.

A seguir, viajaram até Tientsin, onde o cônsul inglês os casou. Seus amigos se horrorizaram pelo fato que nenhum dos dois usasse nesta ocasião roupas especiais, mas tanto Carlos como Priscila mostraram-se firmes na decisão de fazer tudo com a maior simplicidade.

E, sem esperar mais, no dia seguinte ao casamento, partiram outra vez para o interior, para começar o trabalho do Senhor numa cidade onde ainda não se conhecia a mensagem do Evangelho.

.oOo.

13

OS “TRÊS MOSQUETEIROS” MISSIONÁRIOS DO SÉCULO XX

**Jim e Betty Elliot,
Pete e Olive Faleming,**

Ed e Marilou Maccully

No famoso colégio de Wheaton, perto de Chicago, estudava em 1947 um jovem chamado Jim Elliott. Era tão piedoso e de oração como consagrado ao estudo, aos esportes e a todo aspecto jovem da vida.

No fim do ano, seu companheiro Dave Howard o convidou a passar o Natal com sua família em Birdson, Nova Jersey. “Birdson” significa “um canto de ave” e ali certamente Jim sentiu um canto novo. A “instrumentista” chamava-se Betty e era a irmã de seu amigo.

Embora isto seja adiantar o relato do que vem a seguir, não podemos deixar de lembrar que aquele primeiro olhar terminou em casamento e que ela seria a biógrafa de seu marido e nossa única fonte de informações sobre esta história. Ela diz que não percebeu nada naqueles dias, mas, ao relembrar, reconhece a luta que havia nele, ao mostrar seu interesse na jovem, cujo vigésimo primeiro aniversário compartilhou.

Ela também estudava em Wheaton e ali continuou seu relacionamento. Talvez pareça bem esquisito, mas o lugar onde se encontravam era nada menos que a mesa da sala onde ela estudava grego clássico. E parece que, às vezes, o estudo sofria bastante...

Em meados de 1948, terminado o ano letivo, Jim parou Betty um dia na sala e lhe entregou um pequeno hinário de couro, onde estava escrito – assim diz ela – “umas poucas palavras, uma citação bíblica e uma nota: Hino n° 46”.

Ela virou rapidamente as páginas e leu:

*Há algo, Senhor, aqui em baixo,
Que dívida meu coração contigo?...
Tenho uma esperança, por amada que seja,
Que adie Tua vinda, Senhor?...
Sê Tu meu objetivo, brilhante e formoso,
Que encha e satisfaça meu coração...*

Nas últimas semanas Betty já tinha percebido o que estava acontecendo. “No entanto”, diz ela anos depois, “se eu tivesse tido alguma esperança, a escolha era clara para ambos: devia ser Cristo somente”.

Saíram a passear. Só tinham saído uma vez juntos antes. Sem perceber o rumo que tomavam, chegaram a um cemitério e sentaram-se sobre uma pedra. Jim falou-lhe do que tinha no coração, mas acrescentou que tinha pensado em Abraão disposto a sacrificar a Isaque, que era o que mais amava, se o Senhor lho pedia. Ela disse que era exatamente o mesmo o que ela pensava. “Concordamos em que Deus nos dirigia. Nossas vidas pertenciam totalmente a Ele e, se devíamos aceitar o ‘sacrifício’ e consumá-lo, resolvemos não medir esforços para isto. Não havia nada mais a dizer”.

Sentados em silêncio, viram sair a lua. De repente, notaram que sua luz se projetava sobre um túmulo de tal maneira que a sombra de uma grande cruz de pedra caía precisamente entre os dois.

Ao voltar para casa, Jim escreveu a data deste dia junto a um hino que diz:

*Se Tu me chamas a renunciar
Ao que mais aprecie, nunca será meu;
Simplesmente, devolvo-Te o que é Teu.
Seja feita Tua vontade!*

Resolveram não manter correspondência durante as férias de verão. Ao reiniciarem-se as aulas, às quais só Jim retornou, ela passou por Wheaton. “Soubemos que os três meses de silêncio tenham sido uma grande prova. Tinha crescido o nosso amor mútuo, mas, quanto ao propósito de Deus em nosso namoro, não havia sinal algum”. Ele lhe emprestou seu diário para que ela o lesse, com uma nota em que expressava seus sentimentos e pouco depois escrevia a seus pais:

“Não sei quanto lhes tenho falado a respeito dela, nem que impressão tenham dela, mas por alguma razão é uma companhia que satisfaz deliciosamente e isto, é estranho, não se deve a um rosto bonito, a uma silhueta elegante ou a alguma capacidade especial de conversação... Isto é o que me chama a atenção porque objetivamente não tem nada que possa atrair meu interesse. No entanto, achamos que nossos pensamentos coincidem em milhares de minúcias, assim como em muitas coisas fundamentais”.

No dia 8 de dezembro encontramos a interessante referência a Betty no diário de Jim. Ela reconhece que às vezes lhe é difícil estudar grego e hebraico porque “anelo estar com ela ou, pelo, menos, escrever-lhe”.

No mês seguinte, ele achou receber um sinal de Deus, ao ouvir falar a um missionário do Brasil. Já tinha decidido ser um missionário e a voz

daquele homem o impressionou, mas principalmente a sua declaração de que estava dedicado a uma missão na qual devia permanecer solteiro.

“Isto foi tudo: não houve vozes, nem citações bíblicas, mas apenas a paz de uma decisão que muitas vezes chega à alma esgotada. NÃO direi que Deus me leva a uma vida de celibato. Só sei o que Ele quer agora e é que o Senhor não deseja que procure esposa até que não me dê um sinal definitivo”. São frases de uma carta para Betty.

Mais ou menos ao mesmo tempo que resolveu dedicar-se à evangelização dos índios do Equador, recebeu a notícia do casamento de um amigo. “Falar de casamento, de alianças, de flores e... lidar com a casa, tudo isto me deixa frio”, escrevia ele a seus pais.

Sua mãe lhe respondeu fazendo uma sugestão de que talvez fosse como a raposa que declara que não comia as uvas porque estavam verdes, ao que ele respondeu com toda a veemência que não tinha inveja de seu amigo e que, de maneira nenhuma, o casamento podia ser tão necessário como pretendia a boa senhora, já que nem Paulo, nem Timóteo (conforme ele supunha), nem muitos grandes cristãos, nem o próprio Senhor, eram casados.

Realmente, parecia que o Senhor os separava. Quando ele ia para o Equador, ela esteve quase indo para o Pacífico, mas antes que ele chegasse de visita a Birdson, já se tinha fechado a porta para Betty.

Ela explica assim a situação: “Se nossa experiência na direção de Deus tivesse sido outra, tudo teria sido simples: casar-nos e irmos para o Equador juntos. Por muito tempo, nenhum dos dois se tinha perguntado com quem se casaria se o casamento fosse a vontade de Deus.

Teria indicado isto o Senhor? Para os dois a resposta ainda era: NÃO”. No entanto, resolveram continuar orando para estarem certos de fazerem sempre o que Deus mandasse.

A prova de que este era o seu pensamento está em que ele, desde a selva, escrevia: “O casamento não é para mim, agora. Simplesmente, ainda não é o momento certo. Não digo e nem direi que nunca seja coisa para mim. Com tribos ainda não atingidas, que só creio possam ser atingidas por homens sem tal compromisso, não casarei.”

Além disso, Betty nos conta que “Jim tinha estado orando por algum tempo para que Deus lhe desse um companheiro com quem ir ao campo missionário, um homem solteiro, pronto para se entregar com ele ao trabalho entre as tribos.

Por algum tempo pensou que poderia ser Ed McCully, mas quando Ed se casou em junho de 1951, então ele começou a orar por outro”. O fato é que ele mesmo só se casou em 1953, o que nos faz pensar que talvez lhe

tenha custado muito mudar de idéia. Outra coisa notável é que McCully foi para o campo missionário depois dele e Pete Fleming, que seria seu companheiro, na última etapa de seu labor e martírio.

Por outro lado, Pete tinha chegado à mesma convicção de que Deus o tinha chamado para a obra missionária entre os índios sul-americanos.

Com este objetivo, iniciou uma correspondência com Jim, que frutificou na combinação de seus planos até que em 1952 partiram juntos no mesmo pequeno cargueiro.

A nós interessa esta resolução mais íntima, através de um fragmento de carta à que já era sua noiva: “Creio que um ‘chamado’ ao campo missionário não é diferente de outros meios de direção. Um chamado é apenas a obediência à vontade de Deus, quando Deus se introduz na alma por qualquer meio que Ele escolha”.

Ela chamava-se Olive Ainslie e seu romance é o mais simples e normal que se possa imaginar. Tinham-se conhecido bem desde a sua meninice e ambos tinham assistido na mesma Escola Dominical. Mas, quando aceitou a ordem de ir aos índios, “o fez com a intenção de servir a Deus, sem as responsabilidades da vida do lar... pelo menos durante o primeiro ano”. É o que conta Betty Elliott. Olive era uma moça magra e suave, de caráter tranquilo e expressão meditativa, estando disposta a esperar que Deus e o jovem cressem chegada a hora de que ela também pudesse ir ao Equador.

Mas ele levava Olive em seus pensamentos e, pelo menos, o conta em seu diário. Quando chegaram ao povoado de Shandia, no limite da selva, escreveu para si mesmo e para o seu Deus: “À primeira vista, a casa parecia espaçosa e confortável e pensei quão facilmente Olive e eu poderíamos viver nela, sentindo alegria no mútuo conhecimento. Depois nos lavamos um pouco, lavamos nossos pés cheios de barro no frio rio Napo, demos umas olhadelas ao redor e comemos arroz, mandioca e tomamos café. Agora, à luz da lamparina de querosene, estou escrevendo sobre a mesa da sala... cansado, mas cheio de gratidão ao Pai que nos dirige. Na realidade, isto não é o fim, mas o começo”.

Realmente, romântico. Naquela primeira noite na selva o fim dos seus anseios na primeira etapa da vida, à tênue luz de uma lamparina, Ed sonhava com a mocinha que o esperava na sua pátria, enquanto lá fora, a poucos passos de sua casinha, ouvia-se o rumor das árvores, o rugido das feras e o correr do caudaloso rio Napo. Perto dele, Jim possivelmente não

falasse muito. Mas não nos custa imaginar em que ele pudesse estar pensando.

Agora vamos falar do terceiro integrante do grupo. Ed McCully tinha sido amigo de Jim durante muitos anos. Em suas cartas particulares reconhecia que as orações de seu companheiro eram a causa da orientação de sua vida. Ao mesmo tempo que estudava, esforçava-se em pregar e nisto tinha uma grande capacidade e fervor. Por todos os lados, Deus ia abençoando seu mistério. E, com a mesma esperança, um dia aceitou a oportunidade de falar numa festa de gente jovem em Pontiac, no Michigan.

Ali, Deus lhe preparou uma grande bênção, mas não a que ele esperava porque esta bênção chamava-se Marilou Hobolth e era a organista da igreja onde ele devia pregar. Ela era bonita, de cabelo escuro e com todos os dons que Ed queria. Ele confessou que nos meses seguintes escreveu à jovem mais cartas do que todas as que tinha escrito ao restante das pessoas durante muitos anos. Entre outras coisas, lhe dizia assim:

“Estou orando definitivamente por duas coisas: primeiro, para que o Senhor nos dê sabedoria em nosso relacionamento, até mesmo no assunto de escrever cartas. Segundo, que em tudo o que cada um de nós tenha que ver no outro, sejamos um para o outro uma influência para uma comunhão maior com o Senhor. Não quero dizer com isso que vamos passar sermão um para o outro, mas que a nossa mútua atração seja um meio para nos atrairmos mais para o Senhor. Sei que você deseja isto mesmo”.

Formoso ideal para um namoro em pleno século XXI!

Quando se aproximava a data do casamento, que seria na Primeira Igreja Batista de Pontiac, que era a da noiva, ele lhe escreveu uma carta gozadora, que nos revela que ele não era um indivíduo insosso e santarrão.

“Dentro de um mês, a contar de hoje”, escreve-lhe no dia 29 de maio de 1951, “você terá perdido toda a sua liberdade e estará sujeita a meu férreo domínio, à minha inflexível lei e ao meu cruel comando. Você tem exatamente trinta e um dias para reconsiderar. Crê realmente ser apta para permanecer ao meu lado pelo resto da vida? Não será fácil. Muitas vezes você vai se perguntar porque chegou a casar comigo. Medite bem nisto. Agora, deixe-me dizer-lhe que a amo com todo o meu coração!”

Como bem sabemos, ela não reconsiderou.

Casaram-se e no dia 10 de dezembro de 1952, com um filhinho de oito meses, partiram para o Equador.

Começaram radicando-se em Quito para estudar o idioma. Enquanto isto, na selva, Jim e Pete preparavam a casa que seria para eles. Um dia, os McCully receberam um chamado urgente pelo rádio: uma inundação tinha destruído completamente a estação missionária em Shandia e os dois amigos se encontraram em sérias dificuldades.

“Pediam a Ed que fosse ajudá-los e, quando ele contou as notícias a Marilou, esta o apressou para que fosse logo. Ela punha muito entusiasmo em tudo e muitas vezes o animava e nos momentos difíceis. É por isso que um dia Ed confessou a Jim. “Casei-me com uma esposa muito eficiente. Ela faz planos... e me obriga a fazê-los também. E os cumprimos!”

O que tinha sido estragado foi consertado e logo os McCully se mudaram para aquele lugar, enquanto Jim e Pete se transferiram para outro mais para o interior, chamado Arajuno. Agora devemos deixar o tempo correr um pouco até que os dois solteiros resolvam casar. O primeiro foi Jim e o curioso é que assim resolveu para mudar-se para um ponto ainda mais para o interior. Provavelmente o trabalho lhe tenha ensinado certas coisas.

Em novembro de 1953, Jim e Betty chegaram a um lugar chamado Puyupungu, em uma curiosa viagem nupcial em quatro canoas, carregando todos os seus bens terrenos. Os índios os receberam com grandes manifestações de apreço, batendo-lhes nas costas, como é o seu costume, e rindo em voz alta. Ela se pôs imediatamente a estudar o idioma e chegou a ser uma eficaz ajuda para o marido.

Enquanto isto, Pete também estava mudando de ideias. Sentia-se feliz por ter podido organizar a sua vida, contar com uma acomodação sua, com seus móveis e dispor de tempo para dedicar-se ao estudo e à meditação, além do trabalho habitual. Mas o contínuo contato com os McCully e a sua vida familiar feliz lhe fez recordar Olive, que esperava nos Estados Unidos da América.

“Ele ainda não se tinha manifestado por um compromisso formal até ter passado algum tempo na selva, e aquilo chegou após um intercâmbio de correspondência. Ao contá-lo, por alguma razão, Betty nos torna a falar do aspecto físico da jovem, “uma moça magra e formosa, com sobrancelhas escuras em marcado contraste com o cabelo mais claro e os olhos azuis”.

Mas em Pete tinha-se formado a ideia de uma missão que atraía também seus amigos e outro jovem, Nate Saint, da Fraternidade Missionária da Aviação. Além das montanhas e dos quíchuas, uma tribo indígena, a dos aucas, jamais tinha ouvido falar de Cristo. Era uma

tentação. A existência do perigo fazia-os agir com cautela. Cruéis experiências tinham feito dos aucas os mais terríveis inimigos dos estrangeiros e ninguém podia atravessar seus limites sem ser morto. Durante o correr dos anos, os crimes se tinham sucedido e só um plano bem preparado e cauteloso poderia ter resultados positivos.

Em seu diário lemos a respeito de suas dúvidas. Seria lógico casar-se considerando tal objetivo? “Nate e eu passamos várias horas nesta noite conversando sobre o problema dos aucas. É bastante estranho, mas não sinto que meu próximo casamento me impeça de ajudar nos esforços para alcançá-los.

“Sendo que, se sou levado a fazê-lo, Olive preferiria saber que estou morto depois de termos vivido juntos a adiar indefinidamente nosso casamento ante a possibilidade de poder ocorrer algo fatal. Nossa vida tem chegado a ser uma só e não penso que Deus queira ter-nos separados enquanto discernimos Sua vontade quanto aos planos da Obra”.

Assim, pois, em junho de 1954, Pete foi aos Estados Unidos de América com o propósito de casar-se. Passaram um ano nas montanhas, trabalhando na tradução da Bíblia, até que no outono de 1955, se mudaram para Puyupungu, para uma casa que os Elliott tinham construído para eles. A primeira noite na selva Olive a viveu perto de um vulcão em erupção.

Os planos prosseguiram. Nate Saint era secundado eficazmente no rádio pela esposa Marjorie, a quem tinha conhecido quando era um aviador militar. Dela tinha dito em uma carta: “Entre outras bênçãos, ela é a maior. Terminou seus exames oficiais e agora é enfermeira na Califórnia. É formada pela Universidade da Califórnia, em Los Angeles; é uma ardorosa estudante da Palavra e tem um agressivo amor pelos perdidos. É a pessoa mais altruísta que conheço, depois de minha mãe. É uma moça suave, de convicção profunda, pronta para o serviço do Senhor em Sua seara”.

Marjorie demonstrou posteriormente sua capacidade missionária quando as circunstâncias tão difíceis que enfrentou puseram à prova sua fé e seu valor, ao ponto de ser verdadeiro modelo de missionária moderna.

Quase na última hora, um quinto casal se uniu aos seus planos. Roger e Bárbara Youderian, pertencentes a outra missão, foram convidados por Saint e aceitos prazerosamente pelos outros.

O resto da história é outra história, dramaticamente breve. No dia de Ano Novo de 1956 começou a “Operação Auca”, como tinham denominado o seu plano. As esposas esperariam nos vários pontos de trabalho, enquanto Saint levava seus companheiros a um rio perto dos índios,

transportando provisões e uma barraca. Durante alguns dias, o aviãozinho foi e voltou e o contato era mantido pelo rádio, anunciando algumas visitas dos índios e a partida de um grande grupo da aldeia, vista desde o ar.

Depois, o terrível silêncio, terminado quando os grupos de resgate encontraram e enterraram quatro cadáveres e acharam evidências de morte do quinto missionário. Os aucas os tinham atacado à traição e tinham posto fim a uma das mais heróicas históricas missionárias deste século.

As cinco esposas tinham-se reunido na povoação de Shell Mera. Ali receberam com cristã resignação a notícia, cuidando dos oito pequenos, que tinham ficado órfãos. Somente Olive não tinha filhos; Marilou esperava um, o qual não chegou a conhecer seu pai. Hoje as cinco prosseguem trabalhando entre os índios e têm tido novos contatos com os aucas.

Ao sobrevoar os túmulos, Olive recitou o versículo que a tinha inspirado naquela manhã: *“Sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos da parte de Deus um edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos céus”* (2ª Coríntios 5.1). E, junto com as suas companheiras, pensava, sem dúvida, que era também o seu pensamento o que Pete tinha escrito: “Olive preferiria saber que estou morto depois de termos vivido juntos a adiar indefinidamente nosso casamento pela possibilidade de poder ocorrer algo fatal”.

.oOo.